





Succ FERIN & C^a

AB 11-115 *10355* *3. A*
DICIONARIO DA LINGUAGEM DAS FLORES



LISBOA — 1869.



S. A.

DICCIONARIO

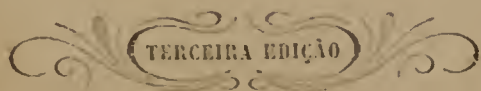
DA

Marguerite

10355-

LINGUAGEM DAS FLORES

ORNADO COM ESTAMPAS COLORIDAS



LISBOA

R. 8.197

TYPOGRAPHIA LUSITANA, RUA NOVA DA PALMA, 89 A 93

1868

PREFACIO DOS EDITORES

Por occasião de publicarmos a 1.^a edição do Diccionario da linguagem das flores dissemos que não nos preocupava a louca presumpção de editarmos uma obra em tudo perfeita, posto que realmente fosse superior ás publicações francezas analogas. O bom acolhimento porém que o publico lhe dispensou veio convencer-nos de que o nosso trabalho tinha algum merecimento real, porque duas edições successivamente publicadas se acham completamente esgotadas.

Vamos agora publicar uma terceira edição, a qual quanto ao texto não difere muito das outras duas, e no que respeita aos desenhos algumas enovações, permittiram redusir consideravelmente o preço da assignatura. Seguimos n'esta edição o conselho de pessoas muito judiciosas, de cujo bom gosto não nos é licito duvidar.

Repetimos as seguintes explicações da 1.^a e 2.^a edições.

Para fazer uso da linguagem das flores poucas regras bastam. A primeira consiste em saber que uma flor apresentada direita exprime um pensamento, e que basta invertê-la para que represente o contrario; assim um botão de rosa de musgo com seus espinhos e folhas quer dizer: *eu espero, mas receio*; dando-se o mesmo botão voltado significa: *não ha que temer nem esperar*. No bilhete que termina a obra vae um exemplo d'esta regra.

Algumas modificações feitas na flor que se offerece lhe alteram a significação. Tomemos o botão que nos serviu de exemplo desguarnecido de seus espinhos, e elle nos dirá: *ha tudo a esperar*; e desguarnecido de folhas e não de espinhos, significa: *ha tudo a temer*.

A significação das flores tambem varia, variando a posição; por exemplo: o malmequer posto no *cabello* significa *pena d'alma*; no *coração*, *pena d'amor*; no *seio* *crueis tormentos*, e na *bóca*, *eu não digo o que sinto*.

O pronome *eu* exprime-se inclinando a flor para a *direita*, e o pronome *tu* inclinando-a para a *esquerda*, a terceira pessoa collocando a flor *direita*; no plural duplicam-se as flores.

Taes são as principaes regras d'esta mysteriosa linguagem; o amor e a amisade devem juntar-lhe suas descobertas, porque só estes doces sentimentos podem aperfeiçoar o que só elles têm inventado.

PREFACIO

Desde que na terra houve uma familia, um prado, uma arvore, um regato, as flores são estimadas. Os povos do oriente que parecem ser os homens primitivos, nada imaginam de mais suave do que viver eternamente n'um jardim delicioso, rodeiado das mais bellas mulheres, e recostados sobre as mais lindas flores; as mulheres, mesmo, n'essas voluptuosas regiões não são olhadas mais do que como flores creadas para embellezar a vida, e não para partilhar os cuidados d'ella. Cultiva-se a belleza nos serralhos da Asia, como se cultiva a rosa nos jardins; e nada mais se exige da mulher do que ser bella como a rosa. Os povos religiosos que habitam as bordas do Indo e que bebem as aguas do Ganges, olham certas flores, que jamais colhem, como moradas passageiros das nymphas e das sylphides. O cuidado de tratar estas plantas de predilecção, é confiado ás bramines ainda virgens, que tambem se occupam em

entrelaçar outras para a decoração dos templos, e para os seus proprios enfeites. As jovens bayadeiras ornaram a cabeça, o collo e a cintura, de corôas, collares e cintos de flores.

No sumptuoso Egypto esta paixão foi tão grande, que Amasis, de simples particular, foi elevado a general dos exercitos do rei Partanis, por lhe haver offerecido um corôa de flores; mais tarde este mesmo Amasis sentou-se no throno do Egypto, e d'est'arte foi um throno a recompensa de uma simples grinalda.

Os gregos, discipulos dos egypcios, deram-se ao mesmo gosto; os açafates de flores que todos os dias eram levados ao mercado de Athenas, desappareciam immediatamente. Foi ali que teve logar um conflicto encantador entre Pausias, celebre pintor de Sicyonea, e a remalheteira Glycera, sua amante; era, diz Plinio, um grande prazer ver combater a obra natural de Glycera contra a arte de Pausias, que poz fim à lide retratando a sua propria amante, sentada e tecendo uma grinalda.

As flores eram não sómente então, como hoje, o ornato dos altares e adereço da belleza, mas tambem os jovens se coroavam com ellas nos jogos, os sacerdotes nas ceremonias, e os convivas nos festins. Ramalhetes e grinaldas enfeitavam as portas nas occasiões de regosijo; e o que se torna mais notavel e estranho aos nossos costumes, é que os philosophos e os guerreiros ornavam a fronte de corôas de flores, que se tornaram o premio e a recompensa do talento, das virtudes e das grandes acções.

O tempo, que aniquilou os imperios, não teve o poder de destruir esta linguagem emblematica que nos chegou

até hoje com toda a sua expressão ; as corôas de carvalho, de murta, de rosas e de louro, são ainda destinadas aos guerreiros, aos poetas e ao amor.

As flores consagradas aos deuses eram os symbolos de seus attributos e poder ; o liz pertencia a Juno, a papoula a Ceres, a abrotea aos Manes, o jacinto e o loureiro a Apollo, a oliveira a Minerva, a hera a Baccho, o choupo a Hercules, o cypreste a Plutão e o carvalho a Jupiter.

A significação, o gosto e o uso das flores passou dos gregos para os romanos, que levaram este luxo até á loucura.

Na idade media a cultura das flores foi abandonada. Nos tempos de devastação e de barbarismo a terra parece contrahir seu seio, e só conceder difficultosamente aos homens uma subsistencia precaria. O gosto das flores desenvolveu-se entre nós a par da galanteria ; o reinado da belleza foi tambem o das flores, que então tomou uma expressão, e a composição de um ramalhete deixou de ser uma cousa indifferente ; cada flor tinha a sua significação. Se um cavalleiro partia para uma expedição longiqua, o capacete ornado de goivos de Mahon e de flores de ceregeira, parecia dizer á sua bella : «Recordae-vos de mim, não me esqueçaes.»

Os turcos, como todos os orientaes, servem-se da linguagem das flores, mas têm-a corrompido misturando com a sua significação a das fitas, dos estofos, e de mil diversas cousas ; entretanto têm conservado o mais vivo gosto pelas flores, e apesar da sua avareza natural, pagam mais caro um ramalhete do que um diamante. A festa das tulipas no oriente é de uma tal magnificencia, que a sua

descrição pareceria maravilhosa nas maravilhosas paginas das *mil e uma noites*.

A descoberta do novo mundo, os viajantes, os sabios, e habeis cultivadores têm de tal maneira multiplicado as flores nos nossos jardins que o mais modesto canteiro brilha, sobretudo no outono, com os tributos da terra. Cada flor nos traz com um prazer uma nova expressão; temos procurado fixar algumas d'estas expressões, buscando na natureza de cada planta uma relação com as nossas affeições moraes. A poesia dos antigos e a mythologia offerece-nos bastantes d'estas felizes analogias, e devemos-lhes as mais doces imagens e as mais agradaveis comparações.

Não é pois preciso mais do que dar uma alma ás flores para que a sua linguagem, propagando-se successivamente, se torne um dia a linguagem universal. As corôas dos antigos foram para nós os primeiros caracteres d'esta linguagem gentil, outros os houvemos dos povos do oriente que nos offerecem os typos nas suas mais bellas flores; outros enfim são lidos n'esse livro immenso, do qual as folhas estão espalhadas por sobre a terra.







Giesta. Tapoula Esporas



Viburnum

Amarilis

Tulipa



ABOBOREIRA — GORDURA — GROSSURA — GRAVIDEZ

Os fructos d'esta planta são enormes e muito pesados. Diz-se de uma pessoa excessivamente gorda, que parece uma abobora. Esta comparação é rasteira, e sempre tomada em sentido equivoco.

ABROTEA — MINHAS SAUDADES VOS SEGUIRÃO AO TUMULO

Os antigos plantavam a abrotea junto dos tumulos, e acreditavam que alem do Acheronte as sombras divagavam em uma vasta planicie de abroteas, bebendo as aguas do rio do esquecimento.

ACACIA BRANCA — AMOR PLATONICO

Os selvagens da America consagram a acacia ao genio dos castos amores; fazem seus arcos do pau incorruptivel d'esta arvore, e armam as flexas de um de seus espinhos.

Estes arrogantes filhos do deserto, que nada os pôde submeter, concebem um sentimento cheio de delicadeza que, pôde muito bem ser, não sabem exprimir por palavras, mas do qual acham a expressão em um ramo de acacia florida. A joven selvagem, como a coquette das cidades, entende esta linguagem seductora, e recebe, correndo, a homenagem d'aquelle que soube tocá-la por seu respeito e por seu amor.

Ha mais de um seculo que as florestas do Canadá nos cederam esta bella arvore. O botanico Robin, que primeiro a trouxe a França, lhe deu o seu nome, chamando-lhe *acacia robinica*. A acacia, desenvolvendo em nossos bosques sua sombra agradável, suas flores odoríferas, e sua suave e fresca verdura, parece prolongar ahí a primavera. O rouxinol folga de confiar seu ninho a este novo habitante de nossos climas; este musico dos bosques, como confiado na protecção que os fortes e longos espinhos da acacia promettem á sua prole, desce algumas vezes aos ultimos ramos da arvore, para nos fazer ouvir de mais perto os seus arrebatadores concertos.

ACACIA ROSA — ELEGANCIA

A arte do toucador nada tem descoberto de maior frescura e elegancia do que o adorno d'este bello arbusto: suas attitudes inclinadas, o verde gaio da folhagem, e os bellos cachos de flores côr de rosa, que assimilham ondas de fitas, tudo lhe dá a apparencia de uma elegante em trajo de baile.

AÇAFRÃO — NÃO ABUSEIS

O açafrão é uma planta bulbosa que floresce no outono, e que dá uma flor azul misturada de escarlate e purpura, do meio da qual saê um martinete dividido em tres filetes que se colhem, e depois de seccos se empregam na medicina, na tinturaria, e mesmo na cozinha.

Uma ligeira infusão de açafrão produz a alegria, mas tomada em excesso produz a loucura; o mesmo acontece com o seu cheiro, que respirado ligeiramente reanima o espirito, mas em excesso mata.

ACANTHO — ARTES

O acantho, que tambem é conhecido pelo nome de *herva gigante* ou *branca ursina*, é notavel por suas bellas folhas recortadas, e cuja extremidade se recurva naturalmente. Esta planta folga e dá-se bem nos paizes quentes nas margens dos grandes rios; todavia cresce facilmente nos nossos climas.

Os antigos, tão cheios de gosto, ornavam seus moveis, vasos e vestidos preciosos com as folhas do acantho tão agradavelmente recortadas. Virgilio diz que o vestido de Helena tinha bordado em relevo uma grinalda de acantho; e este divino poeta sempre que queria louvar uma obra de grande preço, decorava-a de acantho.

Este encantador modelo das artes tornou-se o seu emblema, e póde tambem ser considerado como emblema do genio que cresce e se desenvolve com as difficulda-

des, assim como o acantho quando encontra obstaculo ao seu crescimento, redobra de força vegetativa.

Conta-se que o architecto Callimaco, passando junto ao tumulo de uma joven morta havia um anno, e pouco antes da conclusão de um feliz consorcio, se approximou commovido para ali lançar flores : mas uma offrenda d'este genero havia precedido a sua. A ama que creára a joven, juntando as flores e o véu que deviam servir-lhe de ornato no dia de suas nupcias, as tinha mettido em um pequeno cesto, o qual, coberto com uma larga telha, foi collocar sobre uma planta de acantho que crescia junto ao tumulo. Na primavera seguinte as folhas do acantho cercavam o cesto, mas encontrando as bordas da telha, se recurvaram e arredondaram em suas extremidades. Callimaco surprehendido d'esta decoração campestre, que parecia uma obra das Graças em pranto, fez d'ella o capitel da columna corynthea, ornato magnifico e encantador que ainda hoje admirâmos e imitâmos.

ACHILLEA — GUERRA

Esta planta tem a propriedade de cicatrizar todas as feridas feitas pelo ferro ; e diz-se que o heroe d'onde deriva o seu nome curou com ella as feridas de Telépho.

ACONITO — VINGANÇA

Os antigos conheciam a especie d'esta planta, que se chama *napello* ou *mata lobos*, como um veneno energico empregado mais de uma vez como arma de vingança.

ADONIDA — DOLOROSAS LEMBRANÇAS — DOLOROSAS RECORDAÇÕES

Adonis, origem d'esta planta, foi morto por um javali. Vênus que por elle deixára as delicias de Cythera, deramou lagrimas sobre a sua sorte que não foram perdidas, porque a terra as recebeu e produziu logo uma delicada planta que se cobriu de flores simillhantes a gotas de sangue. Flores brilhantes e passageiras, fieis emblemas dos prazeres da vida, vós fostes consagradas pela propria belleza ás dolorosas lembranças.

ADOXA — FRAQUEZA

Esta planta, vulgarmente chamada *hera d'almiscar*, tem um aroma tão doce e ligeiro, que agrada mesmo áquellas pessoas que têm pelo almiscar uma repugnancia particular. É commum nos bosques; seu nome generico *adoxa* deriva do grego, e significa *sem brilho e sem gloria*.

AGNOCASTO — FRIEZA — VIVER SEM AMAR

As sementes d'esta planta foram antigamente usadas na medicina como refrigerantes e antiaphrodisicas, ou capazes de embotar a sensualidade.

Dioscorides, Plinio e Galiano dizem-nos que as sacerdotizas de Ceres faziam a cama virginal de ramos odoríferos d'esta planta, que se cobre de longas espigas de flores brancas, purpurinas ou rouxas, as quaes ellas olhavam como o palladio de sua castidade.

Estas religiosas bebiam uma agua distillada dos ramos do agnocasto, para affastar de suas cellas solitarias pensamentos terrestres. Muitas ordens de monges traziam habitualmente uma navalha, cujo cabo era de agnocasto, como um meio seguro de tornar os corações insensiveis.

Assim este bonito arbusto foi sempre o emblema da *frieza*.

AGRIMONIA — GRATIDÃO — RECONHECIMENTO

Esta planta, tambem conhecida pelo nome de *religiosa dos campos*, é uma linda campanula, cujas flores do mais puro gridelem estão suspensas em fôrma de campainhas. Madame de Chasteney diz no seu calendario de Flora, que este nome lhe foi dado pela similhança dos calices despojados de flores com as pequenas campainhas dos eremiterios; mas Mr. Aimé Martin e Madame de La Tour são de opinião que deve este nome de *religiosa dos campos* ao reconhecimento e gratidão em honra de alguma boa e compadecida hospitaleira.

ALAMO BRANCO — TEMPO

O alamo branco é uma arvore que eleva a mais de noventa pés a sua soberba cabeça sobre um tronco direito, coberto de uma casca prateada. A antiguidade consagrou-o ao tempo, porque as folhas, que estão em agitação continua, e que são de um lado escuras e pelo outro brancas, representam a alternativa do dia e da noite.

ALAMO NEGRO — CORAGEM — VALOR

Esta arvore é consagrada a Hercules, e como tal o emblema da coragem.

ALECRIM — QUERO FALLAR-TE

O nome d'este arbusto vem do arabe *alectil* que significa corôa; dá-se com grande abundancia e sem cultura nos paizes meridionaes da Europa, e tambem se cultiva nos jardins. O producto da distillação do alecrim é a *agua da rainha da Hungria*. As folhas são aromaticas; queimadas purificam o ar e são estimulantes. É enviando uma haste d'esta planta que o jovem pagem pede uma entrevista ao objecto dos seus cuidadss, á escolhida do seu coração.

ALECRIM DO NORTE — VOSSA PRESENÇA ME REANIMA

Ao cheiro agradável que de si exhala, deve a sua significação.

ALFACE — ESMORECIMENTO — RESFRIAMENTO

Venus depois da morte de Adonis, deitou-se sobre uma cama de alfaces, a fim de extinguir o fogo de um inutil amor.

ALFAZEMA — DESCONFIANÇA

Esta planta, de um cheiro fortemente aromatico; cresce

espontaneamente nas collinas e ao longe dos caminhos pedregosos. Julgava-se outr'ora que o aspide, especie de vibora muito perigosa, se occultava habitualmente entre a alfazema, motivo pelo qual só a ella se chegavam com *desconfiança*.

ALFENEIRO — DEFEZA — PROHIBIÇÃO

Porque, dizia uma joven mãe de familia ao veneravel pastor da sua aldeia, não fizestes collocar uma palissada em logar d'essa sebe de alfeneiros floridos que cêrca o vosso jardim? O pastor respondeu-lhe: quando vós prohibis a vossos filhos um prazer perigoso, a prohibição se embellece em vossos labios com um terno sorriso, e o vosso olhar o acaricia; e se elle se agasta, vossa mão maternal lhe offerece um bonito que o consola; assim a sebe de um pastor deve afastas os indiscretos, e offerecer flores áquelles mesmos que repelle.

ALFINETE COR DE ROSA — TENDE VALOR

É esta a significação que o *Diccionario turco* attribue a esta planta.

ALMEIRÃO BRANCO — BAINXEZA

A semente do *almeirão* germina na terra; porém logo que as hastes encontram as de alguma outra planta, aferam-se a ellas, sua radícula sécca, e então vive inteiramente á custa alheia. Similhante a um vil parasita, esta

planta absorve todo o succo do seu sustentaculo, e termina por fazel'o perecer.

ALOÉS — AMARGURA — DESGOSTO

O aloés apenas se prende ao terreno por muito fracas raizes, folga de crescer no deserto, e tem um sabor terrivelmente amargo. Assim o desgosto afasta-nos do mundo, separa-nos da terra, e enche os nossos corações de amargura.

Esta planta vive quasi inteiramente do ar, e affecta fórmas singulares e bizarras. Le Vaillant encontrou especies muito variadas nos desertos de Namaquez; umas têm as folhas de seis pés de comprimento, são espessas e armadas de um longo dardo; do centro d'estas folhas nasce uma haste delgada da altura de uma arvore, toda guarnecida de flores; outras elevam-se como cactos, todas erigidas de espinhos; outras ainda são marmoreadas e semelhantes a serpentes que rojam sobre a terra. Brydone viu a antiga cidade de Syracuse toda coberta de grandes aloés em flor; as hastes elegantes davam ao promontorio que borda a costa o aspecto de um bosque encantado.

AMARANTHO — IMMORTALIDADE

O amarantho é o ultimo presente do outono. Os antigos tinham associado esta flor ás honras supremas, ornando com ella a fronte dos deuses. Algumas vezes os poetas a têm reunido ao triste e negro cypreste, querendo assim exprimir que as suas saudades estavam li-

gadas a immortaes lembranças. Homero diz que nos funeraes de Achilles os thessalios se apresentaram com a cabeça coroada de amarantho. O amor e a amizade se têm tambem ornado de amarantho. A rainha Christina de Suecia, que se quiz immortalisar renunciando ao throno para cultivar as letras e a philosophia, instituiu a ordem dos cavalleiros do amarantho. A decoração d'esta ordem é uma medalha de oiro ornada de uma flor de amarantho em esmalte, com a legenda: *dolce n'ella memoria* (em sua doce lembrança.)

Nos jogos florestaes de Tolosa, o premio dos mais bellos cantos lyricos é um amarantho de oiro. Clemencia Isaura fez d'esta flor o emblema da immortalidade.

AMARILIS — ALTIVEZ — FERREZA — ORGULHO

Os jardineiros dizem que o amarilis, de que ha uma grande variedade, são plantas *altivas*, porque as mais das vezes recusam flores aos seus vigilantes cuidados, o que realmente é pena, sobre tudo a respeito dos lirus de Guernesey, flor encantadora que se assimilha no porte e dimensões á *tuberosa*, e que sendo de uma côr vermelho-cereja, parece, vista ao sol, semeada de pontos de oiro.

AMEIXIEIRA — CUMPRIR VOSSAS PROMESSAS

Todos os annos as ameixeiras se cobrem de uma multidão de flores; porém se a mão d'um habil cultiva-

der, ou o rigor do tempo as não despoja d'este luxo inútil, só produzem abundantemente de tres em tres annos, não cumprindo o que promette a sua grande florecencia.

AMEIXIEIRA SILVESTRE — INDEPENDENCIA

Esta arvore é a menos docil das nossas indigenas. Não soffre corte, nem transplantação, e é este o motivo por que o damasqueiro se enxerta na ameixieira mansa. Esta falta de condescendencia aos cuidados do cultivador, a fez o emblema da independencia.

AMENDOEIRA — IMPRUDENCIA — LEVIANDADE — TRAVESURA

Emblema da leviandade, a amendoeira responde á primeira chamada da primavera. Nada ha tão loução e tão agradável, como esta bella arvore quando apparece no meiado de fevereiro, coberta de flores, no meio de nossos pomares, ainda despojados. As geadas tardias destroem frequentemente os germens muito precoces de seus fructos; mas por um effeito bem singular, longe de murchar-lhes as flores, parece dar-lhes um novo brilho.

A fabula dá á amendoeira uma origem tocante. Conta que Demophon, filho de Theseo e de Phedra, foi lançado por uma tempestade, quando voltava do cerco de Troia, sobre as costas da Thracia, onde reinava então a bella Phyllis. A joven rainha acolheu benignamente o principe, perdeu-se de amores por elle, e despozou-o. Chamado

a Athenas por morte de seu pae, Demophon prometteu a Phyllis que voltaria em um mez, e fixou o momento da sua chegada. A terna esposa contou todos os minutos da ausencia, até que chegando o dia tão desejado, correu nove vezes á praia, mas perdida toda a esperança ali caiu morta de dor, e foi transformada em amendoeira. Demophon voltou tres mezes depois; desolado fez um sacrificio sobre as bordas do mar para apaziguar os manes da sua amante, que pareceu sensivel ao seu arrependimento e á sua volta, porque a amendoeira que a encerrava floreceu de repente, e Phyllis provou por este ultimo esforço que a morte mesmo não tinha alterado a sua afeição.

AMOR DE HORTELÃO — ASPEREZA — RUDEZA

O *aspero e rude* amor de hortelão, que não tem belleza nem utilidade, é sem cessar banido de nossos campos, aos quaes volta incessantemente.

AMOR PERFEITO — EU PENSO EM VÓS — PENSAR EM MIM — EXISTO SÓ PARA TI

Do seu nome francez *pensée* (pensamento) tira esta flor a sua significação, entre nós muito conhecida e vulgar.

AMOREIRA BRANCA — SABEDORIA

Os antigos reputavam a amoreira branca a mais sábia das arvores, porque se demora em desenvolver as folhas. Diz-se por contraposição : louca amendoeira, sábia

amoreira; porque a amendoeira é sempre a primeira a florir. Um ramo de amendoeira unido a outro de amoreira, exprime que a prudencia e a sabedoria devem sempre moderar a actividade.

AMOREIRA PRETA — EU NÃO VOS SOBREVIVEREI

É bem sabida a historia de Pyramo e Thisbe, que La Fontaine nos conta de um modo tão tocante.

Pyramo, julgando que a sua querida Thisbe fôra devorada por uma leoa enraivecida, mata-se de desespero. Thisbe, afastada pelo susto que lhe incutira a leoa, volta e vê expirar o seu amado Pyramo, não pôde sobreviver-lhe, e o mesmo punhal reune de novo os dois amantes.

Junto do lugar onde os dois amantes deram provas de tão excessivo affecto, crescia uma amoreira branca até então, cujos fructos tintos pelo sangue dos dois amantes, foram d'ahi em diante de um vermelho tão carregado que parecem pretos.

ANANÁS — VÓS SOIS PERFEITA

O fructo do ananás, cercado da sua bella folhagem e sobrepujado de uma coroa que serve para a sua reproducção, assimilha-se a uma pinha esculpida em uma massa de oiro desmaiado: é tão bello que parece expressamente creado para o prazer dos olhos, tão delicioso que reune em si o sabor variado dos nossos melhores fructos, e tão cheiroso que merecia ser cultivado só pelo seu perfume.

ANEMONA — ABANDONO — ESQUIVANÇA

Anemona foi uma *nympha* amada de Zephiro; Floraciola, baniu-a de sua côrte e a metamorphoseou em uma flor que desabrocha sempre antes da chegada da primavera. Zephiro abandonou esta infeliz belleza ás caricias do duro Boreas, que, não podendo fazer-se amar, a agita, entreabre e murcha logo.

Uma anemona com esta legenda, *brevis est usus* (seu reinado é curto), exprime maravilhosamente a passagem rapida da belleza.

ANEMONA DOS PRADOS — DOENÇA

Em algumas provincias de França imagina-se que a flor da anemona dos prados é tão perniciosa que tem o poder de envenenar o ar, sujeitando aquelles que respiram as suas emanações ás mais horriveis doenças.

ANGELICA — ESTASIS — INSPIRAÇÃO

Esta bella planta, que cresce nas regiões mais remotas do norte, serve de coroa aos poetas lapões, que se julgam inspirados por seu suave perfume.

AQUILEGIA — BRINQUELO — LOUCURA

As lindas flores da aquilegia assimilham-se ás roquinhas com que brincam as creanças. Alguns fazem d'ella o em-

blema da loucura por acharem semelhança entre esta flor e o sceptro com uma cabeça em cima, symbolo da loucura.

ARGENTINA — ALVURA

A argentina é o *Myosotis* dos jardineiros. Nada ha de maior belleza do que a alvura d'esta linda e pequena planta; da qual se fazem guarnições de um effeito encantador, e que contrastam admiravelmente com a verdura dos gazons que a cercam.

A parte inferior das folhas é de um branco brilhante e como prateado, e é a esta particularidade que ella deve a sua significação.

ARISTOLOCHIA — TYRANNIA

Genero de planta com flores monopetalas e irregulares, em fórma de busina infumada na base. *Ha uma especie de Aristolochia, cujo succo faz morrer as serpentes.*

ARREBENTA-BOI — BELLEZA SEM BONDADÉ

Esta planta, conhecida tambem pelo nome de herva-moi-ra, apresenta-se coberta de um fructo ou bagas de côr vermelha que a tornam bella, mas que sendo comidas pelos bois tem a propriedade de os fazer arrebentar.

ARRUDA — BONS COSTUMES

Julga-se que o Moly (alho magico,) que Mercurio deu a

Ulysses para impedir o effeito magico das bebidas de Circe, era uma raiz da arruda brava.

ARTEMIZA — VENTURA

Ouçamos a respeito d'esta planta Madame Charlotte de La Tour.

«Amavel flor, eu não hei jamais esquecido que tu protegiste a minha infancia; eu não hei jamais olvidado esses tempos de ventura em que a minha boa aia vinha, na vespéra de S. João, ornar meus louros cabellos de uma coroa de artemiza.

«Abraçando-me, me dizia: Querida filha, eis-te preservada por meus cuidados de todas as desgraças, de todos os soffrimentos, do maligno espirito, e da maldade dos homens. Eu correspondia com ternas caricias a seus cuidados; meu joven coração abria-se á confiança; os espiritos e os maus eram para mim uma mesma cousa; temia-os sem n'elles erer. Ah! que não possa eu ainda ornada de uma grinalda de flores oppor aos pezares da vida uma innocente superstição.»

Não se pense todavia que a artemiza é uma planta sem reputação e sem virtude; eis o que em sua honra diz Plinio:

«A gloria de dar nome ás plantas não tem só pertencido aos homens, mas tem tambem inflamado o cerebro das mulheres que têm querido d'ella tomar parte, porque a rainha Artemiza, mulher do rico Mausolo, rei de Caria, tanto fez que baptizou com o seu nome uma planta que outr'ora se chamava *Parthenis*. Ha entretanto



Primavera. Congossa. Alfarema.



Cravos Goivos. Hepatica.

alguns que querem que o nome de Artemiza fosse dado a esta planta em honra da deusa *Artemis Ilithya* (Diana) porque esta herva é particularmente favoravel ás mulheres.

«Effectivamente Hippocrates, Dioscolides, Galiano, Zacuto Luzitano, e de nossos dias o sabio professor Gilbert, assim como o celebre Alibert, têm todos preconizado as qualidades da artemiza.

«Amavel planta, quanto cheia de confiança em tuas virtudes sobrenaturaes, eu me julgava preservada por ti de toda a especie de males, ignorava então que uma grande rainha tinha outr'ora disputado a uma deusa a gloria de dar-te o seu nome; ignorava que os sabios da antiguidade e os doutos de nossos dias, se houvessem occupado das tuas virtudes salutaes: mas esta vã erudição nada tem acrescentado ao meu reconhecimento. Se alguma vez perdida nas campinas eu te encontro, meu coração bate, minhas lagrimas correm, e as recordações da minha feliz infancia, das fogueiras de S. João, da minha pobre aia, e das grinaldas de flores de que ella fazia depender o meu destino, vem todas apresentar-se ao meu espirito. Doces lembranças, vós embellezareis sempre a minha vida! Eu te saúdo, encantadora artemiza, porque te devo ainda um instante de *ventura!*»

ASSEMBLÉAS — IGUALDADE

Aindaque esta flor exige poucos cuidados, comtudo o seu desenvolvimento é mais rapido, as suas flores maiores e mais numerosas, quando semeando-as em terra bem preparada se expõem ao sol e regam abundantemente. As

assembléas crescem de tres a cinco palmos, e as suas flores formam uma copa tão igual e tão plana, que por este motivo são consideradas como emblema da igualdade.

ASTER DE FLOR GRANDE — ÚLTIMA LEMBRANÇA

Esta planta começa a desabrochar quando todas as outras se tornam raras. É como um ultimo adeus de Flora, que ainda nos sorri deixando-nos.

AVELEIRA — RECONCILIAÇÃO

Tempo houve em que nenhum laço unia os homens entre si; surdos aos brados da natureza, o amante abandonava a amante apenas saído de seus braços, a mãe arrancava ao filho expirante o fructo selvagem com que elle queria matar a fome. Se a desgraça os unia um momento, bem depressa a vista de um carvalheiro carregado de bolotas ou de uma faia carregada de fructos os tornava inimigos. Nesse tempo a terra estava coberta de luto. Não havia nem lei, nem religião, nem linguagem; o genio do homem era desconhecido, a sua razão dormitava, e muitas vezes ostentava tanta braveza como as feras, das quaes imitava os bramidos.

Os deuses compadeceram-se dos homens; Apollo e Mercurio presentearam-se e desceram á terra. O deus da harmonia recebeu do filho de Maia uma casca de tartaruga de que fizera uma lyra, e deu-lhe em troca uma vara de avelera que tinha o poder de fazer amar a virtude, e de reconciliar os corações separados pelo odio e pela inveja.

Assim armados os dois filhos de Jupiter se apresentaram aos homens. Apollo cantou então a sabedoria eterna que creou o universo; disse como foram creados os elementos, como o amor uniu em doce laço todas as partes da natureza, e finalmente como os homens devem apaziguar por meio de preces a colera dos deuses. À sua voz viram-se as mães pallidas e tremendo avançar com seus filhos nos braços, suspender-se a fome, e a vingança fugir de todos os corações. Então Mercurio tocou os homens com a vara que lhe dera Apollo, soltou-lhes a lingua e ensinou-lhes a exprimir o pensamento por palavras. Em seguida convenceu-os que a união faz a força, e que nada se póde obter da terra sem um mutuo soccorro.

A piêdade filial e o amor da patria nasceram á sua voz para unir o genero humano, e elle fez do commercio os laços do mundo.

O seu ultimo pensamento foi o mais sublime, porque o consagrou aos deuses, ensinando os homens a aproximarem-se d'elles pelo amor e pela beneficencia.

Ornada de duas pequenas azas, e enleada de serpentes, a vara da aveleira dada ao deus da eloquencia pelo deus da harmonia, é ainda hoje sob o nome de caduceo o symbolo da paz, do commercio e da *reconciliação*.

AVENCA — DISCRIPÇÃO

Até hoje os botanicos têm em vão estudado esta planta, que parece occultar a suas sabias indagações os segredos de suas flores e de seus fructos, confiando só ao Zephyro os germens invisiveis de sua prole. Este deus

escolhe elle só o berço de seus filhos, e folga algumas vezes em formar de seus fluctuantes cabellos o véu sombrio que esconde ás vistas curiosas a caverna onde dorme desde o começo dos seculos a naiade solitaria; outras vezes transporta-os sobre suas azas e os faz desabrochar em estrellas de verdura no cimo das torres de um velho castello, ou os dispõe em ligeiros festões, e decora com elles os frescos e sombrios logares preferidos dos pastores. Assim a avenca faz falhar a sciencia, occultando sua secreta origem aos olhos os mais penetrantes; mas responde apressada por seus beneficios á mão que a interroga.

AZAREIRO — PRAZER TARDIO

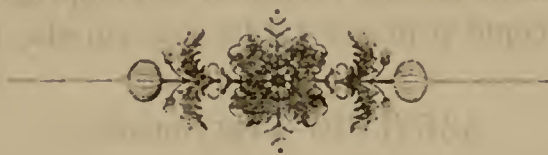
Este arbusto tem as folhas semelhantes ás do loureiro, sempre verdes, inteiras, luzidias e levemente dentadas; as flores são esbranquiçadas e em ramalhetes axilares; e o fructo é da feição da ginja com caroço brando e oval. Tanto as flores como as folhas têm um cheiro agradável de amendoa amarga. O azareiro floresce no principio da primavera; é agradável á vista, porém torna-se perigoso nos jardins por causa dos seus funestos effeitos venenosos, que fazem mesmo receiar o seu emprego como remedio. É como o prazer tardio que agrada, mas envenena.

AZEVINHO — PREVIDENCIA

A providencia da natureza mostra-se de uma maneira bem admiravel n'esta bella planta. Os grandes azevinhos

que crescem em abundancia na floresta de Needwood têm uma cinta de folhas erriçadas de espinhos que se eleva até oito ou dez pês de altura, e d'ahi para cima deixam de ser uma defensa, e tornam-se brandas e unidas ; a planta não tem já necessidade de armar-se de inimigos que não a podem offender. Esta arvore do verde o mais brilhante é o ultimo ornamento dos nossos bosques despojados pelo inverno ; as suas bagas servem de alimento aos pequenos passaros que não deixam os nossos climas, e a sua folhagem lhes serve na má estação para os acobertar. Os gamos e os veados mesmo procuram n'ella um abrigo, e occultam-se atraz da neve que se amontoa em torno d'ella, escorregando sobre suas folhas dispostas como as telhas de um pavilhão chinez, cuja fórmula elegante e pyramidal esta arvore affecta.

Não parece pois que a natureza, por uma terna *previ-*
dencia, conserva todo o anno a verdura d'esta bella arvore, e a arma de espinhos para occorrer ás necessidades e á defensa dos seres innocentes que n'ellas procuram um refugio ? É um amigo certo que sua mão poderosa lhes conserva para a occusão incerta em que tudo parece abandona-los.





BALSAMINA — IMPACIENCIA

As capsulas que contêem os grãos d'esta planta apresentam um alojamento com cinco divisões. Proximo da maturidade cada uma d'estas divisões se enrola sobre si mesmo ao mais ligeiro toque, e *impaciente* arremessa ao longe as sementes por um movimento espontaneo.

Os botanicos dão tambem a esta planta o nome de *impaciente* ou de *noli me tangere* (não me toqueis), pela propriedade que dissemos ter.

BALSAMO DA JUDÉA — CURA — RESTABELECIMENTO

Este balsamo exquisito, tão justamente apreciado pelos antigos, parece ter sido preparado pela natureza para suavisar os nossos males. Tambem em sentido moral e figurado empregâmos muitas vezes a palavra balsamo para exprimir tudo o que modifica e mitiga nossos pezares. A virtude beneficente e a terna amisade são os verdadeiros

balsamos que curam as chagas do coração, mais insupportaveis mil vezes que os males physicos.

BARDANA — IMPORTUNIDADE

A bardana apodera-se dos bons terrenos, d'onde é muito difficil extirpa-la; todos conhecem as suas sementes que se aferram aos vestidos de uma maneira bem *importuna*.

BATATA — BENIFICENCIA

A batata é o apanagio dos desgraçados. Este alimento escapa ao monopolio do commercio, porque não se conserva por mais de um anno. Modesta como a verdadeira caridade, a batata occulta seus thesouros, obriga os ricos e nutre os pobres. A America fez-nos presente d'esta beneficente planta que para sempre banii da Europa o mais terrivel dos flagellos, — a fome.

BERBERIS — AZEDUME

O fructo do berberis é excessivamente azedo; o arbusto que o dá é armado de espinhos, e as flores têm uma tão grande irritabilidade que, ao mais leve toque, todos os estames se curvam para o pistilo, ao qual adherem por muito tempo. Assim este arbusto tem todos os caracteres das pessoas de humor acre e difficil.

BETONICA — EMOÇÃO

Planta labiada, muito commum e cujas folhas promovem os espirros. O seu cheiro, que é dos mais penetrantes, produz *emoção* quando se respira.

BICO DE GROU — TOLICE

Madame, a baroneza de Staël, enfadava-se todas as vezes que alguém tentava introduzir na sua sociedade um homem sem espirito. Um dia um dos seus amigos atreveu-se a apresentar-lhe um joven official suiso da mais amavel figura. A baroneza, seduzida pela apparencia, animou-se e disse mil cousas lisonjeiras ao mancebo, que lhe pareceu ao principio mudo de surpresa e admiração; porém como se passasse mais de uma hora sem elle abrir a bôca, começou a desconfiar um pouco do seu silencio, e lhe dirigiu immediatamente perguntas tão directas que exigiam prompta resposta. Ai de mim! o desgraçado não respondeu senão tolices. Madame de Staël voltou-se então, enfadada de ter gasto o seu tempo, e o seu espirito, para o individuo que lhe apresentára o official, e disse lhe: «Na verdade, senhor, vós vos assimilhaes ao meu jardineiro, que julgou obsequiar-me trazendo-me esta manhã um vaso de bicos de grou; mas previno-vos que lhe mandei levar essas flores, prohibindo-lhe de tornar a apresentar-m'as.» «E porque?» perguntou o mancebo assombrado. «Ê, vistoque o quereis saber, senhor, porque esta flor atavia-se com um bello vestido encarnado, e emquanto se olha agrada á vista, mas

quando se prime ligeiramente exhala um cheiro importuno e insupportavel.» Dizendo estas palavras, a baroneza levantou-se e saiu da sala, deixando, como é facil de imaginar, as faces do mancebo tão vermelhas como a farda, ou como a flor á qual tinha sido comparado.

BOAS NOITES — ACANHAMENTO — TIMIDEZ

Esta planta é originaria do Mexico e do Perú. As suas lindas florinhas só abrem depois do sol posto para gosarem da frescura da noite, fechando no dia seguinte logo que começa a amanhecer, como temendo o brilho da aurora, e d'isto provém o seu nome.

Como as pessoas *acanhadas* e *timidas* fogem e evitam ser vistas, assim esta linda flor parece querer occultar-nos os seus encantos.

BOLSA DE PASTOR — INDIFFERENÇA

A primavera, essa bella estação que anima todos os seres e que inspira aos poetas tão doces e amorosos cantos parece passar desaperecebida para esta planta, que nos apresenta sempre sua verde folhagem e seus corymbos inodoros; e a maior parte das vezes a mão do jardineiro, para colher as sementes, tem de arrancar o véu florido que presiste em cobri-las.

A maternidade não a murcha conserva suas galas e louçania até á decrepitude; e se o seu brilho nos lembra o das outras flores, é mais para nos consolar da

sua ausencia do que para nos recordar suas graças e doces perfumes. É sem duvida por causa do seu aspecto monotono, que as mulheres do Oriente, que inventaram a linguagem das flores, fazem d'esta planta o symbolo da *indifferença*.

BONS DIAS — GARRIDA — GARRIDICE — NAMORADEIRA —
PRETENCIOSA — VOLUBILIDADE

Mal a aurora desponta nos céus
Desabrochas florzinha mimosa,
Dás ao Zephyro, que te ama, um adeus.
E ás borboletas que aadejam, vaidosa
Mil beijos aceitas dos seus.
Coquettes, n'esta flor inconstante
De vossa indole tendes o emblema,
Apraz-vos o amor d'um instante,
Brilhar é vossa arte suprema,
Só amaes o prazer delirante.

BORDO — RESERVA

Faz-se do bordo o emblema da reserva, porque as suas flores tardam em abrir, e caem com extrema lentidão, e toda a sua vegetação se faz com uma especie de prudencia e economica *reserva*.

BORRAGEM — DESCORTEZIA — GROSSERIA

As folhas d'esta planta são asperas, picantes, felpudas

e rugosas; mas toda a planta é salutar; seus benefícios fazem supportar, e mesmo esquecer a sua rude apparencia, o que nos recorda que as mais das vezes a *grosseria* é companheira da bondade.

BOTÃO DE CRAVO BRANCO — ESPERO RESPOSTA

O uso tem consignado esta significação ao botão de cravo branco.

BOTÃO DE CRAVO ENCARNADO — ATTRACTIVO

As graças, a pequenez e delicadeza das creanças nos encantam e attrahem; é por isso que o botão do cravo vermelho é o emblema do attractivo.

BOTÃO DE CRAVO ROXO — AMOR HUMILDE E DESGRAÇADO

O cravo é o emblema do amor; a côr roxa, o emblema da tristeza e humildade: da combinação d'estes dois emblemas resulta para o botão de cravo roxo a significação que se lhe attribue.

BOTÃO DE OIRO — IRRISÃO — ZOMBARIA

Quem não conhece esta pequena e linda flor, de um amarello doirado e luzente? Variedade do rainunculo dos prados, gosta do ar livre e do sol, e sobresae vivamente sobre a côr mais pallida das flores que a cercam. O succo de suas raizes pôde causar a morte.

É semelhante á *zombaria*, que muitas vezes innocent na apparencia fere tão profundamente, que mata.

BOTÃO DE ROSA DE ALEXANDRIA — RECIPROCIDADE

Depois que o amor animou o mundo, as rosas coraram e as jovens tornaram-se sensíveis; e se o botão de rosa branca significa o coração da joven insensível, o coração d'aquellas, que mais corresponde á chamma que n'elle atear a vista do objecto amado, deve ser emblematisado pelo botão da rosa que mais incendiada côr apresenta, e esta é sem duvida a de Alexandria.

BOTÃO DE ROSA BRANCA — CORAÇÃO QUE NÃO CONHECE O AMOR

Antes do sopro do amor ter animado o mundo, todas as rosas eram brancas, e todas as jovens insensíveis.

BOTÃO DE ROSA DE CEM FOLHAS — VIRGINDADE

De tempos immemoriaes o botão de rosa de cem folhas é o symbolo e emblema da *virgindade*.

BOTÃO DE ROSA DE JERICÓ — NÃO POSSO

Esta flor, comquanto linda, *não pôde* competir em belleza com a rosa de cem folhas.

BOTÃO DE ROSA DE MUSGO — ESPERANÇA RECEIOSA

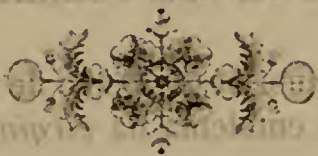
No Oriente, quando se offerece um botão de rosa de musgo com suas folhas e espinhos, quer-se dizer: *Espero mas receio*.

BOTÃO DE ROSA DE TOUCAR — JOVEN

Uma joven é uma rosa de tocar ainda em botão.

BUXO — ESTOICISMO

O luxu gosta da sombra; supporta, sem mudar a verdura, o frio e o calor; não exige cuidado algum, e dura seculos. D'aqui provem o ter sido escolhido para symbolisor o *estoicismo*.



BOTÃO DE ROSA DE JERICO — JOVEN

CACTO ESPECTABILISSIMO DE FLORES BRANCAS — AFAGO —
DAZ — BEIJO —

Este cacto de flores brancas de mais alto decore
tal, com as pétalas brancas e agudissimas de
de todo, e com um grande numero de es-
tames de cores brancas e amarellas. Muitas outras flores
da de mais escuras e com um grande numero de
estames e magnificas de todo o sol com fôr as suas
assimiladas pétalas, e os outros de
suportar a variedade de suas cores.

CACTO DE GRANDES FLORES BRANCAS — AFAGO —
BEIJO

O cacto de grandes flores é o mandacaru do Brazil, cujo tronco guarnecido de espinhos grandes e agudissimos se divide em braços esquinados, que vão nascendo uns dos outros, e cruzando-se em diferentes direcções. D'estes braços brotam grandes botões cobertos de grandes pellos compridos, que parece foram destinados pela natureza para abrigar a flor até ao seu desenvolvimento.

No meio da flor vê-se uma especie de vaso, formado por pétalas brancas e numerosas, a que dá realce um contorno de pétalas amarellas, formando um todo de nove ou dez pollegadas de diametro. Um grande numero de estames amarellos occupam o centro d'esta magnifica flor que se inclinam sobre o pistillo como para *afaga-lo* e *beija-lo*. Esta planta dá um fructo grande, oval, amarello e saboroso.

CACTO ESPECIALISSIMO OU DE FLORES ENCARNADAS — BRILHO — MAGNIFICENCIA

Este cacto dá flores bellissimas do mais vivo escarlate, com as pétalas interiores ligeiramente debruadas de roxo, e com um grande numero de estames e antheras côr de oiro nas extremidades. Muitas outras flores ha de mais engraçada fôrma, mas nenhuma de tanto *brilho e magnificencia*. Quando o sol vem ferir as suas assetinadas pétalas, parecem scintillar, e aos olhos custa supportar a vivacidade de suas cores.

CAMARA DO BRAZIL — RIGOR

A camara veio da America; em todas as estações se apresenta coberta de flores de um branco de neve, com um cheiro suave; mas os espinhos curtos e recurvados que defendem a haste e os ramos fazem sentir os seus *rigores* áquelles que a querem tocar.

CAMPAINHA TERPADEIRA — HUMILDADE

Planta que roja sobre a terra, ou que se eleva a favor de um apoio. O padre Rapin dirigi-se assim a esta flor: Crescei, flor venturosa! doce ensaio da natureza na sua infancia! chefe de obra, annuncio de grandes e mais maravilhosas obras.

CANNAS — MUSICA

Pan, que amava a bella Syrinx, a perseguiu um dia sobre as margens do rio Ladon na Arcadia; a nymphe implorou o soccorro d'este rio, que a recebeu em suas aguas e a metamorphoseou em cannas. Pan cortou muitas d'estas de differentes grossuras, e fez d'ellas a primeira flauta dos pastores.

CANNIÇO ESPANADOR — INDISCRICÃO

O satyro Marsias ousou um dia desafiar Apollo a quem melhor cantaria. Escolheram para juiz Midas, rei da Phrygia e filho de Gordio, homem de mau gosto, que preferiu o canto de Marsias. O deus da poesia, indignado da injustiça d'este julgamento fez com que crescessem a Midas orelhas de burro, que tratou de occultar debaixo de um amplo barrete. O barbeiro do rei na occasião de o barbear descobriu isto, mas receioso de um severo castigo, não ousou dizer a pessoa alguma a sua descoberta. Indiscreto porém como um barbeiro, este segredo o suffocava; para se desembaraçar d'elle fez um buraco na terra, confiou-lhi'o encheu-o de novo e foi-se embora, esperando que a terra não commetteria indiscrição. Ora aconteceu que, junto ao buraco que elle abrira, cresciam uns canniços espanadores, e cada vez que o vento soava em sua folhagem, faziam-se ouvir estas palavras: «O rei Midas tem orelhas de burro.»



Chagas. Malvaísc. Bons dias



Ranunculo. Verbena. Amor perfeito

TABLEAU — 1890 — 1891 — 1892

Les données relatives aux dépenses de l'Etat pour l'exercice 1890 sont les suivantes :
 Les dépenses de l'Etat pour l'exercice 1890 sont les suivantes :
 Les dépenses de l'Etat pour l'exercice 1890 sont les suivantes :

TABLEAU — 1893 — 1894 — 1895

Les données relatives aux dépenses de l'Etat pour l'exercice 1893 sont les suivantes :
 Les dépenses de l'Etat pour l'exercice 1893 sont les suivantes :
 Les dépenses de l'Etat pour l'exercice 1893 sont les suivantes :

TABLEAU — 1896 — 1897 — 1898

Les données relatives aux dépenses de l'Etat pour l'exercice 1896 sont les suivantes :
 Les dépenses de l'Etat pour l'exercice 1896 sont les suivantes :
 Les dépenses de l'Etat pour l'exercice 1896 sont les suivantes :

TABLEAU — 1899 — 1900 — 1901

Les données relatives aux dépenses de l'Etat pour l'exercice 1899 sont les suivantes :
 Les dépenses de l'Etat pour l'exercice 1899 sont les suivantes :
 Les dépenses de l'Etat pour l'exercice 1899 sont les suivantes :

CARACOLEIRO — ABRACO — LACOS — NÓS — PRISÕES

Esta planta apenas encontra qualquer outra enlaça-a com os seus ramos. É originaria da India; assimilha-se ao feijão, mas é vivace, e as suas folhas e flores são mais pequenas, azues e semelhantes ao caracol.

CARDO PENTEADOR — AUSTERIDADE

As flores do cardo são erriçadas de palhetas longas e picantes; toda a planta apresenta um ar de austeridade: todavia, é útil e bella, e os fabricantes de panos a empregam para os pentear, d'onde lhe provém o nome.

Na Escocia, a ordem do Cardo, ou de Santo André, é um collar de oiro entrelaçado de flores de cardo e de arruda com a divisa: *Ninguém me offende impunemente.*

CARNUTA CEREOSA — IMPASSIBILIDADE — SERENIDADE

Esta planta representa a *impassibilidade*, porque se conserva tranquilla, ainda a despeito do mais rijo vento; o que é devido á immensa espessura de suas folhas.

CARPINOS — ENFEITES — ORNATOS

Sob o nome de latadas, os carpinos faziam outr'ora o principal ornamento de nossos jardins; empregavam-se em formar longos cortinados de verdura, porticos, obeliscos, pyramides e columnatas. O padre Rapin, no

seu poema dos *Jardins*, faz um bello elogio a esta arvore. Ainda hoje no jardim de Versalhes se pôde ver com que arte Le Notre o fazia entrar nas suas composições.

CARVALHO — HOSPITALIDADE

Os antigos acreditavam que o carvalho coevo com a terra, tinha offerecido aos primeiros homens sustento e abrigo. Esta arvore, consagrada a Jupiter, cobria com a sua sombra o berço d'este deus, quando elle nasceu na Arcadia, sobre o monte Lyceo.

A corôa de carvalho, menos estimada dos gregos, do que a corôa de oiro, parecia aos romanos a mais lisonjeira recompensa. Para a obter era preciso ser cidadão, ter morto um inimigo, reconquistado um campo de batalha, ou salvado a vida a um romano. Scipião o africano recusou a corôa civica, depois de ter salvo seu pae na batalha de Trebia, e recusou a porque a sua bella acção tinha em si propria a recompensa.

No Epiro os carvalhos de Dodone proferiam oraculos; os da Gallia acobertavam os mysterios dos druidas. Os celtas adoravam esta arvore; era para elles o emblema da hospitalidade, virtude que tanto prezaram, que, depois do titulo de bravos, era o de amigo e de estrangeiro o mais bello na sua opinião.

As hamadryades, as fadas e os genios não habitam já os nossos bosques; mas o aspecto de um carvalho magestoso enche-nos ainda de admiração, respeito e temor.

Quande, cheio de mocidade e força, eleva a sua cabeça

altiva, e estende seus braços immensos, parece um protector, um rei. Despojado de verdura, immovel, ferido do raio, assimilha-se ao ancião, que viveu nos seculos passados e que já não toma parte nas agitações da vida. Os ventos impetuosos lutam algumas vezes com este fero athleta; ao principio murmura, mas bem depressa um ruído surdo, profundo e melancolico são de suas robustas ramadas, e parece ouvir-se uma voz confusa e mysteriosa, que explica as velhas superstições do mundo.

Em Inglaterra, já se viu um só carvalho cobrir com a sombra mais de quatro mil soldados; no mesmo paiz, junto de Shrewsbury, o carvalho real, ainda todo verdejante, recorda as desventuras de Carlos II, fugitivo no seu proprio reino. Este principe achou um abrigo, um salvador; mas seu infeliz pae, esse, não o achou... Horriavel recordação!

Junto á porta de Paris, no bosque de Vincennes, ainda se mostra o lugar occupado outr'ora pelo celebre carvalho, debaixo do qual S. Luiz, como um pae terno, vinha assentar-se para distribuir justiça ao seu povo.

CASTANHEIRO — FAZEI-ME JUSTIÇA

As castanhas acham-se contidas, ás duas, tres e quatro, em um calice commum, que se torna em um casulo verde e erriçado de numerosos espinhos. Os que não conhecem esta arvore, desprezam os seus fructos sob a rude apparencia que apresentam, e *não lhes fazem justiça.*

CASTANHEIRO DA INDIA — LUXO

Ha mais de dois seculos que o castanheiro da India habita os nossos climas, e todavia, não vemos ainda confundir a sua cabeça fastosa, com as das arvores de nossas florestas. Folga de embellezar os parques, ornar os castellos e obumbrar a morada dos reis; vê-se triumphar nas Tullherias, onde fôrma, em torno da grande bacia, massiços de uma belleza incomparavel.

Um dia um pouco tempestuoso basta, para que esta bella arvore se cubra toda de verdura. Quando cresce isolado, nada é comparavel á elegancia de sua fôrma pyramidal, á belleza de sua folhagem e á riqueza de suas flores, que o fazem algumas vezes parecer um lustre immenso, coberto de grinaldas. Amigo do fausto e da riqueza, cobre de flores a verde relva que protege, e presta á voluptuosidade deliciosas sombras; mas não dá aos pobres senão um pau leve, e um fructo amargo, e ainda algumas vezes lhe faz a fraca esmola de o aquecer com folhas resequidas. Os naturalistas, e ainda mais os medicos, attribuem a este filho da India mil boas qualidades que elle não possui; e assim esta arvore, como o rico, ao qual ella prodiga sua sombra, acha lisonjeiros, faz á seu pezar algum pouco bem, e maravilha o vulgo por um luxo inutil.

CEDRO — EXCELLENCIA — INCORRUPTIBILIDADE

Os cedros do Libano, tão celebres no tempo de Salomão, estão hoje circumscriptos em um pequeno espaço de ter-

reno; têm uma grossura de trinta e tantos pés de circumferencia, e cobrem com a copa um espaço de mais de cem pés de diametro. A sua *excellente* madeira dura muitissimo, e resiste aos insectos; os antigos a julgavam *incorruptivel*. Da arvore verde estilla uma resina chamada *cedria*, que os egypcios empregavam para embalsamar os corpos. Tambem da sua madeira se extrahê um oleo, de que se faz uso contra as molestias cutaneaes, e que tem o nome de *oxycidro*.

È pois esta arvore magnifica, e util por *excellencia*.

Em Cintra ha um cedro magnifico.

CELESTINA — PERIGOS IMAGINARIOS

Esta flor tira o seu emblema das felpas que a guardam, e que á primeira vista parecem espinhos, porém que tocados são brandos e macios.

CENTAUREA — FELICIDADE SUPREMA

No *sélam*, ou linguagem emblematica das flores do Oriente, esta flor originaria da Turquia, e ali conhecida por flor do grão-senhor, significa *felicidade suprema*.

CEREJEIRA — EDUCAÇÃO

Acredita-se geralmente que a cerejeira, originaria de Cerasonte, cidade do Ponto, foi trazida a Roma por Luculo; entretanto os nossos bosques produzem espontaneamente differentes especies de cerejeira brava, que

não exigem mais do que uma *boa educação*, para mudarmos fructos seccos e amargos n'essas bagas encantadoras, que fazem o ornamento de nossas campinas, e sobretudo a alegria do povo e das creanças.

CHAGAS AMARELLAS — NÃO VOU LÁ

Tal é a significação attribuida a esta flor, bem conhecida e vulgar nos nossos jardins. Afirmam que nos dias ardentes do estio, as chagas soltam faiscas electricas.

CHICORIA — FRUGALIDADE

Horacio cantou a *frugalidade* de suas refeições compostas de malvas e chicoria.

CHORÃO — MELANCOLIA

Oíço o murmúrio do vento, que se mistura ao ruído da chuva. Triste, inquieto, e afastado de tudo quanto mais amo, a sociedade me opprime e me fatiga; mas de toda a parte a natureza, como uma terna amiga que se afflige da minha dor, me estende carinhosa os braços. No fundo dos bosques, o rouxinol canta e deplora sem duvida, como eu, a ausencia d'aquelle que ama. Isolado sobre as aguas, lá está o chorão; estrangeiro entre nós, parece murmurar sem cessar: *É dos males o peor a ausencia!*

Esta arvore é uma amante desventurada. Mão barbara, exilando-a da sua patria, a separou para sem-

pre do objecto da sua ternura. Cada primavera, enganada por uma louca esperança, corôa de flores as longas madeixas de seus cabellos, e pede aos ventos as caricias d'aquelle que deveria embellezar-lhe a vida, ou inclinada sobre as fontes, procura a felecidade no fundo das aguas. Vã esperança! nem o zephyro, nem as naiades podem restituir-lhe o que ella perdeu, e que em vão deseja.

CICUTA — VENENO

O veneno extrahido da cicuta servia em Athenas a dar a morte áquelles que o Areopago condemnava.

Socrates e Phocion foram condemnados a beber a cicuta

CIDREIRA — DOR — MAGIA

No Holstein os mancebos trazem um ramo de cidreira como signal de luto. Na India a cidra ou o limão é consagrado á dor; as mulheres que se queimam, pela morte dos maridos, caminham para a fogueira com cidras ou limões nas mãos.

CIRCEA — BRUXARIA — SORTILEGIO

Esta planta é, como o indica o seu nome, celebre nas evocações magicas. A sua flor é, uma espiga, côr de rosa, raiada de purpura. Acha-se nos logares humidos e sombrios, e dá-se sobretudo nas ruinas dos tumulos.

Circea, cujo nome esta planta possui, foi uma celebre magica filha do Sol e da nympha Persa e que ha-

bitava em Aea, segundo uns na Colchida, e segundo outros, junto ao promontorio Circeo na Italia. Com suas bebidas, transformou em porcos os companheiros de Ulysses, escapando todavia este heroe ao poder de seus maleficios. Circea concebeu por elle um amor violento, conservou-o junto a si um anno, e teve d'elle Telegono.

CLANDESTINA — AMOR OCCULTO

A Clandestina cresce ao pé das grandes arvores, nos logares frescos e sombrios. Quasi sempre occulta as suas lindas flores purpurinas sob o musgo ou folhas seccas.

CLEMATITE — ARTIFICIO

Os mendicantes, para excitar a commiseração, fazem com a clematite ulceras ficticias. Este *artificio* infame, termina sempre por produzir um mal verdadeiro.

CODEÇO DOS ALPES — LANGUIDEZ — MOLLEZA

A muita flexibilidade dos ramos d'este arbusto lhe dá um emblema de languidez e molleza, de que tira o seu emblema.

COENTRO — MERITO OCCULTO

O coentro verde tem um cheiro insupportavel; é o que exprime seu nome grego *koris*, *mau cheiro*; porém depois de secco, as suas sementes perfumadas e aro-

máticas são procuradas pelos confeitheiros, e muito estimadas pelos medicos e tambem pelos cozinheiros, que temperam com ellas muitos guisados.

COGUMELO — SUSPEITA

Conhecem-se muitas especies de cogumelos, que são venenos mortaes. Os Ostiaks, povos da Siberia, fazem com tres cogumelos uma preparação que dá a morte em doze horas ao homem o mais robusto. Muitos cogumelos dos nossos climas são tambem perigosos, e ha uns, que têm um succo tão acre, que basta uma pequena gota posta sobre a lingua para produzir uma escara. Entretanto os russos, durante as suas longas quaresmas, sustentam-se quasi exclusivamente de cogumelos, e nós mesmos considerámos os que não são venenosos, como um guisado muito exquisito, e estes são os de umbraculo branco, convexo e amplo; porém devemos sempre *suspeitar* d'elles, e expo-los ao calor da agua fervendo; esta precaução tira-lhes a acrimonia e todo o cheiro, se não são de boa especie.

COLCHICO — MEUS DIAS DE VENTURA SÃO PASSADOS

Nos ultimos dias do estio vemos brilhar sobre a verdura dos prados humidos uma flor semelhante ao açafão da primavera; esta flor é o colchico do outono, que longe de nos inspirar, como o açafão, alegria e esperança, annuncia a toda a natureza a perda e acabamento dos bellos dias.

Os antigos acreditavam que esta planta, vinda da Colchida, devia o seu nascimento a algumas gotas de licor magico, que Medea preparou para remoçar o velho Aeson. Esta origem fabulosa fez por muito tempo considerar o colchico como um preservativo contra todas as doenças. Os suissos prendem esta flor ao pescoço de seus filhos, e os julgam inaccessiveis a todos os males. A louca opinião das virtudes maravilhosas d'esta planta tem mesmo seduzido os homens mais sizudos, e foi precisa toda a experiencia do celebre Haller, para banir estas vãs superstições da ignorancia. Entretanto o colchico interessará sempre os verdadeiros sabios, pelos phenomenos botanicos os mais singulares. Sua corolla, cujos seis recortes são envernizados de violeta, não tem nem folhas, nem aste. Um longo tubo branco como marfim, que não é senão um prolongamento da flor, é o seu unico sustentaculo. No fundo d'este tubo, collocou a natureza a semente, que só deve amadurecer na primavera seguinte. O envolvero que a contém, profundamente sepultado debaixo da relva, resiste aos rigores do inverno; mas no começo dos bellos dias, esta especie de berço subterraneo vem embalar-se aos raios do sol, cercado de um tufo de largas folhas do mais bello verde. Assim esta planta, transtornando a ordem das estações, dá seus fructos na primavera, e as flores no outono; mas em todo o tempo os cordeirinhos fogem á sua vista; a joven pastora entristece vendo-a; e se algumas vezes a melancholia tece uma corôa de suas flores de um azul desmerecido, a consagra *aos dias felizes, que fugiram para sempre.*

COLUTEA — PASSATEMPO FRIVOLO

Esta planta conhecida tambem por *espanta-lobos*, dá um fructo como uma bexiga, e que, apertado nos dedos rebenta com estalo. Os ociosos disputam algumas vezes ás creanças o *passatempo frivolo* de produzir estas explosões.

COMINHOS — MALDIÇÃO — PRAGAS

Esta planta lança um tronco pequeno, ramificado ; dá flores brancas e um fructo oval, estriado, contendo sementes miudas, aromaticas, e tão estimulantes que arrancam muitas vezes queixumes e imprecações áquelles que inadvertidamente as trincam e mastigam.

CONGOSSA — DOCES LEMBRANÇAS

Quando já os ventos têm purificado a atmospheria, disseminado sobre a terra as sementes dos vegetaes, e repellido as nuvens sombrias, o ar é então livre e puro o céu parece mais elevado sobre as nossas cabeças, a relva reverdece por toda a parte, e as arvores cobrem-se de rebentões.

A natureza vae ornar-se de flores, e prepara já o fundo de seus quadros ; cobre-os de uma tinta geral de verdura, variada ao infinito, alegre os nossos olhos e abre os corações á esperanza.

Já ao abrigo dos combros a violeta, a margarida e a flor doirada do dente de leão têm desabrochado, quando approximando-nos da orla dos bosques, vemos a ane-

mona e a congossa estenderem ali um longo tapete de verdura e flores. Estas duas plantas amigas, prestam-se encantos mutuos; a anemona com suas folhas molles, fundamente recortadas, e de um verde macio, e suas flores brancas, rosadas nas orlas, contrasta soberbamente com a congossa, cujas folhas são de um verde forte, resistentes e luzidias, e cujas flores são de um bello azul. A anemona dura um dia, e pinta-nos os gosos vivos e passageiros da infancia; a congossa é consagrada a uma felicidade duradoura, a sua côr é a da amizade, e sua flor era para J. J. Rosseau o emblema das mais *doces lembranças*. Esta planta, imagem de uma primeira afeição, prende-se fortemente ao terreno que embelece, enlaça-o todo com seus ramos flexiveis, e cobre-o de flores, que parecem o reflexo da côr dos céus.

Assim os nossos primeiros sentimentos, tão vivos, tão puros, tão ingenuos, parecem ter uma origem celeste; assignalam em nossos dias um instante de ventura, e elles devemos as nossas mais *doces lembranças*.

CONSOLIDA REAL — SUICIDIO

Ajax, filho de Telamon, era dos gregos de maior valor que foram ao cerco de Troya. Depois da morte de Achilles, disputando a Ulysses as armas d'aquelle heroe, ficou vencido; o seu furor por esta occasião o fez obrar espantosos desatinos, até que se suicidou. Os deuses, condoidos do seu destino, o metamorphosearam n'esta flor. D'esta fabula, que deu assumpto a uma das mais bellas metamorphoses de Ovidio, e que tambem foi ob-

jecto de uma tragedia de Sophocles, tira esta flor o seu emblema.

CONVOLVULO DA NOITE — NOITE

Esta planta só abre de noite, e d'ahi tira a sua significação.

COROA DE REI — REALIZA

Do seu proprio nome tira esta planta a sua significação.

COROA DE ROSAS — RECOMPENSA DA VIRTUDE

A coroa foi sempre uma recompensa, e quando ella tiver de emblematizar a recompensa da virtude, de que deveria ser formada senão de rosas!

CORONILHA — DURAÇÃO

A coronilha eleva-se, quando muito, a dezoito ou vinte pés; tambem é conhecida pelo nome de pilriteiro; vive seculos, mas é muito lenta em seu crescimento; floresce na primavera, mas só no inverno dá seus fructos de um vivo escarlata. Os gregos tinham consagrado esta arvore a Apollo, sem duvida porque este deus presidia ás obras da intelligencia, que exigem muito tempo e reflexão; encantador emblema que ensina a todos aquelles que querem cultivar as letras, a eloquencia e a poesia, que para merecer a coroa de louro, é mister trazer por muito tempo a da paciencia e da meditação. Depois de Romulo ter traçado o recinto

de Roma nascente, lançou sobre o monte Palatino a sua lança, cujo cabo, que era de madeira d'esta planta, tendo-se enterrado na terra, enraizou e cresceu, produzindo ramos e folhas, o que foi um persagio feliz da força e duração do nascente imperio.

COUVE — PROVEITO

Outr'ora em Roma as campinas estavam cobertas de couve; e aquelles que se davam a esta especie de cultura, tiravam d'ella avultado proveito: é talvez d'aqui que lhe proveiu a significação.

CRAVINAS — CREANCICE — INFANCIA — MENINICE — PUERILIDADE

A delicadeza d'este lindo cravo, a abundancia de suas flores, seu doce perfume, e o pouco apreço que se faz de suas perfeições, seu nome mesmo, tudo parece destinado á *infancia* que com elle se orna.

CRAVO AMARELLO — DESDEM — DESPREZO

Assim como as pessoas desdenhosas são pela maior parte exigentes e pouco amaveis, assim tambem de todos os cravos o amarello é o menos bello, o menos cheiroso, e o que exige maiores cuidados.

CRAVO AMARELLO RAIADO — VOLTE LOGO

Tal é a significação consagrada pelo uso a esta flor.

Alguns mythologos dizem que a origem d'estes cravos foi devida a Diana, que, tendo em uma occasião de mau humor encontrado um pobre pastor que andava caçando, lhe arrancou os olhos com muita destreza; e tendo depois reparado que as pupillas eram muito bonitas, lembrou-se de convertel-as em flores, semeou-as e d'ellas provieram os cravos.

CRAVO BRANCO RAIADO — VEU TARDE

O cravo branco parece ter sido o ultimo que se conseguiu raiar, e é de todos o que menos bella apparencia apresenta; d'onde realmente se pôde dizer que *veu tarde*, para ter o logar que teria se não tivessem já apparecido os seus mais bellos irmãos.

CRAVO DA INDIA — DIGNIDADE

O cravo aromatico da India é originario das Molucas; os povos d'esta ilha trazem as flores, que nós chamamos cabeças de cravo, como um signal distinctivo de dignidade. Diz-se de um chefe, que tem dois, tres ou quatro cravos, como nós dizemos de um grande senhor, que tem muitas condecorações, ou que está revestido de muitas *dignidades*.

CRAVO DE POETA — FINEZA

O cravo de poeta, tão brilhante por seus bellos tu-

fos, é em toda a parte de uma *fineza e delicadeza* notáveis.

CRAVO DE TUNES — ANTIPATHIA — ODIO — RAIVA

Esta planta merece pouca attenção, como planta de adorno; contudo o roxo avelludado e o amarello de suas flores não deixam de formar um bello matiz; porém o pessimo cheiro que exhalam lhes adquire a *antipathia* de todos e lhes attribue o seu emblema.

CRAVO ESCARLATE — AMOR VIVO E PURO

O cravo primitivo é simples, escarlate e perfumado. A cultura tem dobrado as petalas e variado as cores infinitamente, desde a côr de rosa até ao branco puro, e desde o carmesim e vermelho carregado até á côr de fogo. Em qualquer circumstancia conserva sempre o seu delicioso e activo perfume, assim como o *amor vivo e puro* que conserva toda a sua força em qualquer caso da vida ou em qualquer posição.

Foi o bom *Renato* de Anjou, esse Henrique IV da Provença, quem primeiro enriqueceu os jardins com o cravo e rosa vermelhos. Tambem se lhe deve a uva muscatel.

CRAVO ROSA ALMISCARADO — MENSAGEIRO DISCRETO

Os cravos grandes têm muitas vezes servido para

1870

1871

1872

1873

1874

1875

1876

1877

1878

1879

1880

1881

1882

1883

1884

1885

1886

1887

1888

1889

1890

1891

1892

1893

1894

1895

1896

1897

1898

1899

1900



Ervilhas de cheiro. Boas noites. Martyrio



Salva. Margaridas. Malmesquer

em seus olhos occultar um bilhete às vistas de um marido cioso, ou à vigilancia de um guarda severo. A rainha Maria Antonietta, na sua prisão do *Templo*, recebeu occulto no olho de um cravo rosa almiscarado um bilhete, que lhe dava com a esperança da liberdade a certeza de que alguém bem dedicado não a esquecia e se interessava no seu livramento.

Dubos fez sobre este assumpto os versos cuja tradução segue extrahida de uma obra sobre a linguagem das flores publicada entre nós.

Quando uma infeliz rainha
 Na prisão, triste e mesquinha
 Da sorte affronta o rigor;
 É d'um cravo a discrição
 Quem da ventura um clãrão
 Faz raiar em seu favor.

CRAVO ROXO — SENTIMENTO

A côr rôxa significa tristeza, e reunida ao cravo que significa affecto, lhe grangeia a significação de *sentimento*.

CRISTA DE GALLO — PREVERSIDADE

Planta muito vulgar nos campos, cuja flor tem a fôrma de um capacete, e da qual as sementes são guarnecidas de uma larga membrana. Esta planta queima, dizem, as plantas e hervas que crescem a seu lado. É a esta malevola influencia que deve o ser o symbolo da *preversidade*.

CRUZ DE MALTA—HONRAS

Da similhaça que esta flor tem com a cruz dos cavalleiros de Malta, tira o seu emblema.

CYPRESTE—LUTO

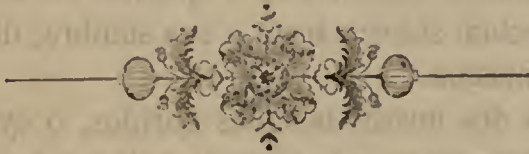
Em toda a parte onde esta arvore fere as nossas vistas, o seu lugubre aspecto nos impressiona, e desperta idéas melancolicas.

Suas longas pyramides elevadas para o céu gemem agitadas pelo vento; a claridade do sol não penetra através de sua sombria espessura; e quando os seus ultimos raios projectam sobre a terra a sua sombra, dir-se-ia um negro phantasma.

No meio dos nossos bosques floridos, o cypreste eleva-se ás vezes como essas imagens da morte, que os romanos mostravam a seus convivas, no meio mesmo dos transportes da mais louca alegria.

O cypreste foi pelos antigos consagrado ás Pareas, ás Furias e a Plutão, e o collocavam junto aos tumulos. Os povos do Oriente conservam o mesmo uso. Entre estes os cemiterios não são nus e devastados; mas cobertos de flores e sombras, são logares de festa, são passeios publicos, que approximam quanto possivel os amigos que vivem dos que feneceram. Sabe-se bem qual o respeito que os orientaes têm pelo tumulo de seus antepassados; muitas vezes vê-se uma familia inteira de armenios reunida junto a um monumento funebre.

Os velhos vão frequentemente meditar para junto dos tumulos, emquanto que as creanças vão ali brincar, e os amantes ali se juram um constante amor, em presença de seus amigos que lhes restam e d'aquelles que têm perdido.





DAHLIA—MEU RECONHECIMENTO EXCEDE VOSSOS CUIDADOS

Esta planta veio do Mexico, onde fazem das suas raizes uma especie de alimento, e mesmo em França esta planta foi cultivada como alimenticia no começo do seculo passado; e se deixou de ser cultivada nas hortas em consequencia do gosto aromatico de suas raizes, foi para passar a ser estimada nos jardins como planta de ornamento e recreio.

Os botanicos, tocados da abundancia e elevação das suas hastes, da belleza da sua folhagem, e do brilho das suas flores, então muito simples, mas já do mais bello avelludado, conseguiram pela sua introdução nas estufas, ministrando-lhe o ar, a agua e o calor com intelligencia, que florescesse durante os nove mezes do anno que decorrem de julho a fevereiro.

Mas, oh prodigio! a Dahlia reconhecida não só variava infinitamente as suas cores, mas dobrava, triplicava e qua-

druplicava as suas pétalas, variando-as sempre em côr e fôrma, roubando á rosa a apparencia, ao cravo os seus cocares, e á peonia o luxo e o brilho.

O cultivador conheceu então que estava a seu arbitrio variar a altura das suas hastes, fazendo-as subir só a tres pés de altura, ou elevando-as a dez pés.

Quem poderá bem enumerar a variedade infinita das suas cores? Quem bem poderá dar idéa do capricho, da riqueza e da beileza da mistura e raiado d'essas pétalas, ora brilhantes e vivas, ora sombrias e ricamente orladas?

Assim a Dahlia vinda do Mexico embelleceu-se em França pela cultura, e d'ahi espalhou-se pela Hollanda, onde fôrma esses canteiros tão pitorescos, que parecem compostos de uma só flor. Passou depois aos pequenos estados da Allemanha, aonde orna as praças publicas, as fontes e os tumulos; hoje acha-se espalhada por toda a parte.

Em Cintra ha-as soberbas e lindissimas no jardim da Pena e na quinta do sr. marquez de Vianna,

A Dahlia tem a significação que se lhe attribue, porque reconhece os cuidados da cultura muito alem das esperanças do jardineiro.

DATURA—BELLEZA ENGANADORA—ENCANTOS ENGAÑOZOS

As mais das vezes entregue á languidez, a belleza indolente boceja todo um dia fugindo aos raios do sol; porém á noite, coquette e brilhante, mostra-se a seus adoradores. A luz incerta das bugias, cúmplices de seus ar-

tíficos, presta-lhe um brilho enganador, com que seduz e encanta; entretanto o seu coração desconhece o amor, e só ambiciona escravos e victimas.

Mancebo imprudente, foge d'essa belleza enganadora; para amar e agradar basta a natureza; a arte é inutil; e aquella que a emprega é sempre perfida e perigosa.

As flores da datura, similhantes a essas bellezas nocturnas, languescem sobre uma folhagem sombria e murchia, emquanto que o sol brilha sobre o horisonte; mas apenas a noite cobre a terra com seu véu lutuoso, ellas se reanimam, desenvolvem seus encantos, e ostentam essas immensas campainhas de purpura orladas de branco, e ás quaes a natureza dotou de um perfume que attrahe, que embriaga, mas de si tão perigoso, que asphyxia, mesmo ao ar livre, aquelles que o respiram.

DEDALEIRA—TRABALHO

Esta planta é assim chamada, porque a sua flor se assimilha á fôrma de um dedal, d'onde lhe provém symbolisar o trabalho.

DENTE DE LEÃO—ORACULO

No declive das collinas, nos cumes das montanhas, e nas planices, encontrareis a vossos pés tufos de verdura cobertos de flores doiradas ou de espheras ligeiras e transparentes. É o dente de leão, é o *oraculo* dos campos, que por toda a parte podereis consultar.

Esta planta encontra-se por toda a terra; no polo, no

equador, á borda das aguas, nos rochedos mais aridos, e por toda a parte suas flores que se abrem a horas determinadas, servem de relógio ao pastor solitario, e os seus tufos emplumados lhe predizem o bom tempo e a tormenta.

Essas belas ligeiras servem ainda a outros usos bem doces. Quando um amante se acha longe do objecto de sua ternura, colhe com precaução uma d'essas espheras, sopra-a na direcção dos logares habitados pela sua bem amada, e encarrega cada um dos pequenos correios que se destacam da flor de lhe transmitir as suas secretas homenagens.

Assim tambem quando quer saber se é correspondido e se d'elle se occupam, sopra ainda a flor, e se um só de seus martinets fica preso, é uma prova de que não é olvidado.

N'esta segunda prova é mister soprar brandamente; porque ainda na idade mais brilhante do amor, é forçoso não confiar demasiadamente n'essas doces illusões que embellezam a vida.

DICTAMO DE CRETA—NASCIMENTO

Quando Juno presidia ao *nascimento* das creanças, sob o nome de Lucina, ornava se com uma corôa de dictamo.

O bom cheiro d'este arbusto, e as virtudes medicinaes que o tinham tornado tão celebre entre os antigos, no-lo fazem estimar. Esta flor é originaria de Creta.

DIONIA MUSCIPULA—CILADA—ENGANO

Esta planta é o emblema bem proprio dos enganos grosseiros que o vicio arma á mocidade imprudente.

As moscas attrahidas pelo mau cheiro d'esta planta enredam-se nas suas flores, que, dobrando-se pela fevera media, apertam por tal fôrma os dois lobulos, que as imprudentes são victimas da sua ousadia.

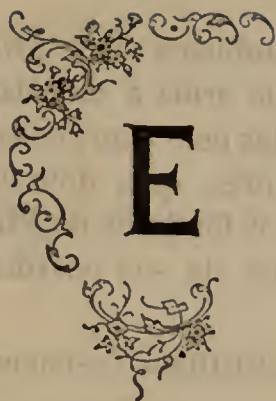
DRAGOEIRA—DESCREDITO

De seu tronco extrahia-se um succo a que antigamente se attribuiam muitas virtudes, porém que hoje tem caído em *descredito*.

DULCAMARA—VERDADE

Os antigos pensavam que a verdade era a mãe da virtude, filha do tempo e rainha do mundo. Diz-se que essa divindade se occulta no fundo de um poço, e que mistura sempre alguma amargura a seus beneficios, e nós lhe damos por emblema uma planta inutil, que como ella ama a sombra e reverdece sem cessar.

A dulcamara é talvez a unica planta de nossos climas que perde e reproduz suas folhas duas vezes no mesmo anno.



EBANO — NEGRIDÃO

Plutão, deus dos infernos, assentava-se sobre um throno de *ebano*. Diz-se de um malfazejo: Tem o coração negro como ebano. Este proverbio provém seguramente de que sendo branco o alburno ou samo do ebano, suas folhas brandas e argenteadas, suas flores bellas e brilhantes, esta arvore não tem verdadeiramente *negro* senão o coração.

EPHEMERINA BICOLOR — CURTA DURAÇÃO

— FELICIDADE DE UM MOMENTO

As flores da *ephemerina* apenas duram um instante, mas succedem-se sem interrupção desde abril até outubro.

ERVILHAS DE CHEIRO AZUES — EXPRESSÃO DE AMOR

Tal é a significação que o uso consagra a esta perfumada flor.

ERVILHAS DE CHEIRO ENCARNADAS — DOÇURA — SUAVIDADE

Que ha de maior *doçura* e *suavidade* que o bello perfume das flores d'esta leguminosa?

ERVILHAS DE FRUCTO — APPAREÇA

A *apparição* d'estes saborosos legumes é sempre festejada pelos cultores da arte culinaria, que a utilisam para as suas preparações de um modo variadissimo.

ESCOVINHA — DELICADEZA

O bello azul d'esta flor, que se assimilha ao de um céu sem nuvens, é o emblema de um sentimento terno e delicado, que se nutre de esperança.

ESPADINHA CHEIROSA — JUSTIÇA

As folhas d'esta planta têm a fôrma de uma espada, d'onde tira a sua significação, porque a espada é o emblema da justiça.

ESPELHO DE VENUS⁽¹⁾—LISONJA

Logo que o sol dardeja sobre as nossas searas os seus raios doirados, vê-se fulgir no meio d'ellas a purpura brilhante das flores estrelladas de uma bella campanula; mas se algumas nuvens vem obscurecer a luz do astro do dia, logo as corollas d'estas flores se recurvam como na proximidade da noite.

Conta-se que um dia Venus deixou cair sobre a terra um de seus espelhos. Um pastor encontrou esta alfaia, e mal lançou as suas vistas sobre o vidro, que tinha a propriedade de embellecer, esqueceu sua amante, e não cuidou em mais cousa alguma senão em se mirar sem cessar. O amor, que receiou as consequencias de um tão louco erro, quebrou o vidro, e transformou os fragmentos na linda planta que ainda hoje conserva o nome de *espelho de Venus*, bella *campanula*.

ESPINAFRE SILVESTRE — BONDADE

Esta planta, a que os francezes dão o nome de *Bom Henrique*, do seu rei bem amado, é uma planta beneficente e util, que cresce ao alcance do povo, e ao qual quasi exclusivamente pertence. O espinafre silvestre não se cultiva, mas cresce espontaneamente ao longo dos muros, das çarças, e dos pequenos bosques; é o espargo e espinafre do pobre. Feliz mil vezes o rei digno d'uma tão bella homenagem!

(1) Veja-se nas estampas — *campanula*.

ESPINHEIRO — MARTYRIO

O espinheiro, que também se encontra na Judéa, serviu aos judeus para d'elle tecerem a corôa com que martyrisaram o Redemptor do mundo.

ESPINHEIRO ALVAR OU PILRITEIRO — ESPERANÇA

Que tudo se anime de *esperança* e de alegria, pois que a andorinha apparece nos ares, o rouxinol faz ouvir nos nossos bosques o seu canto sentido, e as flores do pilriteiro nos annunciam a duração dos bellos días! Pobres vinhateiros! tranquillisae-vos, o nordeste não virá destruir os tenros renovos, esperança de vossos longos trabalhos. Felizes lavradores! o sôpro do rude aquilão não empallidecerá as vossas verdejantes cearas, e velas-heis na epocha propria doirarem-se dos raios do sol.

A verdura, as flores e os fructos vão uns após outros regosijar vossos olhos; brilhantes concertos vão recrear vossos ouvidos: o tentilhão, a toutinegra, o pintasilgo e o rouxinol estão de volta de suas longas viagens; acolhei com alegria estes encantadores hospedes, que vem para vos servir e não para vos despojar. A lagarta que assola as vossas arvores, o bicho que pica os vossos fructos, eis o unico alimento que elles destinam a suas proles.

No inverno, attraidos pelos pilritos ⁽¹⁾ que a mão da

(1) Fructo do pilriteiro, do qual se pôde fazer uma bebida agradável.

lavradora não tiver recolhido, vereis o melro e o tordo, cujos tardios amores lhes terão demorado a partida; elles vos avisarão de que não tendes a receiar os rigores do frio, porque uma estação muito aspera os afasta sempre dos nossos campos, que todavia não ficam abandonados, porque o amavel pintarroxo, deixando seus bosques solitarios, se approximarã das vossas rusticas habitações. Recommendae a vossos filhos que não attem contra a sua liberdade; que á vista de sua confiança e de sua desgraça seus corações se abram á piedade; que suas mãosinhas se avancem com precaução para consolar a miseria do pobre passarinho, que só pede algumas migalhas inuteis! Que vossos filhos lh'as ministrem, pois que basta muitas vezes uma boa acção para fazer germinar a virtude nas almas juvenis.

Os troglodytas, que habitaram a Ethiopia, e que revocaram a idade de oiro sobre a terra por seus costumes simples, cobriam, rindo, os parentes que a morte lhes tinha levado, de ramos de espinheiro ou pilriteiro; porque elles consideravam a morte como a aurora de uma vida, onde nunca mais se separariam.

Em Athenas as donzellas levavam nas nupcias de suas companheiras ramos de pilriteiro; o altar do hymineu era allumiado por tochas ou fachos feitos de pau d'este arbusto, que tem sido sempre o emblema da *esperança*.

Elle nos annuncia os bellos dias; promette ás formosas gregas felizes consorcios, e aos sabios troglodytas uma vida immortal.

ESPINHOS NEGROS — DIFICULDADES

Quando se quer exprimir que um negocio é cheio de *difficultades*, é uso dizer-se: é um feixe de espinhos, no qual não se sabe por que lado se lhe pegue.

ESPONJA — SUPPLICIO

Esta substancia marinha leve, molle e mui porosa, é de algum modo a intermediaria dos reinos animal e vegetal. Tem um tecido fibroso mais ou menos denso, mais ou menos flexivel, e emquanto fresca está coberta de uma especie de gelea semi-fluida e mui tenue, na qual se julga ter notado signaes de vida. Depois da morte desaparece esta gelea, e o tecido fibroso e fofo que fica parece ser o esqueleto do zoophyto. N'este estado tem a propriedade de embeber-se facilmente de qualquer liquido.

Os algozes do Redemptor, para tornar-lhe mais affrontoso o seu *supplicio*, deram-lhe para mitigar a sede uma *esponja* embebida em vinagre.

ESPONJEIRA — DESASSOCEGO

Tal é a significação attribuida pelo uso a este arbusto.

ESPORAS — LIGEIREZA — VELOCIDADE

Esta flor é uma papilionacea muito bella. Os francezes lhe dão o nome de Pied d'Alouett (Pé de cotovia),

por causa da fôrma singular de seus folhelhos, nos quaes se distinguem as articulações de um pé de passaro.

ESPORAS BRANCAS — APRESSE-SE

A espora é o incentivo com que o amante apressado instiga seu fogoso ginete, para o transportar com a velocidade do raio para junto d'aquella que adora. Esta flor, já pelo seu nome, já por certa similhaça com o pungente instrumento com que o cavalleiro diz ao seu cavallo *apressa-te*, tem a significação que deixámos indicada.

ESTATICA MARITIMA — SYMPATHIA

O nome d'esta planta vem da palavra grega Statikos, que significa tudo que tem a propriedade de suspender, unir, reter. As flores d'esta planta são pequenas, numerosas, voltadas para o céu, e formam espigas de um lindo azul. Cultivam-as por sua belleza e para ornato; mas a planta é natural dos logares pantanozos, e sobretudo das margens dos rios e do mar, cujas areias liga por suas numerosas raizes.

ESTEVA — SEGURANÇA

A esteva assimilha-se ao grão de bico ou ao chicharo. Aristoteles assegura que esta planta preserva dos espiritos e phantasmas aquelles que a têm na mão.

ESTRAMONIA — DISFARCE — MASCARA

Outr'ora, durante o carnaval, o povo cobria o rosto com as largas folhas da estramonía commum; e assim se *disfarçava e mascarava*.

EVONYMO — VOSSOS ENCANTOS ESTÃO GRAVADOS
NO MEU CORAÇÃO

O evonymo serve para preparar lapis, e da sua madeira se fazem fusos. Os esculptores o estimam e os torneiros o buscam. Se a sua madeira é preciosa para as artes, o arbusto que a produz o deve ser para os cultivadores. As sebes que são formadas d'elle apparecem no outono carregadas de fructos rosados do mais bello effeito.





Cypripis - Liriodos, Dedalcira
mosca Valles



Lichnis, Saudade, Sensitiva



THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY
540 EAST 57TH STREET
CHICAGO, ILL. 60637

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY
540 EAST 57TH STREET
CHICAGO, ILL. 60637

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY
540 EAST 57TH STREET
CHICAGO, ILL. 60637



FAIA — PROSPERIDADE

A faia pôde bem ser considerada como a rival do carvalho pela belleza da sua apparencia, e utilidade da sua madeira: cresce por toda a parte, e eleva-se tão promptamente, que se diz que cresce a olhos vistos.

FAIA PRETA — GEMIDO

Esta bella arvore, que mesmo na estação calmosa imita o murmurio das aguas, geme á menor impulsão do vento.

FEL DA TERRA — FEL

Deu-se a esta planta, que tem um sabor excessivamente desagradavel, o nome de *fel da terra*, d'onde tira o seu emblema.

FENO — GLORIA AO MUNDO

Esta significação attribue-a a sagrada Escripura ao feno em mais de um lugar, e notavelmente nos diz S. Pedro: A gloria temporal é como a flor do feno, que em se elle seccando, cae ella. Assim como um só dia de sol ardente é bastante para seccar o feno, fazer cair sua flor e fenecer sua graça, assim tambem um só dia de desvalimento e desventura é de mais para destruir muitas glorias mundanas.

FETO — SINCERIDADE

O feto presta camas aos amantes e aos bebedores, e todos sabem que o amor e o vinho tornam o homem sincero.

FETO REAL — DELIRIO — DESVARIO — VISÃO

Mathiolo attribue ao feto real ou florido, que cresce sobre os humidos rochedos, a virtude de inspirar sonhos propheticos.

FICOIDE GLACIAL — VOSSO OLHAR E VOSSA PRESENÇA
GELAM-ME

As folhas d'esta planta singular são cobertas de vesículas transparentes e cheias de agua. Quando a planta está á sombra, dir-se-ia coberta de orvalho; mas exposta ao sol, parece semeada de cristaes brilhantes; e é por este facto que se lhe dá o nome de *glacial*.

FLOR DE LARANJEIRA — CASTIDADE

As noivas usam e levam em suas nupcias um ramallete e uma corôa de flores de laranjeira. Ainda hoje nos arredores de Paris as jovens que têm commettido uma falta são privadas de usar em suas nupcias de um tal ornamento, symbolo da castidade.

FLOR DE LIMOEIRO — VICTIMA DO CIUME

Similhante e rival da flor de laranjeira, dá origem a um fructo de bella apparencia, mas de sabor acido, o que parece traduzir o ciume, que a punge, da preferencia dada á sua rival.

FLOR DE MACEIRA — PRIMAZIA

Uma flor encantadora, que promette um bom e bello fructo pôde ter a primazia mesmo sobre a rosa.

FLOR DE PECEGUEIRO — PRAZER AMOROZO

Tal é a significação que a esta flor attribue uma linguagem de flores publicada entre nós.

FLORES DO CAMPO — DIVERTIMENTO

Nada ha que mais divirta e alegre do que o campo coberto de flores. As creanças divertem-se em formarem ramalletes e ornarem-se de flores campestres.

FOLHA DE ROSA—EU JÁMAIS SOU IMPORTUNO

Em Amadan havia uma academia, cujos estatutos eram concebidos n'estes termos: «*Os academicos pensarão muito, escreverão pouco e fallarão o menos possível.*» O doutor Zeb, famoso em todo o Oriente, soube de um lugar vago n'esta academia, correu a solicitar-o, mas infelizmente chegou tarde: o lugar estava já preenchido.

A academia ficou desolada, especialmente por haver concedido ao poder o lugar que pertencia ao merito. O presidente, não sabendo como exprimir a Zeb uma recusa que vexava a assembléa, mandou vir um copo, que encheu de agua tão completamente, que uma só gota mais o faria trasbordar. O sabio pretendente comprehendeu, por este emblema, que não havia já lugar para elle; e retirava-se triste, quando apercebeu no chão uma folha de rosa. Com tal vista tomou animo, apanhou a folha de rosa e collocou-a tão delicadamente sobre a agua contida no copo, que nem a mais pequena gota trasbordou. Toda a assembléa applaudiu este rasgo engenhoso, e o doutor foi, por aclamação, recebido entre os silenciosos academicos.

FOLHAS—PALAVRAS

Se as flores representam pensamentos, as suas folhas não podem deixar de significar as palavras que os exprimem.

FOLHAS DE CYPRESTE—SEPARAÇÃO FORÇADA

Se o cypreste é o emblema do luto, expressão do pezar que sentimos pela perda d'aquelles que nos foram caros na vida, é com justificado motivo que ás suas flores se attribue a significação de uma *separação forçada* e sempre dolorosa.

FOLHAS DE LIMOEIRO—INTRIGA MEXERICOS

As flores do limoeiro representam o ciúme, quasi sempre companheiro inseparavel da *intriga e mexericos* de que as suas folhas são o emblema.

FOLHAS DE TOMATEIRO—NÃO QUERO

As folhas do tomateiro são felpudas, e d'um cheiro tão desagradavel, que parece estarem dizendo não quero que me toquem. Na epocha propria do amadurecimento do bello e culinario fructo que dá o tomateiro os hortelões costumam cortar as folhas, porque se opõem e *não querem* consentir no crescimento e maturação do fructo.

FOLHAS SECCAS—MORTE

O inverno avança; as arvores têm já perdido seu verde aspecto, depois de haverem sido despojadas de seus fructos; o sol, retirando-se, imprime nas folhas cô-

res sombrias e metallicas; o alamo cobre-se de uma côr pallida e desmerecida, os foliolos da acacia se recurvam, para não mais se erguerem aos raios do sol, a betula deixa caprichosamente fluctuar sua longa coma já privada de seus naturaes ornatos, e o pinheiro, que deve ainda ostentar sna verde pyramide, se balança arrogantemente nos ares. Vê-se o carvalho immovel, resistindo aos esforços dos ventos, e como não querendo dobrar sua altiva cabeça; mas este rei das florestas cederá a posse de suas folhas queimadas pelo inverno, para dar logar a uma nova geração que deve embellezal-o na primavera. Dir-se-ia que todas as arvores cedem a paixões diferentes: uma inclina-se humildemente, como para render homenagem á tempestade que a fere; outra parece querer abraçar a sua companheira, como pedindo-lhe apoio; e enquanto que estas misturam seus ramos, uma outra se agita em todos os sentidos como se inimigos a cercassem por todos os lados. O respeito, a amizade, o desespero, o terror parece agital-as variamente. Assim batidas por todos os ventos, e como abaladas por todas as paixões, fazem ouvir longos gemidos, que assimilham os murmurios confusos de uma grande familia em pranto; não ha voz dominante, são ruidos surdos, profundos, monotonos que enchem a alma de melancholia. Nuvens de folhas seccas, caindo sobre o solo, o cobrem de um tapete movel, que os pés do caminheiro desfazem, reduzem a pó e confundem com a terra. Restos de uma primavera que já lá vae, o dedo gelido da morte vos tocou e vos fez entrar no seio da terra, d'onde uma nova geração deve proceder, que vi-

rá substituir-vos nas louçanias, e imitar-vos no passamento.

FRAXINELLA — FOGO

Quando os dias são muito quentes e o ar está muito secco, a fraxinella exhala um gaz inflammavel, que, condensado pela frescura da noite, fórma em torno d'ella uma atmospherá que se inflamma pela approximação de uma luz, sem damnificar nem prejudicar a planta.

FREIXO — GRANDEZA

No Edda diz-se que a cõrte dos deuses se reúne debaixo de um freixo portentoso, que cõbre com seus ramos todo o mundo, que toca com sua cabeça nos ceus e com suas raizes nos infernos. D'estas correm duas fontes, cujas aguas dão as de uma a sabedoria, as da outra a presciencia.

FUNCHIO — FORÇA

Os gladiadores misturavam esta planta em seus alimentos para se darem forças. Depois dos jogos na arena o vencedor era ornado com uma corõa de funcho.



GALLEGA — RASÃO

A medicina faz uso dos succos d'esta planta para acalmar as agitações e excitações cerebraes, e chamar a razão que se desvia e desencaminha,

GAZON — UTILIDADE

Ouçamos madame Carlota de La Tour :

«Em um dia de inverno, fatigada dos prazeres ruidosos da cidade, fugi para a aldeia. Ali, todas as tardes, minha boa ama reunia em torno de sua fogueira as jovens pastoras que queriam aprender a fiar o linho, ou tecer com junco ou salgueiro cestos e fôrmas para os queijos.

«A maior parte das vezes, n'estas pequenas assembléas, agitavam-se, sem em tal se reflectir, as questões mais in-

teressantes, não sobre a fortuna, o jogo, a pompa e grandeza dos reis, mas sobre tudo quanto os campos, os vergeis e os bosques produzem e têm de mais innocente, mais doce e mais raro.

«Uma noite, em que eu assistia a um d'estes serões, depois de nos haver contado uma historia de duende, que nos fizera tranzir de medo, a minha ama perguntou a suas amaveis discipulas, qual era, na opinião d'ellas, a planta mais util.

«Meu pae, disse Ernestina, que sobresaia pela sua vivacidade, sustenta que é a vinha, porque o vinho aquece
«no inverno, as uvas refrescam no verão, a sua lenha é
«util, e de suas parras se sustentam os rebanhos, prestando-se ainda suas raizes á escultura, e tanto assim
«que o patrono da nossa aldeia é feitor de uma cepa.»

«Oh! se vós houvesseis estado na minha terra, replicou com enthusiasmo uma joven loura, preferiríeis como
«eu a maceira: porque seu fructo, que é tão bello, conserva-se fresco quando todos os outros têm já desaparecido. Alem d'isso, a maçã assimilha-se a uma flor,
«nutre o homem, fornece-lhe uma bebida bastante agradável, e a arvore que a produz presta sombra ao lavrador e lenha para a sua fogueira.

«Todos estes bens a maceira lhe proporciona, sem
«exigir, como a vinha, penosos trabalhos e amanho.»

«Muito bem, disse eu á joven; porém parece-me adivinhar por vossa parcialidade pela maceira, por vossos olhos azues, e por vossa tez delicada, que sois filha da Normandia. Quanto a mim, que não tenho visto outras campinas alem das nossas, lembra-me ter lido que em

um paiz bem longe d'aqui, que se chamam as Indias, uma arvore soberba dá aos homens um vinho muito agradavel, fructos deliciosos, um abrigo impenetravel á chuva e aos raios do sol, e folhas das quaes, sem difficuldade, se faz uma infinidade de bonitas obras, e que poderiam mesmo servir de vestuario: esta arvore é a palmeira.

«Bem se vê, minha querida filha, me disse minha boa
«ama com doce sorriso, que tendes estudado nos livros
«os beneficios de Deus: para mim, que os vejo na na-
«tureza, julgo que o trigo que alimenta tantos homens,
«é de todas as plantas a mais util; sua palha cobre nos-
«sas choupanas, e d'ella se fazem esteiras, chapéus, etc.,
«e finalmente quando a sua colheita falta os povos mor-
«rem. Porém antes de decidirmos se o trigo é o mais
«util dos bens, digei-nos a vossa opinião, minha queri-
«da Elisa, vós que entre todas as flores destes outro dia
«a preferencia á simples violeta. A que planta conferis
«vós o premio da utilidade?

«Eu não julgo, respondeu corando a modesta Elisa,
«que haja planta mais util do que a herva dos prados.
«Todas as que tendes nomeado precisam cuidados e cul-
«tura, enquanto que a herva fornece ao homem com-
«modo repouso; cresce indistinctamente por toda a parte;
«os passarinhos alimentam-se de suas sementes, os ani-
«maes a pastam; e do leite dos animaes póde o homem
«alimentar-se. Julgo ainda que a relva é o mais util dos
«vegetaes, porque tenho ouvido asseverar a um sabio,
«que tomou cuidado da minha infancia, que as cousas
«mais uteis são sempre as mais communs; e que ha no
«mundo mais commum do que a herva dos campos?»

«Nós applaudimos todas este discurso, que nos penetrou de estima pela modesta Elisa e de admiração pela Providencia, que em uma tão simples e pequena planta soube encerrar tantos e tão grandes beneficios.

GERANIO LIMÃO — CAPRICHIO

Tal é a significação que attribue a esta flor uma linguagem de flores publicada ha annos em Lisboa.

GERANIO ROSA — PREFERENCIA

Contam-se mais de cem especies de geranios, tristes, brilhantes, perfumados e inodoros. Aquelle que é côr de rosa distingue-se pela delicadeza de suas folhas, pela suavidade de seu cheiro e pela belleza de suas flores purpurinas.

GERANIO TRISTE — ESPIRITO MELANCOLICO

Este encantador geranio, semelhante aos espiritos melancolicos, evita a luz do dia, mas encanta aquelles que o cultivam por seu delicioso perfume; seu aspecto é sombrio e modesto, contrastando em tudo com o geranio es-carlate, emblema da tolice.

GIESTA (ARBUSTO) — ACEIO — DECENCIA

Ha no genero das giestas muitas especies uteis. Algumas são empregadas em medicina, outras servem para

fazer vassouras, e outras finalmente são empregadas na tinturaria: todas crescem espontaneamente. A giesta de Hespanha é a unica cultivada pela belleza e perfume de suas flores.

GIESTA MENOR — ESPERANÇA ENGANOSA

A flor da giesta, que se chama tambem falso Narciso, aborta muito frequentemente. Esta planta, que se dá em nossos prados e bosques, é cultivada com esmero pelos hollandezes, que a exportam com os pomposos nomes de Phenix e de Sol d'ouro; e depois de bastantes cuidados o cultivador espanta-se de ver suas esperanças perdidas e enganadas, por não haver feito nascer mais que uma simples giesta.

GIRASOL — FALSAS RIQUEZAS

O girasol veio do Perú, onde estas flores foram outrora veneradas como imagens do astro do dia.

As virgens do sol, em suas festas religiosas, ornavam-se com uma corôa de oiro, que representava esta flor, que além d'isso brilhava em suas mãos, e lhes cobria o peito.

Os hespanhoes, maravilhados de tanto luxo, ficaram ainda mais surprezos quando viram campos inteiros cobertos de milho e de girasoes, imitados com tanta arte, que o oiro, de que eram feitos, foi o que pareceu menos admiravel a esses avidos conquistadores.

Este fausto americano, que tanto nos maravilha, os-

tenta-se ainda em todo o oriente: o throno do gram Mogol é sobrepujado por uma palmeira de oiro com os fructos de diamantes; e o tecto e paredes da sala, onde este monarcha recebe os embaixadores, são ornadas de uma parreira de oiro esmaltado, cujos cachos são formados de amethystas, saphiras e rubis, para exprimirem os diversos gráus de maturidade.

Todos os annos o feliz possuidor de tantas riquezas é pesado, e os pesos são pequenos fructos de oiro, que se lançam, depois da cerimonia, no meio dos cortesãos que se disputam a posse d'elles.

Estes cortesãos são os maiores senhores das Indias; e assim as falsas riquezas, que só podem surprehender e encantar os espiritos vulgares, envilecem igualmente o que as possue, e o que as inveja.

Bellos jardins d'Alcinous, vós não encerraes nem palmeiras, nem parreiras, nem searas de oiro e diamantes, e todavia todos os thesouros do grão Mogol não poderiam pagar uma só d'essas bellas arvores, que o divino Homero cobria de flores e de fructos em todas as estações!

Conta-se que Pithes, lydio muito rico, possuindo muitas minas de oiro, negligenciava a cultura das terras, e empregava seus numerosos escravos exclusivamente na lavra de suas minas. Sua mulher, que era dotada de sabedoria e bondade, mandou um dia servir-lhe uma ceia em que todas as iguarias eram de oiro. «Eu vos dou, disse-lhe ella, a unica cousa que temos em abundancia: não é possível colher senão o que se semeia; experimentae por vos mesmo se o oiro é um bem de tanto valor como julgaes.»

Esta lição fez impressão no espirito de Pithes, que reconheceu então que a Providencia não tinha abandonado as verdadeiras riquezas á avareza dos homens ; porém, que, semelhante a uma terna mãe, tinha-se reservado o cuidado de as distribuir annualmente a seus filhos, como a recompensa de seus mais doces trabalhos.

O padre João de Bussiêres teve a singular idéa de dividir a *historia natural* em um jardim, comparando todos os acontecimentos da terra ás flores que brotam de seu seio. Assim comparou o tempo precursor dos patriarchas ao lyrio, flor que annuncia os acontecimentos; a tulipa, ao vestido de José; os narcisos, a Cyro; e o girasol aos tempos do grande Constantino: porque, diz elle, toda a pompa d'esta flor termina por um pouco de lenho inutil; assim o poderio d'aquelle imperio, que tão alto se elevou, se abateu e aniquilou subitamente.

O seu livro singular, que elle dedicou á Santa Virgem, mostra que os emblemas de flores podem tanto representar as paixões que pertubam os imperios, como as paixões mais doces que agitam o coração dos amantes.

GLYCINA — VOSSA AMISADE ME É DOCE E AGRADAVEL

A glycina é uma trepadeira ou enredieira elegante: os chins fizeram d'ella o symbolo de uma amisade terna e delicada.

Para se desenvolver, esta planta precisa ser apoiada e abrigada por um muro que olhe para o sul.

Suas bellas flores, de um azul desmerecido, dispostas

em longos cachos, pendentes como os da acacia, se renovam muitas vezes no anno; mas é principalmente no mez de abril que se desenvolvem por todos os lados, e que ornão as maiores arvores com suas grinaldas perfumadas. È então tambem que ellas cobrem os muros, molduram as janellas, formam latadas e caramancheis, caem como uma chuva de flores dos tectos de nossas casas e se prestam em uma palavra a todos os caprichos e exigencias d'aquelles que as cultivam com esmero.

Esta planta é pois facil, agradavel e doce como a amizade; e para se conservar o que exige ella? o que o coração prodiga a um amigo: ternura e cuidados.

GOIVO DOBRADO DOS JARDINS — BELLEZA DURAVEL

Os gregos, que prezavam as flores, ignoraram sempre a arte de as cultivar e de as tornar mais bellas: cultivavam-as nos campos, e as recebiam simples das mãos da natureza.

Os romanos houveram dos gregos, conjunctamente com as artes, o gosto pelas flores, e mesino uma tão viva pelas corôas, que vedaram o seu uso aos particulares.

Estes dominadores do mundo cultivavam apenas as violetas e as rosas; e campos inteiros, cobertos d'estas flores, foram usurpados ao dominio de Ceres.

Os gaulezes desconhecera por muito tempo toda a sorte de delicias: suas mãos guerreiras desdenhavam mesmo o contacto da charrua. Entre elles, o jardim, dominio da familia, não continha senão plantas aromaticas

e culinarias; mas pouco a pouco os costumes se adoçaram, e Carlos Magno, que foi o terror do mundo e o pae de seu povo, amou as flores.

Em um dos seus *capitulares* ou regulamentos recommenda a cultura dos lirios, das rosas e dos goivos. As flores estrangeiras só se introduziram em França depois do seculo xiii.

No tempo das cruzadas, os guerreiros trouxeram muitas especies novas do Egypto e da Syria; e os monges, unicos que as sabiam cultivar, as tomaram a seu cargo e fizeram d'ellas por muito tempo o encanto de seus retiros; depois espalhando se pelos jardins senhoriaes tornaram-se o embelezamento dos festins e o luxo dos castellos. Entretanto a rosa é ainda hoje considerada como a rainha dos jardins, assim como o lirio o rei dos valles, mas aquella dura pouco, e este, florescendo mais tarde, tem tambem um reinado de pouca duração.

O goivo, menos engraçado que a rosa, menos soberbo que o lirio, tem uma belleza mais duradoura; constante em seus favores offerece-nos todos os annos suas bellas flores vermelhas e pyramidaes, que espalham incessantemente um perfume que embriaga os sentidos.

Os mais bellos goivos são vermelhos, e tem dado nome á côr de que se vestem, côr que rivalisa em brilho com a purpura de Tiro.

Ha goivos brancos que são muito bellos; e tambem aos violetas ou roxos e matizados não faltam graças; mas depois que a America, a Asia e a Africa nos têm enviado seus brilhantes tributos, o goivo, esse filho de nossos climas, que nossos avós tanto prezaram, o have-

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000



Trigo, Jacinto, Melindres



Anemona, Lirio, Lira

mos nós algum tanto negligenciado : todavia, na Allemanha ainda são muitissimo estimados.

Madame de la Tour conta que vira em um antigo castello, proximo de Luxembourg, dispostos ao longo de um immenso terraço, quatro ordens de vasos do mais bello branco, e de agradavel fôrma, postoque de louça grosseira, collocados em fôrma de amphitheatro dos dois lados do terraço e coroados dos mais bellos goivos vermelhos. Nada vira tão agradável, nos diz ella, como esta encantadora e rustica decoração, especialmente ao pôr do sol, porque então ter-se-ia dito que vivas chammass saíam d'esses vasos alvos como a neve, e brilhavam a perder de vista sobre tufos de verdura, embalsamando o ar de perfumes, que longe de fatigarem, alegam e fortificam ainda as pessoas mais delicadas.

Esta bella flor eleva-se pois em nossos jardins, como uma belleza viva e fresca que espalha em torno de si a saude, o primeiro dos bens, e sem a qual não ha ventura nem *belleza duravel*.

GOIVO DAS MURALHAS — FIEL NA DESGRAÇA

Os inglezes chamam a esta amavel flor, *violeta das muralhas*.

Effectivamente folga de crescer nas fendas dos velhos muros : vemo-la tambem sobre as torres em ruina, sobre as choupanas e sobre os tumulos. Muitas vezes uma d'estas plantas cresce solitaria nas juntas da cantaria nas setteiras de um antigo castello. Suas hastes floridas parecem folgar de encobrir e disfarçar essas tristes inven-

ções que attestam ainda os males e as desordens do feudalismo.

Outr'ora os menestreis ou trovadores traziam um ramo d'esta planta, como emblema de uma afeição, que resiste ao tempo e que sobrevive á desgraça.

Quando o terror reinava em França, uma população desenfreada se precipitou na abbadia de S. Diniz, para lançar ao vento a cinza de seus reis, que ahi dormiam o somno da morte. Esses barbaros, depois de haverem quebrado os marmores sagrados, foram, como aterra-dos de tal sacrilegio, occultar os destroços por detraz do coro da igreja em um saguão escuro onde a revolução os esqueceu. Um poeta, por nome Treneuil, indo visitar estes lugares, os achou ornados de uma decoração inesperada de goivos das muralhas que cobriam aquelles muros isolados. Esta planta, *fiel á desgraça*, espalhava n'aquelle religioso recinto perfumes tão suaves que se poderiam dizer piedosos incensos que se elevam ao céu. Este aspecto impressionou tanto o poeta, que inspirado exclamou:

Que flor é esta, que um piedoso instincto
Aqui nas azas do zephyro transporta?
Que! o templo onde tens tuas raizes,
Deixas, terno goivo, amante das ruinas,
E vens fiel os nossos reis acompanhar?
Ah! pois que do terror as leis curvaram
Do lirio infeliz a haste soberana,
De nossos jardins em luto sê rainha;
Triumphas sem rival, flor santa e pura
Fiel ao tumulto, ao throno, á desventura.

GOIVO DE MAHON — PROMPTIDÃO

A semente d'esta flor, apenas confiada á terra, germina, e quarenta dias depois lá temos massiços ou guarnições cobertas de flores; mas como ellas são de pouca duração, para poder gosa-las por mais tempo, convem semea-las desde março até agosto. São de um bello effeito as muito variadas e lindas nuanças e matiz de lilás, rosa e branco d'estas flores, que têm um cheiro encantador.

GOLFÃO BRANCO — ELOQUENCIA

Os egypcios tinham consagrado ao sol, deus da eloquencia, a flor do golfão.

Estas flores fecham-se, e mergulham na agua ao pôr do sol; saem d'agua e abrem de novo, quando este astro reaparece no horisonte.

Esta flor faz parte do toucado de Osiris. Os deuses indianos são frequentemente representados no seio das aguas, assentados sobre uma flor de golfão. É isto talvez o emblema do mundo saído das aguas.

GOLFÃO PEQUENO — REPOUSO — SOCEGO

TRANQUILLIDADE

Ao longo d'esse lago, cuja agua prateada reflecte um céu puro e sem nuvens, vedes vós esses cachos tão alvos como a neve? É o golfão pequeno. Uma tinta ligeiramente rosada tingue o reverso d'essas bellas flores e

um tufo de filamentos de extrema delicadeza, e de uma alvura deslumbrante se escapa d'essas taças de alabastro. Não ha expressões que bem pintem a elegancia d'essa planta; mas para jamais a esquecer, basta tê-la visto uma vez balouçar-se mollemente sobre as aguas, das quaes ella parece augmentar a transparencia e frescura.

O golfão pequeno não floresce nos dias tempestuosos, são-lhe precisos o repouso e a tranquillidade para se desenvolver: e esse socego de que gosa parece que o diffunde em torno de si.

GRAMMA — OBSTINAÇÃO — PERSEVERANÇA PORFIA — TEIMA

Esta planta, que tem algumas propriedades medicinaes, é summamente incommoda ao agricultor, porque é quasi impossivel limpar e livrar d'ella o terreno onde uma vez appareceu.

Por mais que se cave a terra e arranque a gramma, ella se reproduz com a *obstinação* e *perseverança*, de que é o emblema.

GRINALDA DE FLORES — CADEIA DE AMOR

As cadeias com que o amor prende são todos esses sentimentos que as flores emblematisam; é por isso que a grinalda de flores significa muito propriamente a cadeia de amor.



HELEBORO — BELLO ESPIRITO

Genero de rainunculos, estabelecido para as plantas herbaceas, cujo typo é o heleboro negro.

Os antigos o empregavam como um medicamento perturbador: elle possui, dizem, a propriedade de curar a loucura, e de tornar o espirito bello e brilhante pela luz da razão.

HELENIO — CHORO — LAGRIMAS

As flores do helenio assimilham-se a pequenos girasoes de um lindo amarello: florecem no outono com os asters.

Diz-se que foram produzidas pelas lagrimas de Helena.

HELIOTROPIO — EU VOS AMO — EMBRIAGUEZ AMOROSA —
TRANSPORTE AMOROSO

Os orientaes dizem que os perfumes elevam sua alma aos cêns: È bem verdade que elles nos exaltam e nos causam uma especie de embriaguez: a sua impressão è tão profunda, que unida a nossas lembranças lhes dá, mesmo depois de longos annos, toda a força de uma sensação presente.

Luiz xiv amava apaixonadamente o cheiro das tuberosas. Este cheiro lhe recordava sem duvida, um rasgo tocante d'essa joven encantadora, que mostrou ao mundo admirado que um rei pôde ser amado por si mesmo.

Mademoiselle de la Vallière, depois de haver tudo esquecido por Luiz, foi nomeada dama de honor de Maria Thereza; e a sua camara era junto do quarto d'esta augusta princeza.

Tornada mãe no meio da noite, essa delicada amante teve a força e coragem de soffrer sem queixume e em silencio; e como a rainha devia passar de manhã mesmo junto de seu leito para ir ouvir missa, mademoiselle de la Vallière, esperando desviar as suspeitas, fez cobrir sua chaminé de tuberosas, e se levantou para ir ao encontro da rainha. Assim esta infeliz alcançava o perdão de sua vergonha, provando, com o risco de sua vida, o seu respeito pela virtude. N'aquelle tempo, acreditava-se que o cheiro das tuberosas era mortal para quem estava no caso de mademoiselle de la Vallière, crança que não era talvez sem fundamento.

A condessa Leonor, filha natural de Christiano IV, rei

de Dinamarca, que se tornou tão celebre pelas desgraças, crimes e exílio do conde Ulfeld, seu esposo, nos offerece tambem uma prova bem sensivel do poder dos perfumes sobre suas lembranças.

Esta princeza tinha amado, na idade de treze annos, um mancebo, do qual chegára a ser desposada. Este joven morreu no mesmo castello, onde se faziam os preparativos de seu consorcio. Leonor no excesso de sua dor, quiz dizer o ultimo adeus ao objecto de seus tristes amores, e fez-se conduzir á camara onde elle acabava de expirar.

Já o corpo repousava em um ataúde coberto de rosmanninho. Este espectaculo e este cheiro fizeram uma grande impressão em Leonor; e sabe-se que, d'ahi em diante, mostrou uma coragem igual á grandeza das suas desgraças, mas nunca pôde respirar 'o cheiro do rosmanninho sem deixar de cair immediatamente em horriveis convulsões.

Um dia, o celebre botanico Jussieu, herborisando nas Cordilheiras, sentiu-se repentinamente como embriagado dos mais deliciosos perfumes: esperava descobrir algumas flores esplendidas, mas não apercebeu senão lindas moitas, de um bello verde, sobre o qual destacavam espigas de um azul desmerecido; approximou-se d'essas moitas elevadas de seis pés, e viu que as flores de que estavam carregadas se voltavam mollemente para o sol, que pareciam olhar com amor, Tocado d'esta singularidade, deu á planta o nome de *heliotropio* composto de duas palavras gregas, *helios*, sol; e *trepo*, eu volto. O sabio botanico, encantado da sua nova conquista, deu-se

pressa em colher as sementes d'esta planta, e envia-las ao jardim do rei em Paris, onde ellas têm bellamente produzido. As damas acolheram esta flor com enthusiasmo; e depois de a collocarem nos vasos mais preciosos, a denominaram *hera de amor*, e só receberam com indiferença os ramalhetes, de que não fazia parte esta flor favorita. É pois sob os auspícios das damas que o heliotropio peruviano, cultivado pela primeira vez em Paris em 1740, fez fortuna no mundo e se espalhou pela Europa.

Perguntando-se a uma dama muito estimavel, e que amava apaixonadamente o heliotropio, que encanto podia ter a seus olhos esta flor triste e sem brilho: «É respondeu ella, que o perfume d'esta planta é para o meu jardim o que o espirito é para a belleza, a volupuosidade para o amor, e o amor para a mocidade.»

HEPATICA — CONFIANÇA

Quando os jardineiros vêem as lindas flores da hepatica, dizem: «A terra está amoravel, pôde-se semear com *confiança*.»

HERA — AMISADE

O amor fiel retém com um ramo de hera as rosas passageiras que coroa sua fronte. A amisade tem escolhido por divisa uma hera que circunda de verdura uma arvore derrubada, com estas palavras: *Nada pôde separar-nos*.

Na Grecia, o altar do hymineu estava cercado de uma

hera, da qual se apresentava uma haste aos noivos, como symbolo de um laço indissolúvel.

As Bacchantes, o velho Silêno e o proprio Baccho coroadavam-se de hera.

A verdura eterna das folhas da hera representava para esta côrte folgazã o emblema de uma constante embriaguez.

Tem-se algumas vezes representado a ingratidão sob a forma de uma hera, que suffoca o seu sustentaculo: o auctor dos *Estudos da natureza* repeliu esta calúnia, e considerou a hera como modelo dos amigos. «Nada, «diz elle, a pode separar da arvore que uma vez abraçou; orna-a com sua folhagem na estação cruel, em que «sens ramos ennegrecidos só se cobrem de geada; com-«panheira fiel de seu destino segue-a na sua queda; a «morte mesmo não tem poder de a sèparar, e decora «com sua permanente verdura o tronco ressequido do «apoio e do amigo que uma vez adoptou.»

Estas ideas, tão tocantes quanto graciosas, têm ainda o merito de serem variadas: a hera prende-se á terra por suas proprias raizes, e não vive á custa do corpo que circunda; protectora das ruinas, é o ornamento dos velhos muros a que se liga. Não accita indistinctamente todos os apoios; mas, amiga constante, morre com aquelle a que se prende.

HERVA — *vide* — GASON

HERVA BEZERRA — PRESUMPÇÃO

As flores da herva bezerra são algumas vezes de um encarnado tão vivo, que se torna impossível fixa-las com a vista, e com justa razão se lhe franqueou entrada em nossos jardins ; onde todavia, semelhante aos *presumpçosos*, se torna tão importuna, propagando-se a ponto tal que somos obrigados a bani-la.

HERVA CIDREIRA — GRACEJO

Esta planta exhala um agradável cheiro de cidra ; a sua infusão acalma os nervos e dá alegria.

HERVA DOCE — MUDANÇA

Esta significação é attribuida a esta planta por uma linguagem de flores publicada ha annos, em Lisboa.

HORTELÃ PIMENTA — ARDOR DE SENTIMENTO — PAIXÃO

Minthe foi surprehendida por Proserpina nos braços de Plutão seu negrò esposo. A deusa, justamente estimulada, metamorphoseou sua rival em uma planta, que parece conter em seu duplice sabor o frio do temor e o fogo do amor. Esta planta é cultivada sob o nome de hortelã pimenta, e é empregada na confecção de excellentes pastilhas, e em outros usos.

HORTENSIA — VÓS NÃO ME INTERESSAES

Postoque os seus corymbos de flores se tinjam alternativamente de branco, de purpura e de violeta, que o seu todo agrade, comtudo bem depressa nos fatiga sua belleza sem animação, imagem de uma coquette que, sem graça e sem espirito, quizesse agradar unicamente por seus adornos





IMPERIAL — PODER

As flores da imperial assimilham-se a tulipas voltadas para o chão ; são dispostas em corôa em uma ou duas ordens no alto da haste, que termina em um ramalhete de folhas de um bello verde. Cada uma das flores contém muitas gotas de agua, que adherem ao fundo da corolla até seccar, occasião em que os pediculos das flores se erguem para deixar amadurecer as sementes. O jogo dos seus seis estames é tambem muito curioso ; todos elles são afastados do pistillo ; trez d'elles vem primeiro render-lhe homenagem, e depois os outros trez imitam os primeiros, por seu turno, quando estes se têm afastado.



JACINTO — JOGO ;

Foi jogando a conca nas margens do rio Anphriso que Apollo matou o bello Jacinto. Não podendo restitui-lo á vida, o deus o metamorphoseou na flor do seu nome.

JASMIM BRANCO — AMABILIDADE

Ha pessoas dotadas de tanta amabilidade, que parece haverem vindo ao mundo para constituirem os laços das sociedades : têm, nas maneiras, tanta facilidade e graça, que supportam todas as posições, accommodam-se a todos os gostos, e fazem realçar todos os espiritos : são tão obsequiadoras que mostram interessarem-se em tudo quanto dizeis, esquecerem-se para vos servir, cala-

rem-se para vos ouvir: não lisonjeiam, não affectam, nunca offendem: seu merito é um dom celeste, como o de um lindo rosto; ellas agradam emfim, porque a natureza as fez amaveis.

O jasmim parece ter sido creado expressamente para ser o feliz emblema da amabilidade.

Quando em 1560 foi trazido das Indias pelos navegadores hespanhoes, logo se admirou a ligeireza de suas hastes o brilho e delicadeza de suas flores estrelladas; e acreditou-se que, para conservar uma planta tão elegante e tão mimosa, seria mister planta-la em estufa quente, e pareceu ahi dar-se bem; mas querendo-se experimentar se ella se accommodaria em estufa de laranjeiras ahi cresceu maravilhosamente; e finalmente exposta ao ar livre, viu-se ainda que, sem exigir cuidados alguns, arrosta o rigor de nossos invernos.

Por toda a parte vê-se o amavel jasmineiro dirigir, a nosso belprazer, suas hastes brandas e flexiveis, ora estendendo-as em latadas, ora curvando-as em caramanchel, lançando-as em espiraes, e levando-as em massiços, e muitas vêzes desenvolvendo-as em verdes tapetes ao longo de terrassos e das muralhas; outras vezes ainda, obedecendo aos caprichos e ás tesouras do jardineiro, ostenta, sobre haste fragil, uma copa arredondada, semelhante á de uma pequena laranjeira. Sob qualquer d'esta formas elle nos prodigalisa messes de flores, que embalsamam, refrescam e purificam o ar de nossos jardins: estas flores delicadas e encantadoras offerecem á ligeira borboleta taças dignas d'ella, e ás diligentes abelhas um mel exquisito abundante e perfumado.

O pastor amoroso une o jasmin ás rosas para ornar o seio da sua pastora amada; e as mais das vezes este simples ramalhete, tecido em grinalda, corôa a fronte das rainhas.

Conta-se que o jasmim antes de chegar a França habitou na Italia, onde um duque de Toscana foi quem primeiro o possuiu. Atormentado de ciúme e inveja, este duque caprichoso quiz gosar só d'uma flor que tanto o encantava, e prohibiu ao seu jardineiro o dar uma unica haste, uma só flor. O jardineiro teria sido fiel, se não houvera amado; mas no dia dos annos da sua amante, elle lhe offereceu um ramalhete, e para o tornar mais precioso juntou-lhe um ramo de jasmineiro.

A joven, para conservar a frescura d'esta planta, metteu-a em terra fresca, e o ramo conservou-se verde todo o anno, e na primavera seguinte cobriu-se de flores.

A joven tinha recebido lições do seu amante, e cultivou o seu jasmineiro, que se reproduziu,

Ella era pobre, e o seu amante não era rico, e uma mãe previdente recusava unir sua miseria; mas o amor acabava de fazer um milagre em favor d'estes amantes, e a joven aproveitou-se d'elle; vendeu seus jasmims e vendeu-os tão bem, que juntou um pequeno thesouro com que enriqueceu seu amante.

As jovens da Toscana para conservarem a memoria d'esta aventura, trazem todas, no dia de suas nupcias um ramalhete de jasmims; e ha um proverbio que diz, que uma joven digna de trazer um ramalhete de jasmims é assás rica para fazer a fortuna de seu marido.

JASMIM VERMELHO DA INDIA — EU ME LIGO A VÓS

Como as fracas trepadeiras, esta planta precisa de um apoio para sustentar suas hastes ligeiras e delicadas, que, sem fatigarem esse mesmo apoio, o cercam de verdura e flores.

JASMIM DE VIRGINIA — SEPARAÇÃO

Que de arrebatadoras harmonias nascem por toda a parte da alliança das plantas com os animaes !

A borboleta embellece a rosa, o rouxinol presta sua voz a nossos bosques, a abelha, zumbindo, anima a flor, que lhe cede um doce thesouro.

Assim, em toda a natureza, o insecto é destinado á flor, o passaro á arvore, o quadrupede á planta.

O homem é o unico ser a quem é permittido o goso de todas estas cousas reunidas, e só elle pôde tambem romper a cadeia de consonancia e amor, pela qual tudo no universo está ligado. Sua mão avida e imprudente arranca um animal aos climas, que o viram nascer, não reflectindo, que contra a sua propria conveniencia, esquece a planta, que teria feito olvidar ao seu novo escravo as doçuras da patria: traz a planta, mas despreza o insecto que a anima, o passarinho que a embellece, e o quadrupede que se nutre de suas folhas e repousa á sua sombra.

O jasmim de Verginia, com sua verdura e suas flores purpurinas, fica sempre estrangeiro entre nós, que sempre preferimos a nossa amavel madre-silva, cujo mel



Madre Silva - Dahlia - Heliotropio



Rosas
Amarella - Branca - Rainha.

2000
1999
1998
1997
1996
1995
1994
1993
1992
1991
1990
1989
1988
1987
1986
1985
1984
1983
1982
1981
1980
1979
1978
1977
1976
1975
1974
1973
1972
1971
1970
1969
1968
1967
1966
1965
1964
1963
1962
1961
1960
1959
1958
1957
1956
1955
1954
1953
1952
1951
1950
1949
1948
1947
1946
1945
1944
1943
1942
1941
1940
1939
1938
1937
1936
1935
1934
1933
1932
1931
1930
1929
1928
1927
1926
1925
1924
1923
1922
1921
1920
1919
1918
1917
1916
1915
1914
1913
1912
1911
1910
1909
1908
1907
1906
1905
1904
1903
1902
1901
1900

1900
1901
1902
1903
1904
1905
1906
1907
1908
1909
1910
1911
1912
1913
1914
1915
1916
1917
1918
1919
1920
1921
1922
1923
1924
1925
1926
1927
1928
1929
1930
1931
1932
1933
1934
1935
1936
1937
1938
1939
1940
1941
1942
1943
1944
1945
1946
1947
1948
1949
1950
1951
1952
1953
1954
1955
1956
1957
1958
1959
1960
1961
1962
1963
1964
1965
1966
1967
1968
1969
1970
1971
1972
1973
1974
1975
1976
1977
1978
1979
1980
1981
1982
1983
1984
1985
1986
1987
1988
1989
1990
1991
1992
1993
1994
1995
1996
1997
1998
1999
2000

a abelha vem sugar, cujas folhas a cabra vem pastar, e que offerece seu fructo a legiões de melros, de toutinegras, tentilhões e de pintasilgos. Seguramente o jasmim de Vergiúia ostentaria todas as suas vantagens, se o vissemos animado pelo passarinho-mosca da Florida, que nas vastas florestas do novo mundo prefere sua verde folhagem a outro algum abrigo, faz o ninho em uma de suas folhas, que enrola em forma de corneta, acha o sustento em suas flores vermelhas, semelhantes ás da digitalis ou dedaleira, cujas glandulas nectareas elle lambe, e finalmente ali enterra seu pequeno corpo que parece dentro d'estas flores uma esmeralda encastoadada em coral, e ás vezes vae tanto ávante, que se deixa prender. Este pequeno ser é a alma, a vida, o complemento da planta que elle adora; separada d'este hospede aereo, esta hielá trepadeira não é mais que uma viúva desolada, que perden todos os encantos.

JOIO — vicio

O joio é o emblema do vicio; sua haste assimilha-se á do trigo, e cresce nas mais bellas searas.

A mão do cultivador, prudente e habil, arranca esta herva nociva com precaução, para não confundir com o bom grão. Do mesmo modo um bom preceptor deve empregar a paciencia para desarreigar as más inclinações, que nascem no coração do seu educando tendo o maior cuidado para não suffocar os germens da virtude, julgando destruir os do vicio.

A mãe de Duglesclín lastimava-se de ver entrar seu fi-

lho todos os dias no seu castello, cheio de poeira e coberto de feridas; e uma manhã em que ella se tinha decidido a puni-lo, uma boa religiosa, tendo observado o mancebo, disse a sua desolada mãe: «Guardae-vos de «o castigar, porque tempo virá em que os defeitos que «vos affligem, serão a gloria de sua familia e salvação «do seu paiz.»

Por cada uma mãe que se engana assim, quantas outras ha que são as primeiras a cultivar o joio no coração de seus filhos, não se apercebendo que elle alli lança as raizes de envolta com a boa seara!

JUNCO — DOCILIDADE

Diz-se como proverbio: Flexivel e *docil* como junco.

JUNQUILHO — DESEJO

O junquillo, que veiu de Constantinopla, é, entre os turcos, o emblema do *desejo*.

JUNQUILHO DOBRADO — NAMORO

O namoro é o *desejo* de inspirar amor á pessoa que se ama, empregando cuidados e atenções. O junquillo singelo, que significa *desejo*, dobra tambem á força de cuidados na sua cultura.

lho todos os dias no seu castello, cheio de poeira e coberto de feridas; e uma manhã em que ella se tinha decidido a puni-lo, uma boa religiosa, tendo observado o mancebo, disse a sua desolada mãe: «Guardae-vos de «o castigar, porque tempo virá em que os defeitos que «vos affligem, serão a gloria de sua familia e salvação «do seu paiz.»

Por cada uma mãe que se engana assim, quantas outras ha que são as primeiras a cultivar o joio no coração de seus filhos, não se apercebendo que elle alli lança as raizes de envolta com a boa seara!

JUNCO — DOCILIDADE

Diz-se como proverbio: Flexivel e *docil* como junco.

JUNQUILHO — DESEJO

O junquillo, que veiu de Constantinopla, é, entre os turcos, o emblema do *desejo*.

JUNQUILHO DOBRADO — NAMORO

O namoro é o *desejo* de inspirar amor á pessoa que se ama, empregando cuidados e attenções. O junquillo singelo, que significa *desejo*, dobra tambem á força de cuidados na sua cultura.

LICHNIS — SYMPATHIA IRRESISTIVEL

O lichnis, que já era conhecido dos antigos, é uma planta polypetala, cujas petalas se inserem por baixo do ovario no fundo de um calice tubulado e unido na sua base inferior.

Pedro Zaccone na sua linguagem das flores lhe attribue a significação que aqui lhe damos.

LILAZ — PRIMEIRA EMOÇÃO DE AMOR

O lilaz foi consagrado ás primeiras emoções de amor, porque nada ha tão encantador como o gracioso aspecto d'este engraçado arbusto, na chegada da primavera. Com effeito, o bello verde de sua folhagem, a flexibilidade de seus ramos, a abundancia de suas flores, sua belleza tão curta, tão passageira, sua côr tão terna e tão variada, tudo n'elle faz lembrar as celestes emoções que embellezam a propria belleza, e dão á adolescencia uma graça divina.

Albano não pode jamais obter, sobre a palheta, que lhe confiára amor, cores assás doces, bastantemente frescas, sufficientemente suaves para dar o aveludado, a delicadeza e a doçura das tintas ligeiras que coloram a fronte da juventude.

O proprio Wan Spaendock deixou cair seu pincel diante de um cacho de lilaz. A natureza parece ter achado prazer em fazer de cada um d'esses cachos um massiço, do qual todas as partes primam em delicadeza e em variedade.

A degradação da côr desde o botão purpurino até á flor descórada, é o menor attractivo d'esses cachos encantadores, em torno dos quaes a luz se modifica e decompõe em milliares de nuanças que fundindo-se todas na mesma tinta formam essa doce harmonia que, desesperando o pintor, confundem o observador.

Que trabalho immenso a natureza não apprehendeu, para produzir este fraco arbusto, que parece apenas creado para o prazer dos sentidos! Que reunião de perfume, de frescura, de graças, de delicadeza! Que variedade nos detalhes, que belleza no todo! Ah! sem duvida, desde a origem das cousas, a Providencia o tinha destinado a ser o laço que uniria um dia a Europa á Asia. O lilaz que o viajante Busbeck nos trouxe da Persia, cresce hoje nas montanhas da Suissa, nos bosques da Allemanha.

LILAZ BRANCO — JUVENTUDE — MOCIDADE

Pela pureza e pela pouca duração de seus bellos cachos, o lilaz branco é o symbolo da juventude, d'esse bem rapido e cheio de encantos que todos os thesouros do mundo não poderiam pagar.

LIMOEIRO — DESEJO DE SER CORRESPONDIDO

O limoeiro, cuja flor significa *victima do ciúme*, mostra, imitando em tudo a laranjeira, sua congenere, o maior *desejo de agradar*.

LINHO — EU RECONHEÇO VOSSOS BENEFÍCIOS

O linho cerca-nos por tal fôrma de seus benefícios, que nos é quasi impossivel levantar os olhos, sem o ver brilhar por toda a parte. Devemos-lhe nossos pannos de linho, nossos papeis e nossas rendas.

LIRIO — MENSAGEM

Contam-se muitas especies de lirios tanto de bulba, como de raiz: suas cores brilhantes e variadas, como as do arco-iris, têm grangeado para esta flor o nome de mensageira dos deuses.

LIRIO-FLAMMA — CHAMMA — FLAMMA

O lirio-flamma, ou flambó é uma planta, que os camponezes allemães folgam de ver crescer sobre o tecto de suas cabanas. Quando o ar agita suas bellas flores, e que o sol vem dourar suas petalas misturadas de oiro, azul e purpura, dir-se-ia que chammas ligeiras e perfumadas deslisam sobre esses tectos rusticos: é certamente a esta apparencia que elle deve o seu nome e significação.

LIRIO DOS VALLES OU CONVALLE — REGRESSO DA VENTURA

Esta flor prefere a profundidade dos valles, a sombra das montanhas e a borda dos regatos; desde os primei-

ros dias de maio, suas flores de marfim se entr'abrem e derramam seus perfumes nos ares. A este signal o rouxinol deixa as nossas sebes e çarças, e vae procurar no seio dos bosques uma companheira, uma solidão e um echo que responda á sua voz; guiado pelo perfume do lirio convalle, o harmonioso passarinho escolhe o seu asylo, estabelece-se ahi, expulsa os seus rivaes, e celebra, por cantos melodiosos, a solidão, o amor e a flor que cada anno lhe annuncia a volta da primavera e da ventura.

Em seguida transcrevemos uma linda fabula de Aimé Martin traduzida pelo sr. Dantas Pereira.

Foi Convalle um pastor da aurea idade,

Galante e dos mais amaveis;

De ve-lo perigou muita beldade,

Achou poucas intrataveis;

Bello, forte e engraçado,

Trovador e bem fallante,

Futil dom, mas festejado,

De trajar á elegante,

Tudo tinha o tal sujeito;

De todos os encantos tinha a posse.

Se voluvel não fosse

Era rapaz perfeito:

Mas, ah! que dos seus meios abusava!

E a pobre que nos laços seus caia,

Só depois encontrava

Engano e zombaria.

N'esse tempo feliz quanto galante,

Ao falso juramento repugnante,
Tal crime pareceu abominavel:
O amor era então intolerante,
E hoje mais tratavel,
Ao tribunal do deus o réu citado,
Venus inda noviça, inda innocente,
Fez seu arrasado
Pela fidelidade.
Bello é ver uma deidade
Da constancia defendente.
Vem logo ante o pastor com passo lento
As queixosas huris,
De quem fôra o tormento.
«Notae, diz o turbulento,
«Que são todas bem gentis.
«Que me exprobam? Que o meu fraco talento
«De ás bellas agradar não seja esquivo?
«E da sua ternura o rendimento
«Eu não repulse altivo?» —
Surpr'endeu o discurso, e da lembrança
Riu o juiz, e o auditorio riu;
Mas o serio da usança
Subito reagiu,
Vae-se a votos, e o nume decidiu
N'um momento o voluvel seductor,
Do deus ao sepro, é transformado em flor,
Que do falso o nome tem.
Eis — quem diria! — esqueceu o damno em tanto,
As seduzidas mesmo em alto pranto
Exclamavam: coitado, sinto bem!

LIZ — MAGESTADE

Do meio de um tufo de longas folhas que, desenvolvendo-se, se voltam, e primem umas sobre as outras, como para formar um throno circular de verdura, vê-se lançar uma haste elegante e soberba, que termina por um cacho de longos botões de um verde lustroso. O tempo insensivelmente incha e embranquece estes botões, que no meado de junho, se inclinam, e desabrocham em seis petalas de uma alvura resplandecente. Sua reunião fórma esses vasos admiraveis, onde a natureza aprouve collocar estamês de oiro que derramam ondas de perfumes.

Estas bellas flores, um pouco inclinadas em torno de sua haste, parecem pedir e obter homenagens de toda a natureza; porém, o liz, apesar de todos os seus encantos, carece de uma côrte para brilhar em todo o seu esplendor. Só, parece frio e como fatigado; cercado de mil outras flores, offusca-as a todas: é um rei; sua apparencia é a da magestade.

O liz primitivo veio da Syriã; outr'ora ornou os altares do deus de Israel, e coroou a fronte de Salomão; porém reina em nossos jardins desde tempos immemoriaes.

Carlos Magno queria que elle partilhasse com a rosa a gloria de perfumar seus jardins; e a dar credito a antigas tradicções, o valente Clovis recebeu um lis celeste no dia em que a victoria e a fê lhe foram dadas.

Luiz VII de França nas flores de liz achou o triplice symbolo da sua belleza, do seu nome e do seu poder:

collocou-as no seu escudo, no seu sêllo e no seu dinheiro. Philippe Augusto semeou d'ellas o seu estandarte.

S. Luiz trazia um anel, representando, em esmalte e em relevo, uma grinalda de flores de liz e de margaridas, e sobre o engaste do mesmo anel estava gravado um crucifixo com as palavras: (*Hors cet anel pourrions nous trouver amour?*) *Fôra d'este anel que poderemos amar?* porque effectivamente este anel offerencia ao monarcha piedoso o emblema de tudo que elle tinha de mais caro — a religião — a França — a esposa.

Foi tambem uma idéa religiosa a que levou Carlos V de França a fixar em tres o numero das flores de liz; depois do seu reinado este numero não tem variado; porém se o liz celeste brillhou desde Clovis sobre o manto e sobre o escudo dos reis de França, foi elle tambem quem deu a sua côr ao estandarte de seus guerreiros. O penacho de Henrique IV, que conduziu sempre os francezes à victoria, era branco como a flor de liz era a imagem de uma alma pura e de uma gloria sem mancha.

LODÃO — HARMONIA

A sua madeira serve para fazer varios instrumentos de musica.

LOSNA — AUSENCIA

A ausencia é o maior dos males, disse la Fontaine: a losna é a mais amarga das plantas; seu nome vem do grego, e significa *sem doçura*.

LOUREIRO — GLORIA

Na Italia, em *Isola Bella*, ha loureiros tão grandes como carvalhos. Na casca d'um d'elles lia-se: *Marengo*. Esta palavra foi traçada por Buonaparte, uma tarde, na sua passagem quando ia reunir-se ao seu exercito. Ninguém então pensou que o illustre guerreiro marcava com antecedencia o campo da sua victoria. Debaixo d'este loureiro Buonaparte meditava o imperio do mundo. Oh! grandeza! oh! miseria. A palavra durou mais que o imperio, sobreviveu ao heroe! Ainda em 1816 se lia perfeitamente, mas, crescendo, ia tornar-se illegivel, e por fim desaparecer, como o heroe que a tinha traçado e que em parte alguma se ostentou tão grande como em Santa Helena!

Os gregos e os romanos consagraram corôas de louro a todo o genero de gloria. Ornaram com ellas a fronte dos guerreiros e dos poetas, dos oradores e dos philosophos, das vestaes e dos imperadores.

Este bello arbusto cresce em abundancia na ilha de Delphos, sobre as margens do rio Peneo. Ali seus ramos aromaticos e sempre verdes se elevam á altura das maiores arvores; e pretende-se que, por uma virtude secreta, elles affastam o raio das margens que embellezam.

A bella Daphins era filha do rio Peneo, e foi amada de Apollo; mas preferindo a virtude ao amor do mais eloquente dos deoses, e pelo temor de ser seduzida, escutando-o, lhe fugiu: Apollo perseguiu-a, e estando a ponto de alcança-la, a nympa invocou seu pae, e foi

transformada em loureiro. O seu amante, não podendo apertar em seus braços senão o insensível lenho, fez ouvir sentidas queixas.

LOUREIRO AMENDOEIRA — PERFIDIA

Nos arrabaldes de Trebisonda, sobre as bordas do mar negro, cresce espontaneamente o loureiro *perfeito* que occulta, sob sua doce e brilhante verdura, o mais funesto de todos os venenos; esta arvore que orna nossos bosques de inverno, se carrega na primavera de numerosas pyramides de flores brancas, ás quaes succedem fructos negros, semelhantes a pequenas cerejas: suas flores, seus fructos e suas folhas têm o gosto e o cheiro da amendoa. Conta-se que uma terna mãe, no dia de seus annos, querendo preparar um guisado agradável para sua familia, lançou algumas libras de assucar e um punhado de folhas de loureiro amendoeira em um vaso de leite fervendo. A vista do festim, que se preparava, fez brilhar a alegria nos olhos de todos. Oh surpresa! apenas provaram o guisado fatal, todos os semblantes mudaram, os cabellos se eriçam sobre a cabeça d'aquelles desgraçados, sua respiração se precipita, mil gritos confusos saem de seu peito, um furor horrivel os persegue, os agita e se apodera d'elles.

A mãe, desolada, quer chamar soccorro; mas, acommettida do mesmo mal, partilha o delirio a que não pôde prestar remedio.

O somno acalma por fim as vertigens d'esta triste embriaguez. Mas qual foi a surpresa e angustia da pobre

mãe, quando, no dia seguinte, um homem habil lhe deu a saber que ella fizera tomar a seus filhos um veneno, muito semelhante ao da vibora? Este veneno concentrado na agua distillada, ou no oleo essencial do loureiro amendoeira, é tão violento, que basta pô-lo em contacto com a mais ligeira ferida para dar a morte ao homem o mais robusto.

Sabios regulamentos têm prohibido na Italia a venda d'este poderoso veneno; todavia, os distilladores avidos o distribuem secretamente debaixo do nome de essencia de amendoas amargas.

Affirmam tambem que, por meio do cheiro d'este terrivel loureiro, se pôde evocar do seio dos infernos o demonio dos pesadelos. Fuseli, celebre pintor inglez, viu e representou com seus pinceis sublimes e phantasticos os effeitos de uma semelhante imprudencia. Vêde um quadro d'elle que representa uma joven, presa de um delirio de amor. Para chamar em torno de si sonhos ligeiros, ella põe sobre seu travesseiro um ramo de loureiro amendoeira. Bem depressa um somno profundo fecha suas palpebras. O phantasma, chamado pelo perfume que o evoca, chega e assenta-se sobre o peito da joven, fazendo momos e trejeitos. A dor está impressa em todas as feições e membros da infeliz, sua cabeça se volta com esforço, seus braços cáem sobre a borda do leito, seu seio palpita e se eleva com difficuldade; sente-se afogar, e o movimento interrompido de seu seio parece ameaçar-a de morte.

Atormentada por uma serie successiva de sonhos incoherentes, vê cidades tomadas de assalto, viúvas em

lagrimas, amantes deitados em ataudes ensanguentados: vê-se de repente transportada a um deserto; no meio de uma noite escura e gelada, um assassino a persegue com o punhal na mão, e o mais espantoso precipício se oppõe à sua fuga; convulsões agitam todos os seus membros, suas mãos se estorcem, e seus pés como ligados não podem fazer um só movimento. Ella ensaia em vão soltar um grito; seus labios trementes não podem articular um som; faz esforços inauditos para abrir suas palpebras paralyzadas. Desejaria andar, correr, voar ou arrastar-se; mas a vontade não tem poder no imperio do somno. O demonio hediondo pesa sempre sobre seu seio, eleva-se, balouça-se, revolve os olhos na hedionda orbita, applica o ouvido aos accentos lastimosos da sua victima, e gosa de seus soffrimentos e desespero.

LUBELIA — AMOR DO PROXIMO

Pedro Zaccone na sua linguagem das flores attribue á lubelia azul, que na America é applicada contra certas affecções, a significação que aqui lhe consignamos.

LUNARIA — ESQUECIMENTO

Esta planta, que tambem se chama *Moeda do Papa*—*Medalha de Judas*—*Nacarada*—*Assetinada* etc., deve estes diversos nomes, não á sua semente, como communmente se julga, porém ao diaphragma que divide suas siliquas achatadas, largas orbiculares como a lua. Este diaphragma ou separação, desembaraçado de suas val-

vulas, é brilhante e assimilha-se a medalhas ou hostias.

Renato, duque de Bar e de Lorena, tendo ficado prisioneiro na batalha de Thoulangean, pintou por sua própria mão um ramo de lunaria, e o enviou á sua gente, para os reprehender da sua pouca diligencia para libertal-o.

LUPULO — INJUSTIÇA

O lupulo é chamado pelos naturalistas — *lobo da terra*, — porque suas hastes sarmentosas afogam e suffocam as arvores e as plantas que cercam e abraçam; e porque a sua prodigiosa vegetação rouba em pouco tempo a força nutritiva ao terreno onde cresce.

LUZERNA — VIDA

A luzerna occupa por muito tempo o mesmo terreno; mas quando o abandona é para sempre. Eis aqui certamente o motivo porque d'ella fizeram o emblema da vida.

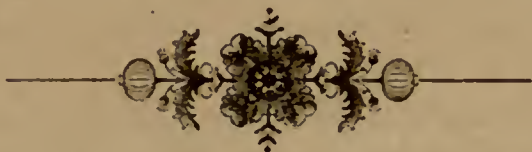
Nada é tão encantador como um campo de luzerna em flor e que se offerece a nossos olhos como um tapete verde e violeta.

Querida do cultivador, esta planta lhe prodigalisa abundantes colheitas, sem exigir-lhe cuidados e desvelos. ceifam-a, e ella renasce.

Ao seu aspecto a bezerrinha se alegra; as ovelhas a estimam; ella faz as delicias das nossas cabras, a alegria de nossos poldros.

Originaria da Europa, este dom que nos veio immediatamente dos ceos, possuimo-lo sem esforços, gosâmo-lo sem attenções, e mesmo sem reconhecimento, preferindo-lhe muitas vezes uma flor, que não possui outro merecimento além de um brilho passageiro.

Assim nós desprezamos frequentemente uma felicidade certa, para correr após vãos prazeres, que por fim tambem nos fogem e se esvaecem.





Cravo



Giesta



Artemisa



Heliotropio

Amar é uma esperança uma ventura q. nos embriaga,



Cravo



Luserna



Trigo



Martyrio

não amar e não viver; é ler a ciência



Teixo



Dulcamara



Margarida



Dulce-amaro

d'esta triste verdade. que a inocência é uma mentira,



Murta



Acantho



Artemisa



Dionzia

o amor uma arte, a ventura um sonho



Reseda - Corôa de Rei - Violetas





MACEIRA DE ANAFEGA — ADOÇAMENTO CONFORTO

Arbusto espinhoso, originario da Syria e naturalisado no meio dia da França, a maceira de anafega eleva-se até cinco ou seis metros de altura; suas folhas são oblongas e lusidias.

Faz-se com o seu fructo um xarope frequentemente empregado em medicina, e que figura entre os peitoraes adoçantes.

MACELLA — SERVIÇO — SUBMISSÃO

O chá feito das flores d'esta planta foi de frequente uso na medicina, prestando valiosos serviços nos males de estomago. Por este facto e pela humildade, com que

espontaneamente a vemos reproduzir-se, tem ella a significação que se lhe attribue.

MADRE-SILVA — LAÇOS DE AMOR

A fraqueza agrada á força, e não poucas vezes lhe presta graças. Vê-se frequentes vezes a madre-silva cingir amorosamente com suas hastes brandas e delicadas o tronco nodoso de um grande carvalho: parece á primeira vista que este fraco arbusto quer, lançando-se nos ares, exceder em altura o rei dos bosques; mas bem depressa, como se seus esforços fossem inúteis, o vemos dobrar-se com graça, e coroar a fronte do seu robusto amigo com festões e grinaldas perfumadas.

Assim o amor compraz-se muitas vezes em unir uma tímida pastora a um soberbo guerreiro!

Desventurada Desdemona! foi a admiração, que te inspirou a coragem e a força, foi o sentimento da tua fraqueza que ligou teu coração ao terrível Othello; mas o ciúme veio ferir-te sobre o seio mesmo d'aquelle que devia proteger-te.

Voluptuosa Cleopatra, tu subjugaste o fero Antonio, e a sorte nem poupou teus encantos, nem a grandeza do teu apoio. Derrubado pelo mesmo golpe caíste e pereceste juntos.

E tu, humilde e terna La Valliere, o amor do maior dos reis pôde só subjugar teu fraco coração e roubar-te a virtude. Pobre enredica, o sopro da inconstancia te privou bem depressa d'esse apoio querido; mas tu não rojaste na terra; teu nobre coração, elevando suas af-

feições para o céu, foi renders ua terna homenagem
Àquelle só que é digno de um amor immortal.

MALAGUETA — EU ME ABRAZO

Esta planta singular, originaria da America equatorial, parece reverdecer sob os raios do sol mais ardente. Suas folhas, largas e espessas, estão cobertas de fasciculos de espinhos muito agudos, que parecem queimar a mão que os toca.

MALMEQUER AMARELLO DOBRADO DO CAMPO

AFFLIÇÃO — PENA — PEZAR

Em uma rica collecção de madame Lebrun havia um quadro, no qual esta amavel artista tinha representado o pezar sob a fórmula de um mancebo, pallido, abatido, cuja cabeça inclinada parecia opprimida pelo peso de uma coroa de malmequeres amarellos dobrados do campo. Todos conhecem esta flor doirada que é o emblema das penas da alma, e que os romanos chamavam flor das calendas.

Estas flores gosam como as chagas da propriedade de deixarem escapar durante a noite, nos mezes de julho e agosto, pequenas faiscas, e seguem como outras flores o curso do sol do oriente para o occidente.

Margarida de Orleans, avó materna de Henrique iv, tinha por divisa um malmequer voltando seu calice para o sol, e por epigraphe—*Só a elle quero seguir.*

Esta virtuosa princeza queria significar por esta divi-

sa que todos os seus pensamentos, todas as suas affeições se dirigiam para o céu, como aquella flor se voltava para o sol.

NALMEQUER AMARELLO SINGELLO DO CAMPO

CIUME

Os amantes, quando a duvida e o ciume lhes punge o coração, consultam nas folhas do malmequer a sina de seu amor.

Esta flor é uma das que tem sido assumpto de lindas poesias. Mr. Constant-Dubos foi um dos poetas que mais tem dedicado seus bellos versos ás flores, e entre outros trechos diz :

Quantas vezes a pastora,
Longe do joven amante,
Diz comsigo : É-me fiel?
Voltará elle constante?

Tremendo te colhe então...
E sob a mão mal segura,
O orac'lo que se desfolha
Lhe indica a sorte futura.

Ao nosso distincto poeta o sr. Palmeirim devemos a seguinte poesia :

Malmequer : que triste sorte,
Mal aceito á formosura !

Consultei folha por folha,
Pobre flor da desventura;
Não me quer pouco nem muito,
Para mim foi-se a ventura!

Arranquei primeira folha,
Vinha alegre e desdenhosa;
Não te canses em consultas,
Que a tua dama formosa
Inda tem n'alma esse «muito»,
Que te dá vida gostosa.

Consultei segunda folha,
Vinha triste e esmorecida;
Mensageira de más novas
Traz do rosto a côr perdida;
Quer-te pouco a tua dama,
E caiu no chão sem vida.

Terceira pallida folha
Foi com susto consultada;
De minhas iras temendo
Hesitou, ficou callada;
A mudez fallou de sobra;
Percebi-lhe um triste «nada».

Consultei outra vez inda
A florinha dos amantes;
E sempre de mau agoiro
Suas folhas inconstantes:

Desfolhou-se o malmequer
Em breves curtos instantes.

A que falla é sempre a folha
Que no fim foi arrancada:
Essa folha, por desgraça,
Foi um triste e pobre «nada».

MALMEQUER BRANCO DO CAMPO—EU PENSAREI N'ISSO

Nos tempos da cavallaria andante, quando uma dama não queria aceitar nem rejeitar os votos de um pretendente de *amorasa mercè*, ornava sua fronte de uma corôa de malmequeres brancos do campo; isto queria dizer: *Pensarei n'isso*.

MALMEQUER DA SECIA — CAUTELLA

Tal é a significação attribuida a esta flor em mais de uma linguagem de flores.

MALMEQUER E CYPRESTE—DESESPERO

O cypreste é o emblema da morte; o malmequer é o emblema do pezar. A reunião d'estas duas flores exprime o *desespero*.

MALMEQUER E PAPOULA—EU ACALMAREI VOSSAS PENAS

Esta significação provém da combinação da significa-

ção das duas flores, das quaes a primeira significa *pezar* e a segunda *allivio* ou *somno do coração*.

MALMEQUER E ROSA — DOCE PENA DE AMOR

Póde modificar-se de milhares de modos a triste significação do malmequer. Unido ás rosas é elle o symbolo das doces penas do amor; tecido com outras flores em grinalda representa a cadeia inconstante da vida, sempre alternada de bens e de males. É sobretudo por modificações semelhantes que a linguagem das flores se torna o interprete de todos os nossos sentimentos.

Assim tambem como a inclinação e posição de uma flôr influem na sua significação — assim tambem o lugar em que a collocamos ou apresentâmos lhe varia ou modifica o modo de significar: d'aqui resultam os seguintes emblemas:

MALMEQUER NA BOCCA — NÃO DIGO O QUE SINTO

MALMEQUER NO CABELLO — PENA NA ALMA

MALMEQUER NO CORAÇÃO — PENA DE AMOR

MALMEQUER NO SEIO — CRUEIS TORMENTOS

MALMEQUER PLUVIAL — PRESAGIO — PROGNOSTICO

Esta flor abre constantemente ás sete horas, e permanece aberta até ás quatro, se o tempo tem de con-

servar-se secco; porém se ella não abre, ou abrindo, fecha antes da sua hora regular, podemos estar seguros de que choverá durante o dia.

MALVA — TERNURA MATERNAL

A malva é uma bella planta, da qual hoje se conhecem mais de cem especies, e que outr'ora eram cultivadas com esmero em nossos jardins, e se serviam na mesa diversamente preparadas. Hoje ainda os chinas comem as folhas da malva, preparadas como entre nós o são a alface e os espinafres.

Pythagoras disse:

Semeae a malva, mas não a comaes,

isto é, tende indulgencias e doçura para o proximo, mas não para vós.

MALVA-PIMENTA — AVISO

O perfume d'esta planta é tão activo que nos avisa da sua presença entre outras flores.

MALVA-ROSA — VÓS SOIS BELLA

À sua delicadeza reúnem as flores d'esta planta tão suave perfume, que não podemos vê-la sem exclamar — sois bella!

MALVAISCO — AGRADO — BENEVOLENCIA

Emblema da benevolencia o malvaisco, ou althea é o amigo do pobre. Cresce naturalmente ao longo do ribeiro que lhe mitiga a sede, e em volta da cabana que o abriga: todavia presta-se á cultura, e vemos suas hastes modestas misturarem-se com as flores de nossos jardins.

Sem amargura nem aspereza o seu aspecto é agradável e doce; suas flores, de côr de rosa, harmonisam com suas folhas e hastes, que como ellas se cobrem de uma felpa argentada e macia como a seda: agrada por sua doçura, não só á vista como ao tacto.

Suas flores, hastes, folhas e raiz, tudo n'elle é benéfico. Compõem-se dos seus differentes succos xaropes, pastilhas e massas tão excellentes no gosto, como favoráveis á saude.

O viajante extraviado tem muitas vezes encontrado em sua raiz um alimento sadio e substancial, bastando-lhe apenas olhar a terra para achar em toda a natureza provas inequivocas de amor e providencia; mas esta terna mãe tem sempre occultado, tanto nas plantas como no homem, as maiores virtudes debaixo da apparencia mais modesta.

MANCENILHEIRA — FALSIDADE

O fructo da mancenilheira assimilha-se muito a uma maçã pequena e corada. Esta apparencia enganadora, junto a um cheiro agradável, convida a comel-o; porém sua carne esponjosa, e balofa contém um succo leitoso

e traidor, que ao principio parece insipido, mas que em pouco se torna tão caustico, que queima ao mesmo tempo os beiços, o paladar e a lingua. Todos os viajantes são-unanimes em dizer que o melhor antidoto contra tão violento veneno é a agua do mar, sobre cujas praias esta arvore cresce exclusivamente.

MANDRAGORA — RARIDADE

Os antigos attribuiam grandes virtudes á mandragora; mas como elles não nos deixaram descripção alguma exacta, d'esta planta, ignorâmos a que especie elles davam este nome.

Nossos charlatães, habeis em aproveitar todas as superstições, sabem, por um artificio summamente grosseiro, fazer tomar a fôrma de um homenzinho a diferentes raizes, que mostram aos credulos, dizendo-lhes que estas raizes maravilhosas são verdadeiras mandragoras que se acham apenas em um pequeno cantão da China, quasi inaccessible. Acrescentam ainda que estas mandragoras soltam gritos lamentosos, quando as arrancam, e que aquelle que as arranca morre dentro em pouco; que, para obter estas raizes, é preciso descobri-las com precaução, cavando a terra com uma pá, cingindo-as com uma corda presa a um cão, que fica assim correndo as consequencias d'esta acção impia.

Poderia compor um triste e curioso volume a narração de todas as idéas extravagantes, absurdas e supersticiosas. que têm feito nascer alguns antigos erros e

creanças sobre as virtudes suppostas de uma planta, que talvez nunca existiu.

MANGERICÃO — INDIGENCIA — POBRESA

Representa-se às vezes a pobreza sob a fôrma de uma mulher coberta de andrajos, assentada junto de uma planta de mangericão.

MANGERONA — SEMPRE FELIZ

Para que esta planta se reproduza e se conserve bastam poucos cuidados e um terreno humido. Pouco basta para ella se ostentar alegre e feliz.

MANGERONA MURCHA — ADEUS QUE ME AUSENTO

Áquelles que com pouco se contentam e vivem felizes só a ausencia entristece. A mangerona, que se conserva por muito tempo viçosa, quando murcha, morre em pouco tempo.

MARACUJÁ — TOMARA EU JÁ

A significação que aqui attribuímos ao maracujá é outro nome pelo qual elle é conhecido.

MARAVILHAS — BREVIDADE

Uma linguagem de flores publicada ha annos em Lis-

boa attribue a significação que acima dizemos ás maravilhas.

MARGARIDA — VARIEDADE

Quando pela primeira vez esta flor, que os francezes denominam *rainha Margarida*, appareceu em França, deu-se-lhe o nome de *astro chinez*. Effectivamente as suas bellas flores são raiadas como os astros e é oriunda da China.

As primeiras sementes foram remettidas para o jardim do rei em 1730, pelo padre Incarville, missionario na China. Obteve-se primeiro uma variedade singela, e de côr uniforme, mas depois a cultura dobrou, quadruplicou e variou infinitamente os florões assetinados, que coroam seu disco. Uma das mais bellas variedades transforma os florões dourados de seus largos discos em tubos semelhantes á pelucia das anemonas. Tem-se supposto erradamente que os chinas não conheciam senão a flor simples e violeta que foi primeiramente enviada á Europa; porém elles possuem todas as variedades que nós admirâmos, e sabem mesmo tirar d'ellas partido para formarem decorações cujo effeito é quasi impossivel descrever. Para preparar estas decorações cultivam estas flores em vasos, depois separam as cores, e as dispõem e graduam de maneira, que se desenvolvem em longos tapetes, sem se separarem nem confundirem. Muitas vezes dão realce a este theatro de flores, dispondo-o junto a um tanque.

Emblema da variedade a margarida deve a uma feliz cultura seus principaes encantos: é a mão habil do jar-

díneiro, que tem cercado seu disco dourado de todas as cores do arco-iris. Assim também o estudo e a educação podem variar permanentemente as graças naturaes do espirito. Magestosa e brilhante esta flor não é a rival imprudente da rosa, mas, succedendo-lhe, vem consolar-nos da sua ausencia.

MARGARIDA PEQUENA SINGELA—INNOCENCIA

Malvina, inclinada sobre o tumulo de Fingal, chorava o valente Oscar, e um filho de Oscar, morto antes de ver a luz do dia.

As virgens de Morven, para distrahir sua dor, erravam em torno d'ella, celebrando com seus cantos a morte do bravo e a do recém-nascido.

«O bravo caiu, diziam ellas, caiu! e o ruido de suas armas resoou na planicie; a doença que rouba a coragem; a velhice que deshonra o heroe, não podiam tocar-o; caiu! e o ruido de suas armas resoou na planicie.

Recebido no palacio das nuvens, onde habitam seus avós, bebe com elles na taça da immortalidade. Ó filha de Oscar! enxuga o pranto de tua dor; o bravo caiu! caiu! e o ruido de suas armas resoou na planicie.»

Depois, com voz mais doce e suave, continuavam: «O menino que não viu a luz não conheceu a emargura da vida; sua alma infante, transportada sobre azas brilhantes, chega com a diligente aurora ao palacio do dia. As almas dos meninos, que têm, assim como elle, quebrado sem dôr as prisões da vida, recostados sobre nu-

vens de ouro, se apresentam e lhe franqueiam as portas mysteriosas da officina das flores. Ali, essa multidão innocente, ignorando o mal, se occupa eternamente em encerrar em germens imperceptiveis as flores que cada primavera deve fazer desabrochar: todas as manhãs, esta joven milicia vem espalhar esses germens sobre a terra com as lagrimas da aurora: milhões de mãos delicadas encerram a rosa no seu botão, o grão de trigo no seu casulo, os vastos ramos de um carvalho na sua bolota, e algumas vezes uma floresta inteira n'uma semente invisivel.

«Nós o vimos, ó Malvina! nós o vimos, o filho que tu choras deitado sobre uma nuvem diaphana, approximar-se de nós, e espalhar sobre nossas campinas uma messe de novas flores. Olha, Malvina! entre essas flores, distingue-se uma com seu disco de oiro, cercado de laminas de prata, uma suave tinta de purpura embellece seus raios delicados; embalada entre a relva por uma brisa faguêira dir-se-ia ser um menino que brinca no prado. Enxuga teu pranto, ó Malvina! o bravo morreu coberto de suas armas, e a flor de teu seio deu uma nova flor ás collinas de Cromla.»

A doçura d'estes cantos suspendeu a dor de Malvina; ella tomou sua harpa de oiro, e repetiu o hymno do recém-nascido.

Depois d'esse dia, as filhas de Morven consagraram a pequena margarida á infancia: é, dizem ellas, a flor da *innocencia*, a flor do recém-nascido.

MARGARIDA PEQUENA DOBRADA

EU PARTILHO VOSSOS SENTIMENTOS

Parece haver bastante tempo que a cultura dobrou esta linda florinha. Quando a amada de um antigo cavalleiro lhe permittiu fazer gravar sobre suas armas esta flor, confessava assim publicamente que *partilhava seus sentimentos*.

MARTYRIO — CRENÇA — FÉ — RELIGIÃO

Estão representadas na flor do martyrio uma corôa de espinhos, o açoute, a columna, a esponja, os cravos e as cinco chagas de Christo. É por isso que se chama também a esta flor — Passiflor ou flor da paixão, e que se faz d'ella o emblema da fê e da religião.

MEIMENDRO — DESFEITO

O meimendro é malfazejo, a sua apparencie é repugnante. Os turcos embriagam-se com seus succos nocivos; mas todos que d'elles fazem uso são considerados dissolutos e dados ao deboche.

MELINDRES — MELINDRES

Do seu nome tira esta flor o seu emblema.

MAZEREÃO — DESEJO DE AGRADAR — GALANTEIO

A haste do mezereão menor é coberta de uma certa cortiça que lhe dá a apparencia de madeira secca. A natureza, para occultar a sua deformidade cercou cada um de seus troncos de uma grinalda de flores purpurinas, que se desenvolve em espiral, e termina por um pequeno tufo de folhas que affecta a fórma de uma pinha.

Um perfume indefinivel, exquisito e perigoso se escapa d'essas hastes ligeiras, que florescem pelos fins de janeiro.

Esta planta apparece no meio das neves, revestida de suas encantadoras galas: e dir-se-ia ser uma nympha imprudente e galanteadora, que se atavia, no meio do inverno, com seus vestidos de primavera.

MILHO — MULTIDÃO

As maçarocas d'esta bem conhecida planta, cuja utilidade é tão reconhecida, por isso que constitue o sustento de uma grande parte da nossa gente do campo, reúne uma tão grande multidão de grãos, e a sua reprodução é em tão grande escala, que com justa causa se lhe attribue a significação de — *multidão*.

MOMORDICA — CRITICA

Seu nome deriva do latim *mordeo*, eu mordo, e d'a-hi tambem o seu emblema.

MORANGÃOS — BONDADE PERFEITA

Um muito distincto escriptor francez concebeu o projecto de escrever uma historia geral da natureza á imitação dos antigos e de muitos dos modernos. Um morangueiro que casualmente tinha crescido proximo da sua janella o desviou d'este intento ; porque observando o morangueiro descobriu n'elle tantas maravilhas, que reconheceu desde logo que bastava para occupar a vida de muitos sabios o estudo de uma só planta. Deixou pois o seu projecto, renunciou á idéa de dar á sua obra um titulo pomposo, e contentou se de a denominar modestamente — *Estudos da natureza*.

É n'este livro, digno de Plinio e de Platão, que é mister adquirir o gosto da observação e da boa litteratura, e é ali sobretudo, onde se deve ler a historia do morangueiro, humilde planta, que cobre os canteiros de nossas hortas com esses fructos tão conhecidos e deliciosos.

As flores do morangueiro formam lindos ramalhetes; mas qual será a mão barbara que, cortando-as, quere-rá roubar seus fructos a mão que mais tarde deve colhe-los ? É sobretudo no meio dos gelos dos Alpes que o viajante folga de encontrar esses bellos fructos em todas as estações. Quando elle abrasado pelo sol, extenuado de fadiga sobre esses rochedos coevos do mundo, no meio d'esses pinheiros semi-derrubados pelas avalanches, procura em vão uma cabana para repousar, uma fonte para saciar a sêde, vê de repente sair do rochedo uma multidão de jovens que avançam para elle com cestos

de morangãos: ellas apparecem no cume de todas as alturas, no fundo de todos os precipicios. Parece que cada rochedo, cada arvore é guardada por uma d'essas nymphas que o Tasso collocava á porta do jardim de Armida. Tão sedutoras e menos perigosas que as jovens da Suissa, offerecendo seus engraçados açafates ao viajante, longe de suspender seus passos, lhe dão novas forças para d'ellas se afastar.

O sabio Linneo foi por muitas vezes curado de crueis ataques de gotta, fazendo uso dos morangãos: não poucas vezes este fructo tem restituído a saude a doentes abandonados dos medicos.

Os morangãos servem para compor mil deliciosos sorvetes, fazem as delicias das melhores mesas, e o luxo das refeições campestres. Todavia ha pessoas de sufficiente mau gosto para aborrecer este bello fructo, como para desmaiar á vista de uma rosa; mas não deve isto surprehender-nos, porque ha quem empallideça ouvindo a narração de uma bella acção, como se a inspiração da virtude lhe despertasse um remorso. Felizmente estas tristes excepções nem roubam a excellencia á virtude, nem offuscam a belleza á rosa, nem tiram a *bondade perfeita* ao mais bello dos fructos.

MOSTARDA — FUROR

Da impressão caustica que experimentámos quando trincámos o grão da mostarda tira ella o seu emblema.

MURRIÃO — ENTREVISTA

Dioscorides nos diz, na sua *Materia medica*, que a especie de murrião mais commum, denominada anagal, era empregada para fazer sair os ferros de frecha que ficavam dentro das feridas por elles produzidas, o que fez dar-se-lhe aquelle cognome derivado do grego *anago*, *attrahir*.

MURTA OU MYRTO — AMOR

O carvalho em todos os tempos foi consagrado a Jupiter, o loureiro a Apollo, a oliveira a Minerva, e a murta a Venus.

Uma verdura perpetua, ramos macios, perfumados, carregados de flores, e que parecem destinados a ornar a fronte do Amor, têm grangeado para a murta a honra de ser a arvore de Venus.

Em Roma o primeiro templo d'esta deusa foi cercado de um bosquesinho de myrtos: na Grecia era adorada sob o nome de Myrtia.

Quando Venus nasceu do seio das ondas, as Horas foram ao seu encontro, e lhe apresentaram um cinto de mil cores, e uma grinalda ou corôa de murta. Depois da sua victoria contra Pallas e Juno, foi ella coroada de murta pelos Amores.

Surprehendida um dia, na occasião em que saia do banho, por um bando de satyros, refugiou-se atrás de um bosquesinho de myrtos; e foi tambem com os ramos d'esta arvore que se vingou da audaciosa Psyché,

que tinha ousado comparar sua belleza, passageira a uma belleza immortal.

Correndo os tempos a corôa dos Amores tem algumas vezes ornado a fronte do guerreiro. Depois do roubo das sabinas os romanos coroaram-se de myrto em honra de Venus guerreira, de Venus victoriosa; esta corôa partilhou ainda os privilegios do loureiro, e brilhou sobre a fronte dos vencedores. O avô do segundo africano venceu os corsos, e depois d'isso jámais compareceu nos jogos publicos sem estar ornado com uma corôa de murta.

Hoje, que já não se triumphava no capitolio, as damas romanas têm conservado muito gosto e predilecção por este lindo arbusto; preferem seu aroma ao das mais preciosas essencias, e lançam em seus banhos uma agua distillada de suas folhas, persuadidas de que a arvore de Venus é propicia á belleza.

Se os antigos tiveram esta idéa, se para elles a arvore de Venus foi a arvore dos amores, e porque tinham observado que a murta, apoderando-se de um terreno, afasta d'elle as outras plantas; assim como o amor, senhor de um coração, não deixa n'elle logar para outro algum sentimento.

MUSGO — AMOR MATERNAL

J. J. Rousseau, tanto tempo atormentado por suas paixões, e perseguido por as dos outros homens, consolou os ultimos annos da sua vida pelo estudo da natureza: só a ella amava, só a ella interrogava; o seu

gosto pela botanica adoçava todos os seus males, mitigava todos os seus soffrimentos: o estudo dos musgos tinha, sobre todos, encantos para elle. «São elles, dizia muitas vezes Rousseau, que dão a nossos campos certo ar de mocidade e frescura, que embellezam a natureza no momento em que as flores têm desaparecido, ou que suas hastes seccas se confundem com o pó dos prados.»

Effectivamente é no inverno que os musgos offerecem aos olhos do botanico seu verde esmeralda, suas nupcias secretas, e os encantadores mysterios das urnas e das amphoras que encerram sua posteridade.

Similhantes a esses amigos que não arreceiam nem a desgraça, nem a ingratição, os musgos, banidos dos campos cultivados, avançam para os terrenos aridos e incultos, para os cobrir com sua propria substancia, que pouco a pouco se transforma em uma terra fecunda, estendendo-se tambem até aos pantanos, que transformam em uteis e alegres prados. No inverno quando a vegetação é quasi nulla, são elles que absorvem e se carregam do hydrogenio e carbonio, que vicia o ar que respiramos, para nol-o darem carregado do oxygenio que o purifica: no estio formam á sombra das arvores camas de relva, onde os pastores, os amantes e os poetas sentem igual prazer em repousar: os passarinhos com ellas atapetam os ninhos que preparam para a sua prole, e d'elles faz o esquilo sua morada circular.

Nos confins do mundo os lapões cobrem de musgos os subterraneos, onde, reunidos em familias, arrostam os mais rigorosos invernos; seus numerosos rebanhos

de rangiferos não conhecem outro alimento, e todavia fornecem a seus donos leite delicioso, carne succulenta, e coberturas agasalhadas e quentes; reunindo assim para o pobre lapão todas as vantagens que separadamente nos offerecem a vacca, o boi e a ovelha.

Os lapões, reunidos á roda de grandes fogueiras, celebram, ao som de seus tambores magicos, as auroras boreaes que allumiam suas longas noites; cantam as virtudes de seus paes ou suas proprias emprezas, em quanto que suas mulheres, assentadas junto d'elles, acalentam em berços de musgos seus filhinhos envolvidos em pelles de arminho.

Povo afortunado, vós desconheceis nossas guerras, as nossas festas, nossas dissensões e longas miserias! cada dia na vossa feliz ignorancia louvaes os deuses por vos haverem feito nascer na mais bella das regiões, por vos terem dado costumes puros, ar livre e musgos perfumados. A natureza benefica e providente n'esses tristes climas, tudo quanto ali vegeta, e tudo quanto ali respira, cerca de musgos, como de um vello vegetal proprio para preservar do frio esses seus filhos desventurados, e aquecel-os sobre seu seio maternal.

MYOSOTIS—LEMBRAE-VOS DE MIM — NÃO ME ESQUEÇAES

Em nenhum outro lugar se vêem tantos e tão bellos myosotis como nas margens de um pequeno rio, nos arbaldes de Luxembourg. Os camponezes dão a esse rio o nome de *banho das fadas* ou *cascata do carvalho encantado*: estes dois nomes lhe provém certamente da

belleza da sua nascente, que rebenta, murmurando, do pé de um carvalho tão antigo como o mundo.

As aguas d'este rio cáem de cascata em cascata sob uma extensa abobada de verdura, que só deixam para correrem mansamente em uma vasta planicie, onde se assimilham a um longo filete prateado. A margem mais exposta ao sul é a unica coberta de uma espessa orla de myosotis; as lindas flores d'esta planta ahi no mez de julho, com uma côr azul celeste, inclinam-se sobre as aguas, como achando prazer em se mirarem n'esse crystal, de inexcédível pureza. Nos dias festivos costumam as jovens de Luxembourgo sair das muralhas da cidade, e vir dansar nas margens d'esse rio; e vendo-as ornadas das flores que banha com suas aguas, dir-se-ia serem outras tantas nymphas que celebram jogos em honra da naiade do carvalho encantado.

O auctor das *Cartas a Sophia* diz que o myosotis foi na antiguidade o objecto de uma tocante metamorphose. «Ouvi cantar na Allemanha, acrescenta elle, que, em tempos remotos, dois jovens amantes na vespera da sua união, passeiando sobre as margens do Danubio, viram uma linda flor de myosotis, que batida pelas aguas parecia prestes a ser levada por ellas. A joven admirou a sua belleza, e mostron-se condoida da sua sorte. O mancebo, para agradar-lhe, lançou-se á agua, colheu a flor, mas foi engulido pelas ondas; e conta-se que por um derradeiro esforço lançou a flor sobre a margem, e exclamou no momento de para sempre desaparecer: *amae-me sempre, não me esqueçaes.*»

MYROBOLANO — PRIVAÇÃO

O myrobolano tem a apparencia da ameixeira produz um fructo que é da côr e fôrma de uma bella cereja, mas que tem um succo desenxabido e semsabor. Os passaros mesmo o rejeitam e não querem utilisar-se d'elle.

MYRTILO — TRAIÇÃO

Enomaus, pae da bella Hippodamia, tinha por cocheiro o joven Myrtilo, filho de Mercurio. Soberbo por esta vantagem, exigia que todos aquelles que pretendiam a mão de sua filha entrassem com elle em liça, e lhe disputassem o premio da carreira em carro.

Pelops, que queria obter Hippodamia, prometteu a Myrtilo uma grande recompensa, se tirasse a chaveta que segurava as rodas do carro de seu amo. Myrtilo deixou-se seduzir, o carro tombou, e Enomaus foi morto; mas no momento de expirar pedio a Pelops que o vingasse, o que este fez lançando o cocheiro ao mar. Tendo as vagas lançado o corpo á praia, Mercurio o transformou no arbusto que tem o seu nome: este arbusto assimilha-se a um pequeno myrto, e cresce nas praias do mar, nos logares assombrados e frescos. As flores em fôrma de guisos succedem bagas de côr azul escura, e de sabor picante e agradável.



NÃO ME DEIXES COR DE ROZA — JURAMENTO

Combinando o nome da flor com os juramentos exigidos e trocados entre os amantes, achá-se facilmente justificado este emblema.

NARCISO — EGOISMO

O narciso dos poetas espalha um cheiro agradável, e apresenta uma corôa de ouro no centro de uma larga flor, sempre branca como o marfim, e ligeiramente inclinada; esta planta parece oriunda de nossos climas, e gosta da frescura das águas e da sombra.

Os antigos viam n'esta flor a metamorphose de um joven pastor que o amor puniu da sua indiferença por um fatal desvario. Mil nymphas amaram o bello Narciso, e conheceram o supplicio de amar sem retribuição. Echo,

a triste Echo, foi desprezada por aquelle ingrato; ella era então bella, mas a dor e a vergonha destruíram a sua belleza; uma horriavel magreza se apossou de seu corpo: os deuses tiveram d'ella piedade, e mudaram seus ossos em pedras, mas não poderam curar sua alma, que geme ainda nos logares afastados, onde tantas vezes seguiu o cruel a que não pôde inspirar amor.

Fatigado pelo exercicio da caça, e pelo calor que abrasava a terra, o bello Narciso descansou um dia junto de uma fonte, cujas aguas limpidas jámais tinham sido perturbadas; o pastor attrahido pela sua frescura quiz saciar a sede, inclinou-se sobre o puro crystal d'aquella agua perfida; viu n'ella a sua imagem, e ficou tão enamorado da sua propria belleza, que, fixos os olhos n'essa sombra que o fascinava, perdeu o movimento e ficou, qual estatua, preso e immovel na borda da fonte. O amor, vingando-se assim d'aquelle coração rebelde, embellece essa imagem de todos os fogos que inspira, e abandona, rindo, a victima ao delirio que deve consumi-la. Echo, sò, foi a unica testemunha de seu penar, de suas lagrimas, de seus suspiros, e dos votos insensatos que elle a si proprio se dirigia. Sensível ainda, a nympha respondeu a suas lamentações, e repetiu o seu ultimo adeus, que não foi para ella, porque mesmo expirante o desgraçado buscava no fundo das aguas o erro fatal que o encantára; e assegura-se até que, descendo aos infernos, pedia essa imagem ás aguas tenebrosas da Stige, de cujas margens não podia separar-se.

As Naiades, suas irmãs, choraram a sua morte, cobriram seus corpos das longas madeixas de seus cabellos, e

pediram ás Dryades que elevassem uma fogueira pera o seu funeral. Echo seguia essas nymphas, e repetia suas lamentações com voz desolada. A fogueira foi effectivamente levantada, mas o corpo que devia reduzir a cinzas não existia já, e em seu lugar estava uma flor pallida e melancolica que se inclinava sobre as aguas das fontes como Narciso sobre a da Stige.

D'esse dia ávante as Eumenides ornarn suas fronteas terriveis de uma corôa d'essas flores, que têm consagrado ao *egoismo*, que é de todas as furias a mais sinistra e mais funesta.

NICOCIANA — DIFFICULDADE VENCIDA

Tal é a significação que Zaccone attribue a esta planta, que é aquella de que se faz o tabaco, e a qual João Nicot, embaixador francez em Portugal, introduziu em França nos fins do seculo xvi.

NOGUEIRA — NOBREZA

Nada ha mais nobre do que o aspecto e apparencia d'esta bella arvore, cujos fructos são muito saborosos, e cuja madeira é tão estimada.

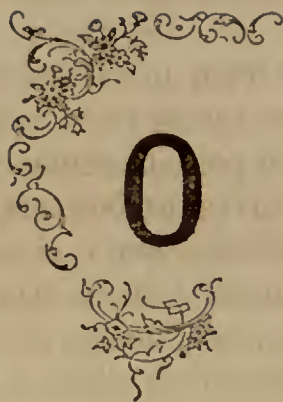
NOSTOC — RESISTENCIA

O nostoc é uma planta gelatinosa, que tem muito occupado os sabios, e que até hoje tem escapado ás suas investigações. Foi muito celebre entre os alchimistas, que

d'ella se serviam para preparar a pedra philosophal e panacéa universal, considerando-a uma emanção dos ar-
tros.

Alguns sabios não têm julgado ver n'esta gelatina se-
não uma dejecção das garças reaes que têm comido rãs;
outros vêem n'ella um perfeito animal. Parece porém que
para se subtrahir ás investigações esta planta se converte
em muitas outras analogas, que reciprocamente se trans-
formam umas nas outras. Acha-se nas ruas dos jardins e
nos prados, e muitas vezes, depois de uma noite fresca e
pluviosa, tem-se visto coberta d'ella o solo do jardim das
Tulherias, desaparecendo poucas horas depois de rom-
per o sol. Finalmente até hoje este ser tem offerecido ás
indagações a seu respeito uma *resistencia* a toda a prova.





OLIVEIRA — PAZ

A paz, a sabedoria, a concordia, a doçura, a clemencia, o prazer e as graças coroam-se de folhas de oliveira. A pomba enviada por Noè trouxe no bico para a arca um ramo de oliveira, symbolo da paz que o céu acabava de conceder á terra.

ONAGRA — INCONSTANCIA

Muitas vezes esta planta tem sido achada e de novo perdida. E oriunda da Virginia. Mr. Mordant de Launay a restituiu aos jardins de París, onde, apesar de sua *inconstancia*, tem sido favoravelmente acolhida.

OPHRIS-ARANHA — DESTREZA — HABILIDADE

Arachnea foi uma muito habil bordadora, que ousou desafiar Minerva no exercicio d'esta arte. A deusa offen-

dida metamorphoseou esta imprudente em aranha. A ophris-aranha assimilha-se ao insecto, que, sob uma fórma hedionda, não tem perdido sua *destreza e habilidade*

OPHRIS DE TRES FOLHAS OU MOSCA — FERRO

A flor de ophris de tres folhas assimilha-se tão perfeitamente a uma abelha, que muitas vezes somos induzidos em *erro*.

OXALIS ALLELUIA — ALEGRIA

A oxalis, vulgarmente chamada *pão do cuco*, floresce pela Pascoa. Esta linda planta todas as tardes fecha e inclina suas folhas, recolhe suas cebolas, e deixa pender suas flores; toda ella parece ceder ao somno; mas ao despontar da aurora dir-se-ia transportada de alegria, porque desdobra suas folhas e abre suas flores: é por isso certamente que os habitantes do campo dizem que ella *louva o Senhor*.





PALHA INTEIRA — CONCORDIA — UNIÃO

PALHA QUEBRADA — DESAVENÇA — RUPTURA

O uso de quebrar uma palha, para exprimir que todos os juramentos estão quebrados, remonta aos primeiros tempos das monarchias, e pôde mesmo dizer-se que tem uma origem quasi real.

Os antigos chronistas contam que em 922 Carlos o *Simple*, vendo-se abandonado pelos principaes senhores da sua côrte, teve a imprudencia de convocar a assemblêa do Campo de Maio em Soissons. Ahi procurava amigos, e não encontrou senão rebeldes e facciosos, dos quaes a audacia augmentava com a fraqueza do rei. Uns lhe lançam em rosto sua indulencia, suas prodigalidades, e sua confiança cega no seu ministro Haganon; outros se pro-

nunciam contra as deshonrosas concessões feitas a Raoul, chefe dos normandos.

Cercado de uma multidão sediciosa roga, promette, e crê escapar-lhe por novas fraquezas, mas foi em vão. Desde que elles o viram sem coragem, sua audacia não teve limites; e ousaram declarar que tinha cessado de ser seu rei.

A estas palavras, que pronunciaram com todos os indícios de violencia, e que acompanharam de ameaças, avançaram até aos degraus do throno, quebraram as palhas que tinham nas mãos, lançaram-as insolentemente ao chão, e se retiraram, depois de haverem significado por esta acção que rompiam com o rei.

Este exemplo é o mais antigo d'este genero de que ha noticia; mas elle prova que, desde remotas eras, esta maneira de quebrar um juramento devia estar em uso, por isso que aquelles vassallos poderosos não julgaram necessario acompanhar a sua acção de uma só palavra que podesse servir para explical-a, tão certos estavam de serem entendidos, como effectivamente o foram.

Vae bastante distancia d'esta scena terrivel á scena jocosa do *Despeito amoroso* de Molière; todavia uma é a origem da outra: ambas resultam da mesma usança popular, e apenas differem na epocha. O que outr'ora servia para desthronisar um rei e derrubar uma nação, só póde servir para penalisar um coração.

Felizes os amantes cujas desavenças terminam como as revoluções dos bons velhos tempos!

PALMA — VICTORIA

Muitos auctores, entre os quaes se conta Aulo Gellio, Plutarco e Pausanias, dizem que a palma ou palmeira é a arvore triumphal, dedicãda antigamente ao sol e significadora da victoria, porque a sua madeira é incorruptivel, e porque sempre reverdece e nunca perde as folhas; mas a principal rasão de significar = victoria = é o não ser arvore opprimida com peso algum que em cima lhe ponham; porque as outras com o peso se abatem e inclinam para a terra, e a palma então se levanta, mostrando que vence, quando cuidam que a abatem.

Santo Agostinho diz que a palma é o symbolo da victoria, e que os ramos da palma com que os de Jerusalem saíram a receber o Senhor, significavam a victoria, com a qual morrendo havia de vencer a morte e triumphar do principe das trevas no alto da Cruz.

PAPOULA BRANCA — SOMNO DO CORAÇÃO

Extrahe-se da semente da papoula branca um oleo insipido, que acalma os sentidos e provoca o somno.

PAPOULA ENCARNADA DO CAMPO — ALLIVIO —
CONSOLAÇÃO

Todas as papoulas são mais ou menos narcoticas, e são empregadas as suas sementes, sob a denominação de dormideiras, para fazer cozimentos, applicados especialmen-

te contra as dores de dentes, conseguindo-se muitas vezes por este meio algum allivio.

PAPOULA COR DE ROSA — FELIZ ENCONTRO

PAPOULA RAIADA — NÃO DUVIDES

São estas as significações attribuidas a estas duas flores por uma linguagem de flores publicada ha annos em Lisboa.

PARIETARIA — MISANTROPIA

Esta planta, conhecida entre nós pelo nome de alfavaca de cobre, cresce sobre os muros e foge da companhia de outras plantas, semelhante ao homem *misanthropo*, que foge e aborrece a convivencia dos outros homens.

PARRAS — ESPERANÇAS PERDIDAS

A vinha enquanto tem folhas mostra que tem frescura e agrada; porém caindo-lhe as folhas fica despojada de sua graça, e parece que ficam perdidas as esperanças de a ver de novo reverdecer, porque quando o inverno vem despojar as arvores de suas folhas, começa sempre pela videira com mais rigor e severidade.

PEONIA — PEJO — RUBOR — VERGONHA

O padre Rapin diz no seu *Poema dos Jardins*, fallando da peonia: «Não são as rosas do pudor que a coram. mas

sim o rubor que produz a *vergonha*, porque esta planta encerra uma nympha culpada.»

PERPETUA AMARELLA — CONSTANCIA ETERNA
— LEALDADE — VERDADEIRA AMISADE

Do seu nome tira em parte esta flor o seu emblema. Como a verdadeira amisade e como a lealdade esta flor não perde os seus encantos e apparencia, por muitos annos, resistindo ao tempo e ás vicissitudes com constancia inalteravel.

PIMENTÃO — OFFENSA

O fructo que conhecemos por este nome tem uma apparencia que não desagrada, mas mastigado offende e queima a bôca. Quantas vezes não envolvem palavras, á primeira vista lisongeiras, offensas bem pungentes?

PINHEIRO BRAVO — ARROJO — ATREVIMENTO — AUDACIA
OUSADIA

Esta arvore desenha os pacificos vergeis, e folga de banhar sua altiva cabeça no orvalho das nuvens, e ver sua folhagem incessantemente batida pelos ventos; e quando a despojam de seus ramos voga sobre as vagas agitadas do Oceano, para ainda ali arrostar com a tempestade.

PINHEIRO MANSO — ELEVACÃO

Esta especie de pinheiro dá-se bem nas regiões frias, onde se eleva a altura prodigiosa.

PYRAMIDES AZUES — CONSTANCIA

As hastes d'esta planta elevam-se a mais de seis pés, e são guarneçadas de cima a baixo de grandes e bellas flores que abrem em junho e conservam até outubro todo o seu brilho. A bella côr d'estas lindas pyramides é a da constancia.

PLATANO — GENIO

Em Athenas o Portico era cercado de longas avenidas de soberbos plantanos. Os gregos rendiam a estas bellas arvores uma especie de culto, e as consagravam aos bons genios e aos prazeres do espirito.

POLYGALA — EREMITAGEM ERMO

Esta linda planta, que não se eleva mais de um pé, conserva sempre suas folhas, que são semelhantes ás do buxo. Os eremitas que habitavam outr'ora as montanhas, cercavam d'ellas os seus retiros. Os antigos acreditavam que esta planta era propicia aos rebanhos, e que lhes dava muito leite, e é o que exprime o seu nome *poly*, muito, *gala*, leite.

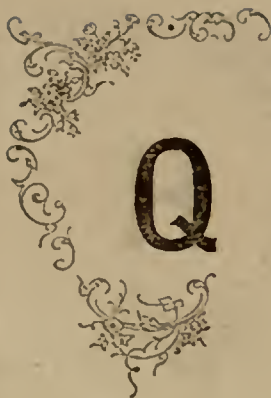
PRIMAVERA — PUBERDADE

A puberdade é a primavera da vida. «A primavera, diz Shakespear, que nunca viu Phebo em todo o seu esplendor, é pallida como a joven que fenece pouco a pouco na esperança de um esposo.»

PULSATILA — EU NÃO TENHO PRETENÇÕES — OU — NÃO
SOU PRETENCIOSA

A pulsatilla, que chamam também flor de Jupiter ou corôa dos campos, é uma planta cheia de pennugem, molle e esbranquiçada em todas as suas partes. Durante todo o estio cobre-se de lindas flores purpurinas, que se assimilham a pequenos cravos; gosta da sombra, e não exige cuidado algum, semeando-se por si mesma.





QUINQUIFOLIO — FILHA QUERIDA

Quando o tempo está chuvoso as folhas d'esta planta se approximam umas das outras, se inclinam para a flor, e formam uma pequena tenda onde a conservam a coberto da chuva. Parece ver-se uma terna mãe toda occupada dos cuidados de preservar uma *filha querida*.



RACHEL — JÁ NÃO POSSO MAIS

Esta planta só floresce no sétimo anno da sua existencia, e deve a esta circumstancia o seu nome, porque Rachel, segunda filha de Labão, inspirou amor a Jacob o qual para a obter sujeitou-se a servir seu tio, pae de Rachel, durante sete annos. No fim d'este tempo enganado por Labão, que lhe deu Lia em lugar de Rachel, teve de servir outros sete annos para alcançar a mão d'esta, e diz Camões:

Ainda mais servira, se não fôra,
Para tão longo amor, tão curta a vida

RAINUNCULO AMARELLO DO CAMPO — INGRATIDÃO

Esta planta é a mais malfazeja de todas as de nossas

prados; a cultura augmenta ainda suas más qualidades. Florece em maio e junho.

RAINUNCULO ASIATICO — VÓS SOIS BRILHANTE DE ATTRACTIVOS

É no começo da primavera que em nossos jardins vemos desabrochar as flores d'este bello rainunculo, tão variadas, tão brilhantes, ostentando milhares de cores e de attractivos. Nenhuma outra planta offerece aos amadores de variedades tão interessante e tão rica apparencia.

RAIZES — MYSTERIO — SEGREDO

Pelas raizes quizeram os antigos que fossem significados os segredos; porque assim se escondem no coração, como as raizes da terra, e assim deve estar coberta a raiz na terra, como o segredo no peito do homem. O segredo com tanta difficuldade se ha de descobrir, como com ella se arranca a raiz da terra.

RAMALHETE DE FLORES — GALANTERIA

Nada se pôde offerecer de maior *galanteria* que um ramalhete. Este mimo, que pôde ser muito magnifico, é todavia de pouco valor; mas é sempre a prova de uma attenção amavel, e de cuidado e delicadeza.

RAMALHETE DE ROSAS ABERTAS — SÊDE BEMFAZEJO

Estas bellas flores parecem convidar os poderosos a serem bemfazejos; o reconhecimento é mais doce que seu perfume, e a estação do poder é frequentemente mais curta que a da belleza.

RAMO DE AMOREIRA BRANCA E DE AMENDOEIRA

— A SABEDORIA DEVE MODERAR O ENTHUSIASMO

A amoreira branca é o emblema da sabedoria; a amendoeira o da imprudencia; e da reunião das duas plantas resulta a significação que acima dizemos.

RESEDÁ — VOSSAS QUALIDADES EXCEDEM VOSSOS ENCANTOS

Apenas um seculo tem decorrido depois que a resedá veio do Egypto para a França. Linneu comparava seus perfumes aos da ambrosia; são mais suaves e mais penetrantes ao nascer e pôr do sôl, do que durante o resto do dia. A resedá floresce desde o começo da primavera até ao fim do outono; mas é possível gosar-a no inverno, conservando-a em estufa temperada; assim torna-se linhosa e vive muitos annos, cresce e fôrma, mediante alguns cuidados, um pequeno arbusto do mais bello effeito.

As armas de uma illustre familia saxonica têm por divisa um ramo de resedá. Eis-aqui o que deu occasião a que esta modesta flôr se unisse a antigos louros.

Amelia de Nordbourg tinha dezoito annos, e era bel-

la, espirituosa e engraçada; seu olhar fazia nascer o amor; o som da sua voz teria só elle bastado para o inspirar. Uma mãe, joven ainda, tinha cultivado no retiro esta amavel flôr. Quando ella appareceu no mundo para ali apresentar sua filha, todos confessaram que ambas se prestavam encantos mutuos: os da filha attestavam quanto a mãe tinha sido bonita, os da mãe prometiam que a filha seria por muito tempo bella.

Uma multidão de adoradores cercou esta belleza, que agradava ao mesmo tempo por suas graças, riquezas e modestia. Entre todos os seus amadores, ella distinguio o conde de Walstheim, que amava pela primeira vez. Um talhe soberbo, um espirito cheio de vivacidade e ornamentos, um ar todo francez, e uma fortuna immensa lhe haviam mais de uma vez attrahido olhares muito doces que não haviam podido local-o; mas vendo-o junto de Amelia, conhecia-se que tinham nascido um para o outro. A inveja e o ciume tinham sido forçados a admirar n'estes amantes tudo quanto ha de divino sobre a terra, belleza, espirito, mocidade cercada das illusões de um primeiro amor.

Mas, ah! sobre a terra não ha luz sem sombra. Entre as perfeições de Amelia, descobria-se um ligeiro defeito. Seu coração pertencia ao seu amante; mas apesar de só a elle amar, ella comprazia-se em agradar a todos.

Walstheim era cioso, mas uma extrema delicadeza sepultava no fundo do seu coração este sentimento; Amelia o descobriu, e em lugar de lastimar e desviar esta funesta tendencia, achou prazer em excital-a e escarnece-la.

Junto de Amelia crescia uma joven, á qual a ligava a amisade e os laços do sangue. Carlota não era bella, mas possuia uma bella alma; era pobre. Um accidente lhe roubára a belleza, e grandes desgraças lhe tinham arrebatado a fortuna, mas era beneficente; e ou seja fazendo o bem, imaginando-o, ou fallando d'elle, ella se tornava bonita, seu coração se commovia e seus olhos se inflammavam e enchiam de doçura. Quando ella viu que sua prima ia ser feliz, o contentamento se lia em seu rosto, e parecia encantadora, mesmo junto de Amelia e e aos proprios olhos de Walstheim.

Muitas vezes tinha este apercebido a pobre Carlota entrando furtivamente em um rustico alvergue, d'onde saia acompanhada de bençãos; ás jovens se mostravam as roupas que Carlota fizera e lhe dera para se ornarem no dia das nupcias de sua prima; o velho que ella havia consolado e soccorrido a abençoava; as mães regosijavam-se de a verem acariciar seus filhos. «Este anjo, diziam os pobres, se fosse rico, nós seriamos todos felizes.» Não poucas vezes este concerto de elogios tinha resoadado no coração de Walstheim.

Uma tarde, no campo, a sociedade reunida em casa da mãe de Amelia propoz um passeio; Carlota fez-se esperar, Amelia enfadou-se. O coronel Formose, mais celebre junto das bellas que no campo da honra, chegou, e o enfado de Amelia desapareceu. Carlota appareceu finalmente, ninguem lhe dirigiu censura, porque ninguem mostrou dar por ella; Walstheim só, vendo uma doce emoção em todas as suas feições, disse consigo: Ella vem de fazer uma boa acção.

Jogaram-se diversos jogos, e propoz-se ás damas a escolha de flores, ás quaes Walstheim seria obrigado a dar uma significação : a proposta foi aceita. Amelia tomou uma rosa e a collocou sobre o seio ; Carlota escolheu um ramo de resedá. Enquanto que Walstheim compunha alguns versos sobre estas differentes escolhas, os jogos continuam, e elle é condemnado a beijar as damas. Ao principio elle satisfaz com alegria e graça ao comprimento d'esta doce penitencia ; porém approximando-se de Amelia, perturba-se, hesita, empallidece, e sem mesmo fingir beijal-a, se retira respeitoso. O coronel Formoso sorri ; e, condemnado quasi immediatamente á mesma penitencia, aproxima se de Amelia, e lançando um golpe de vista de zombaria sobre Walstheim, diz : Eu tambem serei discreto, um beijo murcharia faces tão frescas ; mas como todo o bom soldado deve obedecer á ordem, eu darei o beijo exigido na flor que vós escolhestes. Amelia defendeu rindo a rosa ; todavia os labios do presumptuoso coronel tocaram a flor e o mais bello seio do mundo.

Walstheim viu e tremeu, e como por acaso seus olhos se fixaram sobre Carlota ; comprehendeu em seu ar interdito, que elle partilhava o seu espanto e a sua co-lera.

Entretanto quizeram ver o que Walstheim escrevêra a respeito das flores. Elle rasgou os seus primeiros ensaios, e escreveu sobre a rosa :

Ella não vive mais que um dia, e não agrada mais que um momento.

E sobre o ramo de resedá de Carlota escreveu :

Suas qualidades excedem seus encantos.

Amelia, depois de ter lido, lançou sobre Walsheim e sobre sua prima um olhar desdenhoso, e continuou a gracejar com o coronel; e como Walsheim pareceu não occupar-se mais d'ella, ella fez mil extravagancias para attrahir a sua attenção. O coronel aproveitou-se tão habilmente do jogo da garrida, que a conduziu. antes do fim da tarde, a fazer-lhe uma quasi confissão do seu amor; esta meia confissão foi pronunciada tão alto, que Walsheim pôde ouvil-a; porém longe de offender-se, complimentou Formosè pelo seu triumpho tão rapido; depois pediu graciosamente a Carlota que tivesse dó de um desgraçado.

Carlota, desolada, quiz chamar sua prima a si mesma por olhares supplicantes, mas a cofera e o despeito se uniram no coração d'esta joven imprudente e leviana, e a precipitaram nos braços de um fatuo, que a perdeu e desventurou.

A pobre Carlota tornou-se tambem, quasi a seu pezar, a esposa do virtuoso Walsheim; chorou sobre a sorte de sua prima, mas o conde foi tão feliz junto d'ella que decidiu consagrar para sempre o instante do seu livramento e ventura, juntando a suas armas um ramo de resedá.

RESTA-BOI — ONSTACULOS

Um encanto magico impossivel de bem descrever acompanha todas as manhãs o despontar da aurora de um bello dia. Ao aspecto de um tão doce espectaculo, o coração mais frio se sente penetrado de reconhecimento,

a imaginação se reanima, e tudo quanto pôde toca-la a excita, a penetra, e se reveste para ella das mais agradáveis formas.

Em uma d'essas deliciosas manhãs da primavera, diz Madame de La Tour, errante sobre as margens do Meuse, sem cuidados e em liberdade, eu gosava essa ventura indefinivel que a aurora traz ao lavrador para o consolar cada manhã das fadigas da vespera, e prepara-lo para os trabalhos do dia. Assentada ao pé de um salgueiro sentia cair o orvalho, quando de repente vejo a alguns passos de mim um interessante velho que se apoiava sorrindo sobre o hombro de um joven, louro, vivo e encantador, como o devia ser o amante do Psyche. Parados debaixo de uma arvore que estava proxima, ambos elles contemplavam dois jovens lavradores dos quaes um guiando a relha da sua charrua rasgava a terra, emquanto que o outro dirigia quatro vigorosos novilhos, que, ajudados por dois possantes cavallos, e avançando lentamente, traçavam no prado longos e vastos regos.

Repentinamente os bois e os cavallos não poderam avançar apesar dos seus violentos esforços, como se uma mão invisivel os detivesse; em vão os lavradores os incitam, em vão o latejo e o aguilhão os instiga.

«Meu pae, diz então o joven que servia de apoio ao velho, a charrua encontrou certamente alguma ponta de rocha, ou a raiz de um velho carvalho, porque, a não ser isso, que outra cousa poderia suspender e inutilisar os esforços de seis animaes tão fortes e corajosos?» «Uma bem fraca planta por certo, replicou o velho, mas a qual têm deixado lançar profundas raizes; não vês a

teus pés essas humildes hastes cobertas de lindas flores còr de rosa? Não lhe toques porque essas flores estão cobertas de espinhos longos e terríveis; são as raízes d'essa haste tão fraca em apparencia que inutilisam, como vês, os esforços d'esses dois homens e das possantes juntas que elles guiam. Mas repara; lá redobram elles de esforços, o obstaculo cede, a raiz está arrancada.

Esta planta, meu filho, é o resta-boi, assim vulgarmente chamado; com suas lindas flores, seus longos espinhos, e suas raízes profundas, é a sereia dos campos e o emblema dos obstaculos que o vicio oppõe á virtude. Muitas vezes, como ella, o vicio nos attrahe por uma apparencia agradável, e nos prende por indisíveis cadeias. Para triumphar sempre lembra-te, meu filho, que é mister ter uma vontade forte; com ella a virtude e o genio não conhecem obstaculos.» «Meu pae, redarguiu o mancebo, jamais esquecerei a lição que a vossa experiencia deu á minha juventude; cada dia o nascimento do sol m'a recordará.»

A estas palavras o velho e seu filho se afastaram, porém as suas palavras ficaram gravadas no meu coração.

Quantas vezes, enfraquecida e agitada, eu não tenho resistido a mim mesmo, repetindo aquellas palavras do velho: *A virtude não conhece obstaculos!*

ROMÃ — BOA INTELLIGENCIA — UNIÃO DE DOIS CORAÇÕES

O fructo da romeira, a romã, contém e accommoda um immenso numero de grãos tão perfeitamente uni-

dos, tão elegantemente dispostos, que é com justa razão que é o emblema da *boa intelligencia*.

ROMEIRA DE FLOR — FATUIDADE — FRIVOLIDADE

Representa-se a fatuidade sob as feições de um ignorante, que quer obrigar uma toupeira a admirar um ramo de flor de romeira. Estas flores brilhantes, mas inodoras, são algumas vezes o emblema da necessidade.

ROSMANINHO — DEVOÇÃO — IGREJA

Em nossas festas religiosas é um uso, ainda hoje seguido, espalhar sobre o pavimento dos templos o rosmãozinho, que enche de suaves perfumes o santuario. D'ahi lhe provém a sua significação.

ROSA ALMISCARADA — BELLEZA CAPRICIOSA

De todas as rosas é esta a que menos frescura tem; suas flores não produziriam effeito se não crescessem em paniculas de vinte até cem e mais: agradam também por seu cheiro almiscarado. Em tudo mais a planta parece cheia de caprichos, e ella fenece repentinamente n'aquelles logares, que parecem ser-lhe os mais favoráveis; em um anno carrega-se de innumeraveis flores e no anno seguinte não florece.

ROSA AMARELLA — INFIDELIDADE

O amarello é a côr dos infieis: a rosa amarella parece ser tambem a sua flor. A agua a fatiga, o sol a queima, o constrangimento parece só convir a esta flor sem perfume, que não sabe aproveitar-se nem dos cuidados nem da liberdade. Quando queremos vê-la em todo o seu brilho, é preciso dobrar seus botões para a terra, e rete-los assim pela força; então ella floresce.

ROSA BANQUECIANA — FECUNDIDADE

Esta especie de rosas reproduzem-se tanto e florecem tão abundantemente, que foram tomadas para emblema da fecundidade.

Nos nossos jardins vemos sempre na primavera o lindo effeito dos tufos d'estas bellas roseiras, que se cobrem de um numero immenso de flores e botões, que se succedem sem interrupção.

ROSA BRANCA — SILENCIO

O deus do silencio era representado sob a fôrma de um mancebo semi-nú, tendo um dedo sobre a bôca, e tendo uma rosa branca na outra mão. Diz-se que o amor lhe tinha dado esta rosa para o resolver a ser-lhe favoravel. Os antigos esculpiam uma rosa sobre a porta da sala dos festins, para advertir os convivas que nada deviam divulgar do que ali se dizia.

ROSA BRANCA E ROSA VERMELHA — FOGO NO CORAÇÃO — SOFFRIMENTOS DE AMOR

O poeta Bennefons enviou ao objecto de seus amores duas rosas, uma branca e outra do mais vivo encarnado; a branca para imitar a pallidez de sua tez, e a encarnada para pintar os fogos do seu coração; e ajuntou a este mimo bellos e sentidos versos.

ROSA DE CEM FOLHAS — GRAÇAS

Quando as graças acompanham Venus e os amores, ellas se coroam de myrto; quando seguem as musas, representam-as coroadas de rosas de cem folhas.

ROSA DE MUSGO — AMOR VOLUPTUOSO

Quem vir a rosa de musgo com seus espinhos sem ponta, e seu calice cercado de molle e macia verdura, dirá que a voluptuosidade quiz disputar esta flor ao amor. Madame de Genlis assegura que, na sua volta de Inglaterra, foi em casa d'ella que todo o Paris veio admirar a primeira roseira d'esta especie. Então Madame de Genlis era ja celebre, e a roseira não era certamente senão um pretexto para aquelles que a cercavam; por que esta roseira originaria de Provença era conhecida havia seculos.

ROSA DE TODO O ANNO—BELLEZA SEMPRE NOVA

Esta qualidade de rosas floresce em todas as estações; o seu cheiro é delicioso.

ROSA DE TOUCAR — GENTILEZA

A gentileza, que é a graça da primeira infancia, faz todo o encanto da rosa de tocar.

ROSA RAINHA — BELLEZA

Quem ha que, sabendo-o, não tenha cantado a rosa? Os poetas não têm podido bem descrever a sua belleza nem completar o seu elogio. Elles a têm chamado, com justiça, filha do céu, ornamento da terra, gloria da primavera; mas que expressão tem bem pintado os encantos d'esta bella flor, seu todo voluptuoso e sua graça divina? Quando ella se entre-abre, que deliciosos e harmoniosos contornos se manifestam! E como bem descrever as porções esphericas que a compõem, as tintas seductoras que a coloram, o doce perfume que ella exhala? Vêde-a na primavera elevar-se languidamente sobre sua elegante folhagem, cercada de seus numerosos botões; dir-se-ia que a rainha das flores graceja com o ar que a agita, orna-se com as gotas de orvalho que a banham, sorri aos raios de sol que a entre-abrem; e que a natureza se tem exaurido para lhe prodigalisar a um tempo a frescura, a belleza das fôrmas, o perfume, o brilho e a graça.

A rosa embellece toda a terra; é a mais commum das flores. No dia em que sua belleza toca o apogeu, fenece; mas cada uma primavera no-la restitue fresca e nova.

Emblema de todas as idades, interprete de todos os sentimentos, a rosa partilha as nossas festas, nossos gosos e nossos pezares: a amavel alegria se corôa com ella, e o casto pudor apropria-se da suave côr: comparâmos-lhe a belleza e damol-a em premio á virtude. Ella é a imagem da mocidade, da innocencia e do prazer; ella pertence a Venus, e rival da belleza possui a rosa como ella a *graça, mais bella ainda que a propria belleza.*

ROSA SINGELA — SIMPLICIDADE — SINGELEZA — VIRTUDE

A simplicidade dá realce á belleza e serve de véu á fealdade. Clemencia Isaura, instituindo seus jogos floreas, quiz que o premio da eloquencia fosse uma rosa singela.

ROSEIRA BRAVA — POEZIA

Ha tanta simplicidade e tanta poesia n'esta planta que com justa rasão se lhe attribue esta significação.

ROSEIRA NO MEIO DA RELVA — HA TUDO A GANHAR N'UMA BOA COMPANHIA

Um dia, diz o poeta Sadi, eu vi uma roseira cercada de relva. Oh! exclamei eu, esta miseravel planta é di-

gna de achar-se na companhia das rosas? E eu quiz arrancar a relva, que me respondeu humildemente: «Pou-pae-me; eu não sou rosa, é bem verdade; mas pelo meu perfume, conhece-se que tenho vivido entre as rosas.»

RUIVA — CALUMNIA

A ruiva tinge de vermelho. Quando os cordeiros a têm pastado, os dentes parecem tintos do sangue de alguma victima. Frequentes vezes a maledicencia se aproveita habilmente de uma apparencia enganadora para calumniar a propria innocencia.





SAINT-FOIN OSCILLANTE — AGITAÇÃO

Nota-se que o foliolo terminal d'esta planta é immovel, e que os dois outros, muito mais pequenos, estão, durante o dia, em uma agitação continua. Este movimento é um dos mais singulares phenomenos da botanica, e que foi observado pela primeira vez em Bengala por milady Monson.

SALICARIA — PERTENÇÃO

Esta bella planta, que cresce junto á agua, parece tomar prazer em mirar-se no crystal. É por isso que a comparam a uma dama pretenciosa, captiva de seus proprios encantos.

SALSA — BANQUETE — FESTIM

A salsa gosava de grande reputação entre os gregos. Nos banquetes coroadam elles sua fronte de seus ligeiros ramos, que julgavam propicios, para excitar a alegria e o appetite. Em Roma, nos jogos isthmicos, os vencedores eram coroados de salsa. Acreditava-se que esta planta era originaria da Sardanha, porque este paiz era representado nas medalhas antigas sob a forma de uma mulher junto da qual está um vaso d'onde sae um ramo de salsa; porém ella é natural de todos os logares frescos e sombrios da Grecia.

Gui de Brosse pretende que a salsa crescia ontr'ora junto de Paris, sobre o monte Valeriano; porém é presumivel que a planta que elle designa sob este nome não é a verdadeira salsa, pois que se attribue a Rabelais a sua introdução em França, e a acreditar os eruditos elle a trouxe de Roma com a alface romana.

Seja como fôr, a bella verdura d'esta planta augmenta a boa apparencia e elegancia dos guisados que cerca; é o luxo do cosinheiro, e contribue para o bom gosto dos mais bellos jantares. Um ramo de loureiro e uma corôa de salsa são os attributos que entre nós conviriam ao deus dos festins. Estas plantas, o loureiro sobretudo, têm servido a usos muito mais nobres; porém no seculo dos gastronomos é forçoso olvidar o que se fazia no seculo dos heroes.

SALVA — ESTIMA

Chama-se vulgarmente á salva *toda boa*; é estimada como a mais salutar das plantas aromaticas.

SARDONIA — IRONIA

Esta planta tem alguma similhaça com a salsa; encerra um veneno, cujo effeito é contrahir a bôca de um modo tão singular que o doente parece expirar a rir. Tem-se chamado a este riso terrivel *riso sardonico*; e é aquelle que vemos errar as mais das vezes sobre os labios da satyra e da gelida ironia.

SAUDADE — SAUDADE — VUVEZ

Esta flôr é homonyma com a sua significação. A sua côr é a da viuvez.

SENSITIVA — PUDOR

A sensitiva, chamada tambem *acacia pudica* e *mimosa pudica*, parece fugir á mão que quer tocar. Ao menor toque seus foliolos se unem uns aos outros, e se cobrem pela superficie superior, e o peciolo commum se abaixa, e vae, se a planta é pouco elevada, applicar-se sobre a terra. Uma nuvem que passa diante do sol basta para mudar a situação das folhas e o aspecto da planta. Os antigos tinham observado este phenomeno; Plinio falla d'elle, mas nem Plinio nem os botanicos modernos têm podido explical-o.

SERPENTARIA — HORROR

O cacto serpentaria lança em todas as direcções hastes eriçadas de espinhos, que assimilham os nós das serpentes.

SILINDRA — AMOR FRATERNAL

Um dos Ptolomeus, rei do Egypto, tornou-se recomendavel pelo amor que tinha a seu irmão; consagrou à sua memoria uma especie de silindra; e o seu sobrenome *philadelphus*, isto é, *amando seu irmão*, tem servido para designar este genero, do qual se cultivam duas especies.

SILVA — INVEJA

A silva, como a *inveja*, roja-se e trata de suffocar tudo aquillo de que se approxima.

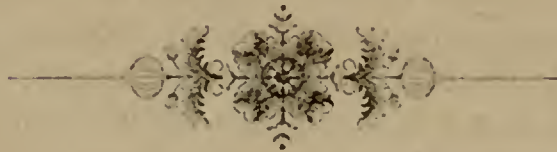
SORVEIRA — PRUDENCIA

Cada arvore, cada planta, tem uma physionomia que lhe é propria, e que parece dar-lhe um caracter.

A amendoeira imprudente apressa-se em dar suas flores na primavera, com risco de não ter depois fructos no outono, enquanto que a sorveira, que cresce lentamente, não dá fructos senão quando tem adquirido toda a sua força; mas então a sua colheita é certa. Eis-aqui por que d'ella se fez o emblema da *prudencia*.

Esta arvore, tão bella, tão duradoura, guarda todo o

inverno seus fructos de um vermelho brilhante, que se conservam a despeito das neves; é uma colheita que só se faz no inverno, e que a providencia tem reservado para os pequenos passaros.





TEIXO — TRISTEZA

Ha nos vegetaes alguma cousa que nos chama, nos atrahе ou nos repelle. O teixo, entre todos os povos, é o emblema da tristeza; um tronco descascado, uma verdura sombria, com a qual contrasta um fructo vermelho, semelhante a gottas de sangue, tudo adverte o viajante a que se afaste de sua perigosa sombra.

Se alguem dorme á sombra d'esta arvore, a cabeça se lhe entorpece e torna pesada, e bem depressa soffre dores violentas. Os ramos do teixo envenenam os jumentos e os cavallo; seu succo é perigoso para o homem, emquanto que seus fructos não são nocivos, porque as creanças os comem impunemente. Esta arvore faz morrer as plantas que a cercam, e rouba toda a força á terra que a alimenta.

Nossos avós, guiados por um sentimento natural, a

plantavam em seus cemiterios, e destinavam sua sombra á morte, e sua madeira á guerra, porque d'ella faziam, assim como os gregos, arcos, lanças e béstas.

Por muito tambem serviu de ornato em nossos jardins, onde a obrigaram a tomar fórmãs as mais caprichosas; hoje a sua cultura tem sido abandonada. Na Suissa os camponezes o veneram muito, e lhe chamam o arco de Guilherme, e ali é prohibido despojal-o de seus ramos. Na Hollanda, nos jardins onde tudo é arte e symetria, e onde o salgueiro que fórma as ruas é disposto regularmente, vê-se muitas vezes elevar nos quatro angulos de um quadrado perfeito, vasos, pyramides ou immensas bolas de teixo que recordam os antigos chefes d'obra dos nossos antigos jardineiros.

Os gregos, que tinham idéas mais justas das bellezas da natureza, affectados pelo triste aspecto d'esta arvore, tinham imaginado que a desventurada Smilax, vendo o seu amor desprezado pelo mancebo Crocus, se encerrára em um teixo.

N'esses bellos climas todas as plantas fallavam aos homens de heroes, de deuses ou de amor; escutemos suas vozes e ellas nos fallarão tambem da Providencia, que depois de as ter prodigalisado a nossas necessidades, reservou algumas para nossos prazeres e enojos. Esta mãe cuidadosa apresenta, entre os vegetaes, brinquedos para a infancia, corôas para a juventude, e para todas as idades fructos exquisitos, leitos commodos e sombras deliciosas. Se somos melancolicos, o salgueiro nos chama por seus doces murmurios; se somos amorosos, o myrto nos offerece suas flores; se ricos, o castanheiro nos dá faustosas

sombras; se tristes, o teixo se nos offerece e parece dizer-nos: «Fugi do pezar que devasta o coração, como eu devasto o terreno que me alimenta; a tristeza é tão perigosa ao homem como a minha sombra ao viajante.»

TILIA — AMOR CONJUGAL

Baucis foi transformado em tilia, que se tornou o emblema do amor conjugal.

Lançando um golpe de vista sobre as plantas consagradas pela mythologia dos antigos, não podemos deixar de admirar com que justeza souberam approximar as qualidades da planta às do personagem que ella devia representar. A belleza, a graça, a simplicidade, uma doçura extrema, um luxo innocente, taes serão sempre os attributos e as perfeições de uma terna esposa. Todas estas qualidades se acham reunidas na tilia, que se cobre pela primavera de uma suave verdura, derrama de si doces perfumes, prodigalisa aos novos enxames o mel de suas flores, e às mães de familias seus flexiveis ramos, dos quaes sabem tecer tão lindas obras.

Tudo é util n'esta bella arvore: bebe-se a infusão das suas flores, fia-se a sua casca, fabrica-se d'ella têlas, cordas e chapéus. Os gregos fabricavam d'ella papel, unindo as laminas como as do papyro. O papel de tilia fabricado ao modo ordinario tem o aspecto de setim branco.

Seria um vão desejo querer bem pintar o bello e arrebatador effeito da bella folhagem da tilia, quando em toda a sua frescura a vemos docemente agitada pelo

vento, formando abobadas e cavernas de verdura. Estas folhas parecem talladas de um estofo ainda mais macio do que a seda, cujos reflexos ostentam.

Não cansâmos de contemplar essa vasta sombra, de repousar ao seu abrigo, de escutar seus murmurios, de respirar seus perfumes. O soberbo castanheiro da India, a acacia tão ligeira, tão delicada, tem disputado por um momento á tilia o seu logar nas avenidas e passeios publicos, mas nenhum poder ousará banil-la d'elles. Que ella seja sempre o ornamento dos jardins do rico, e a bemfeitora do pobre, ao qual presta estofos, moveis e calçado ! Que seja o exemplo das esposas, recordando-lhes sem interrupção que Baucis foi d'ellas o modelo !

Baucis e seu marido Philemon viviam na Phrygia, onde tiveram a honra de receber na sua pobre cabana a Jupiter e Mercurio, que para os recompensar do agasalho que lhes haviam dado, os livraram de um diluvio que innundou o paiz, transformando-lhes a cabana em um templo, de que os fizeram ministros. Philemon e Baucis viveram até uma idade muito avançada, sempre na maior harmonia, e os deuses metamorphosearam Philemon em carvalho e Baucis em tilia.

Esta metamorphose foi assumpto de uns bellos versos de La Fontaine.

TOMILHO — ACTIVIDADE

Moscas de todas as fôrmas, escarabeus de todas as cores, abelhas diligentes e trabalhadoras, borboletas ligeiras e matizadas, cercam incessantemente os tufos flo-

ridos do tomilho. Talvez que esta humilde planta se afigure a esses habitantes do ar que só vivem uma primavera, como uma arvore immensa tão velha como a terra, coberta de uma verdura eterna, e sobre a qual brillham essas flores como amphoras magnificas sempre cheias de mel para seu alimento.

Os gregos consideravam o tomilho como o symbolo da actividade; porque, certamente, haviam abservado que o seu perfume, que fortifica o cerebro, é muito salutar nos velhos, porque restitue a energia e o vigor.

A actividade é uma virtude guerreira, que sempre se associa á verdadeira coragem. É por isso que outr'ora as damas bordavam frequentemente sobre a charpa de seus cavalleiros uma abelha zumbindo em torno de um ramo de tomilho. Este duplice symbolo dizia ainda, que aquelle, que o tinha adoptado, misturaria a doçura em todas as suas acções.

TRIGO — RIQUEZA

Os botanicos asseguram que não se encontra em parte alguma o trigo no seu estado primitivo. Esta planta parece ter sido confiada pela Providencia aos cuidados do homem, com o uso do fogo para lhe assegurar o sceptro da terra. Com o trigo e o fogo pôde-se dispensar todos os outros bens e pôde-se adquiril-os.

O homem com o trigo pôde nutrir todos os animaes domesticos que lhe servem de alimento, e que partilham seus trabalhos: o porco, a gallinha, o pato, o pombo, o jumento, a ovelha, a cabra, o cavallo, a vacca, o ga-

to e o cão, que por uma metamorphose maravilhosa lhe fornecem em paga, ovos, leite, carne, lã, serviços, affeições e reconhecimento.

O trigo é o primeiro laço das sociedades, porque a sua cultura e amanhos exigem grandes trabalhos e serviços mutuos; por isso os antigos tinham chamado á boa Ceres, *legisladora*.

Um arabe, perdido no deserto, não tinha comido durante dois dias, e via-se ameaçado de morrer de fome. Passando junto d'um poço, onde as caravanas param, apercebeu sobre a areia um pequeno sacco de coiro; apanha-o, e diz: «Deus seja louvado; é, julgo eu, uma pouca de farinha.» Apressa-se em abrir o sacco, mas á vista do contendo exclama: «quanto sou desgraçado! é apenas oiro em pó!»

TUBERA DA TERRA — SURPREZA

Este vegetal singular é um eterno objecto de surpresa para o observador: não tem hastes, nem raizes nem folhas. A tubera nasce debaixo da terra, e ahí permanece durante todo o tempo da sua existencia.

TUBEROSA — SENSUALIDADE — VOLUPTUOSIDADE — NOSSOS PRAZERES E GOSOS EXCEDERÃO NOSSOS SOFFRIMENTOS

Guy de Brosse, que fundou em Paris o jardim do Rei, exprime-se assim na sua curiosa obra da *Natureza das plantas*: Não gosto da repetição das velhas opiniões nos livros novos; parece-me mais a proposito procurar a

verdade na sua origem.» O bom Guy de Brosse tinha deveras razão, a natureza é um livro inesgotável e tão novo, que n'elle se podem fazer todos os dias descobertas.

Os fructos os mais saborosos, os mais amáveis ornão o seio da terra desde o começo dos seculos e todavia a maior parte d'esses bens preciosos e encantadores nos são desconhecidos, ou no-lo eram ainda ha pouco. Vêde a tuberosa, tão bella, tão odorífera, tão propria para agradar a todos os olhos; foi trazida da Persia em 1632, pelo padre Minuti, *minima*: floriu pela primeira vez em França, em casa de M. Peirese, em Baugencier, junto a Toulon.

Esta bella flor era então simples, e só dobrou as petalas muito depois sob a mão de um habil cultivador de Leyde, por nome Lecour, e depois se espalhou por toda a terra. Na Russia só floresce para os reis e para aquelles que os cercam; porém no Perú ella está naturalisada, e ali cresce sem cultura, e se une a outras brilhantes flores para ornar o seio da ardente americana.

A tuberosa, esta soberba filha do oriente que o illustre Linneu chama por excellencia *polyanthe*, flor digna das cidades, é entre nós, como na Persia o emblema da voluptuosidade.

Um joven pagem do grão-senhor, que recebe das mãos de sua amante uma haste de tuberosa em flor toca a suprema ventura, porque deve interpretar assim este symbolo feliz dos amores: *Nossos prazeres e gosos excederão nossos soffrimentos.*

Todos conhecem e admiram as espigas brancas e es-

trelladas da tuberosa que terminam uma haste alta e esbelta, e derramam, balouçando-se no ar, um perfume que penetra e embriaga, e que para se gosar sem perigo é preciso aspira-lo a alguma distancia.

Se quizerdes decuplicar o prazer que elle vos dá, vinde com o objecto de vossos amores respiral-o á claridade da lua, á hora em que o rouxinol suspira. Então, por uma virtude secreta, esses suaves perfumes ajuntarão um encanto indefinivel a vossos mais deliciosos prazeres; porém, se, imprudentes, vós quereis gosa-los sem moderação, se vós vos aproximaes muito, esta flor divina tornar-se-ha em uma perigosa encantadora, que, embriagando-vos, derramará em vosso seio um perigoso veneno.

Assim a voluptuosidade, que descende do céu, sublima e redobra as delicias de um casto amor; mas a que nasce da terra envenena e mata a juventude insensata.

TULIPA — DECLARAÇÃO DE AMOR

Sobre as margens do Bosphoro a tulipa é o emblema da inconstancia, assim como o é tambem do mais violento amor.

Tal como a natureza a faz crescer nos campos de Byzancio, com suas petalas de fogo e seu coração abrasado annuncia, a despeito das grades e dos ferrolhos, á belleza captiva, que um amante suspira por ella, e que, se ella se digna mostrar-se um momento, sua vista porá seu rosto em fogo e seu coração em chammas. Assim um mancebo ingenuo, saindo das mãos da natureza,

apresenta uma homenagem sem fingimento; mas bem depressa modificado pelo mundo como a tulipa pelo jardineiro, tornar-se-ha mais amavel, mais interessante, saberá melhor agradar, mas terá cessado de amar.

A tulipa, sob o nome de tulipan ou de turbante, orna a fronte soberba d'esses turcos barbaros, que adoram esta flor e fazem d'ella o emblema do amor.

Idoltras da sua elegante haste e do bello vaso que a coroa, não cansam de admirar os cocares de oiro, prata, purpura, lilaz, violeta, vermelho carregado e rosa desmerecida, amarello, castanho, branco, e tantas outras nuances que se casam, se juntam e separam sobre essas magnificas petalas, sem nunca se confundirem.

Nos primeiros dias da primavera celebra-se no serrallho do grão-senhor a festa das tulipaş. Levantam-se palanques, preparam-se longas galerias dispõem-se degraus em amphitheatro, cobrem-se dos mais ricos tapetes, e carregam-se de um numero infinito de vasos de crystal, coroados das mais bellas tulipas do mundo.

À chegada da noite, tudo se illumina; as bugias espalham perfumes os mais exquisitos, lampiões de cores brilham de todos os lados como grinaldãs de opalas, de esmeraldas, de saphyras, de diamantes e rubis; uma quantidade prodigiosa de passaros em gaiolas de oiro, dispertados por este espectaculo, confundem seus gorgeios com os melodiosos accordes dos instrumentos, tocados por musicos invisiveis; uma chuva de agua de rosas refresca os ares; as portas se abrem, e as jovens odaliscas vêem reunir o brilho de seus encantos e de seus ornatos e vestuarios ao d'esta festa encantadara.

No centro do serralho vê-se o pavilhão do grão-senhor; o sultão, indolentemente estendido sobre coxins e almofadas, apparece ali no meio dos presentes, que a seus pés depõem os senhores da sua côrte; uma nuvem obscurece sua fronte; seu olhar é fero e terrivel. Que! Terá o desgosto penetrado até junto d'este mortal tão poderoso? Terá perdido alguma de suas provincias? Temerá revolta de seus feros soldados? Não, dois pobres escravos têm sós perturbado o seu coração. Elle julgou ver durante as solemnidades da festa um joven icoglan apresentar uma tulipa á belleza que o captiva. O sultão ignora os segredos reservados aos amante; todavia uma inquietação vaga tem penetrado em seu coração; o ciúme o atormenta e o cerca; mas que pôde este sentimento, que podem as grades e os ferrolhos contra o amor? Um olhar e uma flor bastarão a este deus maligno para transformar um indigno e horrendo serralho em um logar de delicias, e para vingar a belleza ultrajada pelos ferros.

As tulipas têm tambem seus adoradores na Europa.

Foi desde 1644 até 1647 que a tulipomania exerceu a sua influencia na Hollanda. N'esses annos as tulipas subiram ali a preços enormes, e enriqueceram muitos especuladores. Os floristas estimavam de preferencia algumas especies, ás quaes davam nomes particulares. A especie mais preciosa era a que dominavam *semper augustus*, e avaliavam-a a dois mil florins. Pretendia-se que ella era tão rara que apenas existiam duas flores d'esta especie, uma em Harlem, outra em Amsterdam. Um particular, para obter uma, offereceu quatro mil e seiscen-

tos florins, com uma bella carruagem puxada por dois cavallos e todos os accessorios; um outro cedeu por um bolbilho doze arpents de terra.

A paixão pelas tulipas transtornou todas as cabeças. Aquelles que não as podiam obter por dinheiro de contado, as adquiriam por bens e casas. Os floristas e outros particulares que se dedicavam á cultura das flores, fizeram em pouco tempo fortunas immensas. Então todas as classes da sociedade quizeram fazer o commercio das tulipas, e um canteiro d'estas flores era o maior thesouro que se podia possuir, e valia tanto como o mais magnifico castello.

Conta-se que um marinheiro tendo levado algumas mercadorias a um negociante, que cultivava as tulipas por especulação, recebeu d'elle para almoçar um arenque, com o qual o marinheiro se retirava; mas atravessando o jardim viu algumas bulbos, e julgando que eram cebollas ordinarias, as comeu tranquillamente com o seu arenque. N'este momento o negociante chega, e exclama em seu desespero: «Desgraçado, o teu almoço me arrouinou; com elle poderia eu ter regalado um rei!»

TUSSILAGEM CHEIROSA — FAR-SE-VOS-HIA JUSTIÇA

O genio, occulto sob modesta apparencia, não fere os olhos do vulgo; mas, se as vistas de um juiz esclarecido o encontram, a sua força revela-se, e elle attrahe a admiração d'aquelles, que em sua estúpida indiferença o não tinham comprehendido.

Um joven moleiro hollandez, sentindo-se com gosto pela pintura, exercitava-se nos momentos de descanso em representar a paizagem, no meio da qual vivia. O moinho, os rebanhos de seu amo, uma verdura admiravel, os effeitos do cêu, das nuvens, do vapor, da luz e das sombras, eis o que seu ingenuo pincel reproduzia com uma verdade admiravel.

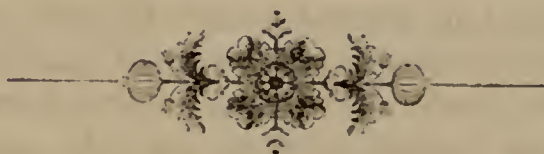
Apenas um quadro estava acabado, levava-o a um droguita que, em troca, lhe dava o necessario para confeccionar outro. Um dia de festa, o estalajadeiro do logar quiz ornar a sala onde recebia seus hospedes, e comprou dois d'estes quadros. Um grande pintor parou n'esta estalagem, admirou a verdade d'estas paizagens e offereceu cem florins pelo que apenas havia custado um escudo; pagou e prometteu comprar pelo mesmo preço todas as obras do mesmo auctor. Eis-aqui a reputação do joven pintor estabelecida, eis-aqui a sua fortuna feita.

Tão sabio, como feliz, nunca olvidou o seu querido moinho, cuja imagem apparece em todos os seus quadros, que são outros tantos chefes de obra.

Quem acreditaria que as plantas têm a mesma sorte dos homens, e que lhes é também preciso um patrono para serem apreciadas?

A tussilagem cheirosa, apesar do seu suave cheiro, vegetou muitos annos ignorada ao pé do monte Pila onde sem duvida florescia ainda ingloria, se um sabio botanico, Mr. Villau, de Grenoble, não houvesse sabido apreciar suas qualidades beneficas. Esta planta perfumada apparece em uma estação, em que todas as outras flores têm desaparecido; como o grande artista

fez o elogio do pobre pintor, Mr. Villau fez o d'esta humilde planta; deu-lhe um logar distincto nas suas obras; e de então para cá, a tussilagem, cultivada com cuidado, vem desde os primeiros dias de dezembro perfumar os mais brilhantes salões.





ULMEIRA (HERVA) — INUTILIDADE

Accusam esta planta, chamada tambem *rainha dos prados*, de ser uma belleza inutil, porque a medicina não lhe reconhece virtude alguma, e os animaes não a pastam.

UM MONTÃO DE FLORES OU DE FRUCTOS — NÓS MORREREMOS UNIDOS

Sabe-se que um acervo de flores ou de fructos decompõe o ar de modo que, tornando-o irrespiravel, produz a morte.

Esta triste propriedade inspirou a um poeta allemão, chamado Freiligrath, uma tocante elegia, que intitidou *Vingança das flores*.

Na volta de uma digressão botanica, duas jovens en-

traram em casa, fecharam as janellas, deitaram-se e adormeceram. A seus pés, em um açafate, viam-se as flores que haviam colhido. Imprudentes ! Onde está sua mãe, e quem as avisará do perigo que as cerca ? Já o ar se decompõe, a atmosphera da pequena alcova é pesada e irrespiravel, e as duas jovens oppressas se debatem silenciosamente em sua cama.

Repentinamente do meio do açafate de flores se elevam os espiritos do narciso e da tuberosa. São duas nymphas ligeiras que dansam girando e cantando : Jovens ! jovens ! para que nos roubastes a vida ? A natureza apenas nos deu um dia para viver, e vós nol-o abreviastes ! Oh ! como o orvalho doce ! como o sol era radiante ! E todavia é mister morrer ! Mas nós seremos vingadas !... E cantando assim as duas nymphas, sempre girando, sempre gemendo, tinham-se approximado das jovens, e lhes bafejavam o rosto com seus perfumes envenenados. Pobres creanças ! vêde como suas faces estão lividas ! como seus labios estão pallidos ! como seus braços estão enlaçados ! Ai d'ellas ! seus corações não batem, cessaram de respirar ; morreram unidas.

As flores estão vingadas !

URTIGA — ERCELDADE

A picada da urtiga causa uma dor semelhante á da queimadura. Examinando com o microscopio as folhas da urtiga, fica-se maravilhado de as ver cobertas de pellos finos, rijos, articulados, ponteagudos, que são outros tantos conductos de um succo acre e mordente,

contido em uma vesicula, que está na base de cada um d'elles. Estes pellos e esta vesicula são em tudo semelhantes aos dardos das abelhas. No insecto e na planta, é o humor aere que causa a dor.

URZE — SOLIDÃO

Os prados cobrem-se sempre de flores, as campinas de messes, as collinas de verdes pampanos, e as montanhas de ombrosas florestas.

Felizes pastores! vós podeis dansar nos prados, co-roar-vos das espigas de Ceres, embriagar-vos com os dons de Baccho, e repousar á sombra dos bosques: vós o podeis, porque para os aventureados tudo é prazer.

Mas eu, diz Carlota de La Tour, guiada pela melancolia, dirigirei meus passos para esses logares afastados. que a urze humilde, amante da solidão, disputa aos trabalhos do homem; ali, assentada á sombra de uma giesta, eu me entregarei a meus lugubres pensamentos, e bem depressa verei acercarem-se a mim seres desgraçados, que soffrem, afflictos como eu. A perdiz, expulsa de nossos campos depois de haver perdido a sua joven familia; a corça perseguida pelos cães, a lebre em agonia, o coelho timido, aterrados primeiramente á minha vista, se acostumarão por fim ás minhas lagrimas, e pôde ser mesmo, virão a meus pés procurar um abrigo contra a perseguição dos homens!

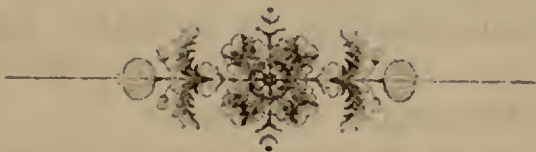
Vós me cercaes tambem, laboriosas abelhas; se eu roubo uma só haste de urze a vossas solidões, vós vi-

reis mesmo em minhas mãos colher o mel que fabricaes, ai! para outros que não para vós.

Doces pombas! ternos rouxinoes! vossos gemidos e vossos suspiros são feitos para os bosques perfumados; mas eu não posso meditar á sua sombra; a voz do deserto vos gela, ella tem para mim encantos; aos primeiros clarões da lua ella retinirá nos ares.

Rei d'estas solidões, o mocho sairá do tronco cavenoso de um velho carvalho a empoleirar-se nos ramos que occultam seu palacio de musgo; sua voz assusta a amante temerosa, que conta as horas da ausencia; faz estremecer a mãe que véla junto do leito, oude a febre retem seu unico filhinho: mas ella consola o desgraçado que cedeu ao tumulto tudo quanto amava sobre a terra...

Não poucas vezes esta voz lugubre te despertou, infelizmente Young! para fallar-te da morte e da eternidade; não poucas vezes ella me desperta tambem; e se, como a ti, não me inspira cantos sublimes, como a ti me inspira o desgosto do mundo e o amor da solidão!





VALERIANA ENCARNADA — FACILIDADE

A valeriana de flores vermelhas desceu dos Alpes para os jardins. Seus atavios são brilhantes, mas um pouco faltos de ordem. Esta filha das montanhas conserva no meio das outras flores cultivadas um porte rustico, que lhe dá certo ar de importancia e orgulho; todavia esta belleza selvagem só deve sua fortuna ao seu reconhecimento merito, porque sua raiz é excellente medicamento contra muitas doenças, e a sua infusão fortifica a vista, reanima o espirito, e afasta a melancolia.

Suas flores duram quasi todo o anno; mas a cultura que as embelleza não lhes faz desdenhar sua origem campestre, porquanto a vemos abandonar os jardins para irem ornar as collinas aridas e as summidades dos muros abandonados. A valeriana dos Alpes distingue-se pela *facilidade* com que se dá em todos os terrenos.

VALVERDE — DECLARAÇÃO DE GUERRA

Esta planta assimilha-se ao cypreste pyramidal. Em alguns logares de Italia a apresentação de um dos seus ramos a qualquer individuo é considerada como um insulto.

VERBASCO — BOM CHARACTER

As suas flores são empregadas em medicina como peitoraes. Bernardin de Saint Pierre affirma que crescem nas estações, em que os calharros provenientes do calor as tornam mais necessarias.

VERBENA — ENCANTAMENTO

Seria para desejar que os botanicos ligassem uma idéa moral a todas as plantas que descrevem; formariam assim uma especie de dictionario universal, entendido por todos os povos, e duradouro como o mundo, poisque cada primavera o faz renascer, sem nunca lhe alterar os caracteres. Os altares do grande Jupiter estão demolidos; as florestas, testemunhas dos mysterios dos druidas, não existem já; as pyramides do Egypto desapparecerão um dia sepultadas como o Sphynge sob as areias do deserto; mas sempre o lodão e o acantho florescerão sobre as bordas do Nilo, sempre o visco crescerá sobre o carvalho, e a verbena sobre as aridas collinas.

A verbena servia entre os antigos para diversas especies de sortilegios e advinhações; attribuiam-se-lhe

mil propriedades, e entre outras, a de reconciliar os inimigos. Todas as vezes que os romanos enviavam arautos de armas ás outras nações como portadores da paz ou da guerra, um d'elles levava a berbena. Os druidas tinham esta planta na maior veneração; antes de a colherem, faziam um sacrificio á terra.

É assim que os magos, adorando o sol, tinham nas mãos ramos de verbena. Venus victoriosa ornava-se com uma corôa de myrto entrelaçada com verbena; e os alemães dão ainda hoje um chapêu de verbena aos noivos como para os collocar sob a protecção d'esta deusa.

Em o norte da França os pastores colhem esta planta sagrada com ceremonias e palavras só d'elles conhecidas, e espremem-lhe o succo em certas phases da lua. Vêem-se ali os doctores e feiticeiros da aldeia a seu turno curarem as enfermidades e tornarem-se temidos; porque, se por um lado sabem acalmar e minorar os soffrimentos, podem por outro lado, e com os mesmos meios, enfeitiçar os rebanhos e os corações das donzelas: assegura-se que a verbena lhes dá este ultimo poder, sobretudo quando são jovens e bellas. Vê-se pois, que a verbena ainda hoje é considerada, como o foi outr'ora, a herva dos encantamentos.

VERONICA — FIDELIDADE — IMAGEM FIEL

Ha mais de cem especies de veronicas; todas têm as flores szues e fructo em fôrma de coração; seu nome grego póde traduzir-se por *imagem fiel*.

VIBURNO — BOA NOVA

Esta planta é também conhecida pelos nomes de *rosa de Gueldre* e *bola de neve*.

A seu respeito conta-se na Suissa a seguinte lenda:

Uma joven, tendo apenas quinze annos, acabava de morrer; sua alma errava em torno da sua habitação, pois que não podia resolver-se a abandonar, mesmo pelo céu, os campos que tanto amara. De repente o seu anjo da guarda lhe apparece, e feliz por satisfazer seus desejos, lhe pergunta em que flor quer ser transformada.

— Ora pois, habitarás o jardim ou o prado? Passemos em revista as flores do paiz. Queres ser uma tulipa?

— Não, lhe diz ella, porque a tulipa não tem cheiro.

— Um liz?

— Eleva-se muito acima das outras flores.

— Uma rosa?

— Não, não, replica promptamente a joven; e se me èpermittido escolher, quererei ser uma rosa de Gueldre.

— Que! diz o anjo maravilhado. queres tu florir quando toda a natureza está morta?! Teme os ventos gelados do inverno, elles te fustigarão, e tu morrerás sem haver conhecido as caricias do zephyro!

— Seja embora, diz a joven, não viverei mais que um dia, mas n'esse dia annunciarei a primavera!

VIDEIRA — EMBRIAGUEZ

Anacharsis dizia que a vide produzia tres especies de

fructos: a embriaguez, a voluptuosidade e o arrependimento, e que aquelle que é sobrio fallando, comendo e gosando tem o caracter de um perfeito homem de bem.

VIDEIRA E COUVE — ALEGRIA PERTURBADA

Os auctores gregos quando queriam mostrar que suas alegrias se perturbavam com desgostos e sobresaltos, que occorriam, pintavam uma videira junto a uma couve, por que é grande a contradicção e inimizade que ha entre estas duas plantas, de sorte que se a couve está junto à videira, não a deixa crescer, nem ir ávante e como a videira era para elles o symblo da alegria, a reunião dos dois vegetaes significava bem a *alegria perturbada*.

VIME — FRANQUEZA

Diz-se proverbialmente de um homem sincero, que *é franco como o vime*.

VIOLETA BRANCA — CANDURA — INGENUIDADE

A candura precede a modestia: é uma violeta ainda revestida da côr da innocencia.

VIOLETA ROXA — MODESTIA

Eu tinha quinze annos, diz Carlota de La Tour, e uma languidez inexprimivel se apoderou repentinamente de meus sentidos; chorava sem pezares, ria sem alegria, e como que assustada da vida, um desejo secreto de morrer me perseguia incessantemente. Meus olhos abatidos, minhas cores perdidas, meus passos incertos e minha voz enfraquecida levavam a dor e o susto á alma de minha terna mãe, cujos cuidados procuravam em vão reanimar-me. Banhada por suas lagrimas, recostada em seu seio, com minhas mãos apertadas entre as suas, eu a ouvia lastimar-se de meus soffrimentos procurava sorrir para tranquillisa-la: mas eu estava bem longe de alimentar a esperança, que procurava inspirar-lhe.

Depois que durava este meu estado, as arvores haviam perdido suas folhas, e o inverno com todo o seu rigor reinava nos campos. Assentada junto ao fogo, sentia-me deveroda pelo calor, e a menor impressão do frio me fazia transir. Todas as noites, fatigada de mim propria, adormecia sem esperança de acordar no dia seguinte.

Todavia, uma noute, lembra-me perfeitamente, era a de 10 de fevereiro de 18..., pareceu-me repentinamente que um raio de sol caía sobre a minha cabeça, que me tinha penetrado de um beneficente calor, e que uma voz doce e terna me convidava a viver. Reanimada por este sonho, acordei; o céu estava puro, os primeiros raios do sol douravam minha janella; visto-me á pressa

e avanço através das neves para o vasto bosque que coroava as alturas da nossa habitação.

Chegada a esta solidão, extenuada de fadiga, apoei-me contra um carvalho, e procurei com os olhos as soberbas campinas banhadas pelo Meuse, e o valle florido, onde na ultima primavera partilhára os jogos de minhas alegres companheiras.

Tudo desaparecera : o Meuse cobria os campos com suas agoas transbordadas.

Triste, ia retomar o caminho de casa, quando um raio de sol veio ferir o tronco musgoso do carvalho a que me encostára ; immediatamente vejo a meus pés um pequeno tapete de verdura, e sinto-me cercada de doces perfumes. Oh ! surpresa ! vinte tufos de violetas todos cobertos de flores se apresentam a meus olhos ! Não posso dizer o que então senti ; um suave arrebatamento se apoderou de mim ; nunca estas flores me haviam parecido tão frescas ! ellas se elevam sobre a relva como sobre um altar.

Esses perfumes suaves, a pureza d'esse raio de sol, esse vasto tapete de neve que se estendia ao longe e parecia haver respeitado o lugar onde me achava, o soberbo carvalho que protegia, que coroava com sua folhagem bronzeada esse quadro de primavera, tudo me fazia sentir uma emoção semelhante á do amor.

Então a ventura que me havia sido promettida em sonhos circulou em minhas veias, e julguei respirar um momento todas as flores da primavera, todos os prazeres da mocidade.

A este sentimento tão puro e tão vivo succedeu um

pensamento doloroso: a falta de uma amiga que pudesse partilhar e sentir minha innocente alegria. Não obstante colhi um ramilhete de violetas, introduzi o no seio, e disse comigo: Amaveis flores, eu vos consagro e dedico á amiga que o céu me der.

Que a violeta seja pois a flor querida de ti, minha Elisa, de ti, cuja amisade, mil vezes mais doce que seus perfumes, tem reanimado minha alma desgostosa do mundo aos vinte annos, como aos quinze o era da vida! Que a violeta seja a tua flor, minha unica amiga! porque ella é tambem o emblema da *modestia*.

VIORNO — EU MORRO SE ME DESPREZAES

Este lindo arbusto, que é oriundo de Hespanha, faz no inverno o ornamento dos bosques, ostentando-se coberto de verdura e flores, quando todos os outros se acham d'ellas despojados.

Nem o sopro abrasador do estio, nem o frio nordeste amortecem seus encantos; todavia, para o conservar, é preciso prestar-lhe assiduos cuidados. Symbo de uma amisade constante e delicada, dir-se-ia que procura sempre agradar, mas que fenece quando o desprezam.

VISCO — EU SUPERO E VENÇO TUDO

O visco ou agarico é um pequeno arbusto que cresce no cimo das maiores arvores; o carvalho soberbo torna-se seu escravo, e nutre-o á custa da sua propria substancia.

Os druidas tributavam uma especie de adoração a uma fraqueza tão superior á força; o tyranno do carvalho parecia lhes igualmente temivel aos homens e aos deuses.

Eis-aqui o que elles contavam para apoiar esta opinião :

«Um dia Balder disse a sua mãe Friga que havia sonhado que morria. Friga conjurou o fogo, os metaes, as doenças, a agua, os animaes e as serpentes, de não fazerem mal algum a seu filho, e as conjurações de Friga eram tão poderosas que nada podia resistir-lhe. Balder pois ia ao combate dos deuses, sem temer cousa alguma; e Loke, seu inimigo, querendo conhecer a causa, tomou a fôrma de uma velha, procurou Friga e lhe disse :

—Nos combates os dardos e os rochedos caem sobre vosso filho Balder sem lhe causarem damno.

—Eu o acredito, disse Friga, todas essas cousas m'ô juraram; nada ha na natureza que possa offendel-o: obtive essa graça de tudo quanto tem poder; ha apenas um pequeno arbusto ao qual não implorei, porque me pareceu excessivamente fraco; vegeta sobre a casca de um carvalho, apenas seguro por uma raiz; vive ali sem terra e chama-se *mistiltein*. Era o visco ou agarico.

Assim fallou Friga.

Loke correu immediatamente a procurar esse arbusto, e vindo á assembléa dos deuses, emquanto que elles combatiam contra o invulneravel Balder, porque seus jogos eram combates, approxima-se do cego Heder, e lhe diz :

— Porque não atiras tu também contra Balder?

— Eu sou cego, respondeu Heder, e não tenho armas.

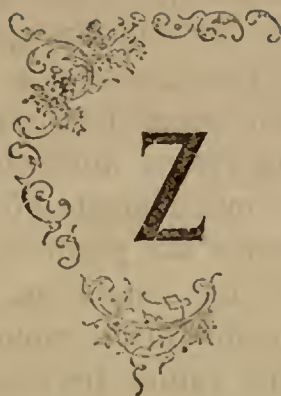
Loke lhe apresenta o agarico de carvalho, e lhe diz:

— Balder está diante de ti.

O cego Heder lança o visco; Balder cae ferido e sem vida.

Assim o filho invulneravel de uma deusa foi morto por um ramo de visco, lançado por um cego. Tal é a origem do respeito que os ganlezes tinham por este arbusto.





ZAMBUJEIRO — BAIXA CONDIÇÃO — NASCIMENTO HUMILDE
SEM MERECEMENTO

S. Paulo, fallando d'esta arvore, compara a ella o povo gentilico, quando diz: Foste povo gentilico cortado do immortal zambujeiro, e contra tua natureza enxertado em boa oliveira. Por ti nenhuma coisa merecias, e por misericordia minha tens os bens, honra e gloria que possues.

ZIMBRO — ASYLO — SOCCORRO

Os antigos tinham consagrado este arbusto ás Euménides; o fumo de seus ramos verdes era o incenso que offereciam de preferencia aos deuses infernaes; queimavam suas bagas durante os funeraes para afastar os ma-

lefcios. O aldeão simples acredita ainda que o perfume das bagas de zimbro purifica o ar, e afugenta de sua humilde choupana os genios malfazejos.

Os inglezes e os chinas gostam de decorar seus jardins com esta arvore selvagem, que se reveste algumas vezes de um amarello doirado, mas que se mostra sempre difficil á cultura. Livre, ella folga de crescer nas orlas dos bosques, onde seres fracos e timidos buscam asylo sob seus longos ramos que cobrem o solo; a lebre perseguida vae confiadamente pôr-se a coberto de seus ramos, cujo cheiro faz perder a pista aos cães; muitas vezes o tordo lhe confia sua prole, e se nutre de suas bagas, enquanto que o etomologista vae estudar, em volta de seus ramos herissados de espinhos, mil insectos brillhantes, que não têm outra defenza, e que parecem adivinhar que esta arvore é destinada a proteger sua fraqueza.



RELOGIO DE FLORA

Os antigos designavam as horas do modo seguinte :

- 1 hora. — Um ramalhete de rosas abertas.
- 2 horas. — Um ramalhete de heñotropio.
- 3 horas. — Um ramalhete de rosas brancas.
- 4 horas. — Um ramalhete de jacinthos.
- 5 horas. — Um ou mais linões.
- 6 horas. — Um ramalhete de lodão.
- 7 horas. — Um ramo de tremoço.
- 8 horas. — Uma ou mais laranjas.
- 9 horas. — Folhas de oliveira.
- 10 horas. — Folhas de alamo.
- 11 horas. — Um ramalhete de malmequer.
- 12 horas. — Um ramalhete de amores perfeitos e violetas.

Para designar que as horas são da noite junta-se a cada emblema um ramo de convolvulo nocturno.

PROPRIEDADES DAS CORES

Vermelho é o emblema da grandeza, da opulencia, da coragem, de uma boa saude, da colera, da violencia.

Côr de laranja quer dizer contentamento, satisfação, repouso da alma, sentimento de tudo quanto é bello e grande, bom gosto, dignidade, consideração de si mesmo.

Amarello significa fraqueza, tranquillidade, gostos modestos, virtudes domesticas, má saude.

Verde é o signal do prazer, da esperanza; regresso de ventura, de saude; mudança feliz em uma posição; velhice isenta de enfermidades ordinarias.

Azul claro characterisa um homem turbulento, basofio, leviano, mentiroso, egoista, a tudo disposto para se enriquecer.

Violeta é o emblema da candura, da innocencia, da ingenuidade, da humildade, da timidez, da bondade.

Azul ferrete quer dizer virgindade, pudor, culto das artes, sciencia, humanidade, discrição, circumspecção, caridade.

Preto, luto, tristeza, catastrophe, desgraça, morte, doença.

Branco, serenidade, candura, tranquillidade da alma, probidade, honestidade.

No inverno, quando apenas poucas flores arrostam com a intemperie da estação, nossos avós suppriam a sua falta servindo-se da linguagem das côres.

Nos bellos tempos da cavallaria em que a belleza distribuia as cores, e em que todas as festas eram jogos guerreiros e em que estes eram uma homenagem rendida á gloria e ás damas, conheceu-se a necessidade de crear uma linguagem, que, fallando só aos olhos, representasse os sentimentos que os labios não ousavam exprimir. Tal foi a origem da engenhosa união das divisas e das cores que distinguiram os cavalleiros.

Quando um sem esperança se apresentava na liça, provava o seu amor por prodigios de valor; porém o pendão e a charpa, misturados de vermelho e violeta, annunciavam a perturbação de sua alma.

Se depois da victoria a dama de seus pensamentos estava resolvida a por termo a seus tormentos, ella apparecia na manhã seguinte com um ramo de pilriteiro ligado com fitas encarnadas, que significava a *esperança em amor*.

A cota de armas, tinta de cinzento, indicava um ca-

valleiro ao qual a gloria afastava de combates mais doces. O amarello, unido ao verde e ao violeta, testemunhava que tudo se havia obtido da belleza amada e nunca taes cores appareciam em um guerreiro modesto.

Nossos paes iam ainda mais longe, e a arte de fazer fallar as cores estava levada a tão alto grau de perfeição, que chegaram a compor vestuarios Moraes para homem e senhora.





LINGUAGEM ALLEGORICA

Os indícios e signaes seguintes são adoptados por uma especie de convenção tacita em muitas cidades de Inglaterra.

Se um homem quer casar-se, traz um anel no dedo index da mão esquerda; se tem contrahido obrigações ou está contratado para casar, traz o anel no segundo dedo; se é casado, no terceiro dedo, e se não quer casar, no dedo minimo.

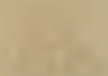
Quando uma dama é livre, traz um anel no primeiro dedo; se está contratada, no segundo dedo; se é casada, no terceiro; se não quer casar, no quarto.

Se um homem apresenta a uma dama, com a mão esquerda, uma flor, um leque, um biscoito ou um pequeno objecto qualquer de ornato, é da parte d'elle uma declaração de estima; se ella o recebe com a mão esquerda, significa que ella aceita a sua homenagem; porém se o recebe com a mão direita, é uma recusa.

THE AMERICAN

SYMBOLS OF FLORES

A. J. J. J.



THE AMERICAN
SYMBOLS OF FLORES
A. J. J. J.

DICCIONARIO

DO

SYMBOLO DAS FLORES

E SEUS NOMES



Abandono

Abrço

Acanhamento

Aceio

Actividade

Adeus que me ausento

Adoçamento

Afago

Afflicção

Agitação

Agrado

Alegria

Alegria perturbada

Anemona.

Caracoleiro.

Boas noites.

Giesta (arbusto).

Tomilho.

Mangerona murcha.

Maceira de anafega.

Cacto de grandes flores brancas.

Malmequer amarello dobrado do campo.

Saint-foin oscillante.

Malvaisco (althéa).

Oxalis alleluia.

Videira e couve.

<i>Allivio</i>	Papoula encarnada do campo.
<i>Altivez</i>	Amarilis.
<i>Alvura</i>	Argentina.
<i>Amabilidade</i>	Jasmim branco.
<i>Amargura</i>	Aloes.
<i>Amisade</i>	Hera.
<i>Amor</i>	Murta.
<i>Amor conjugal</i>	Tilia.
<i>Amor do proximo</i>	Lobelia.
<i>Amor fraternal</i>	Silindra.
<i>Amor humilde e desgraçado</i>	Botão de cravo roxo.
<i>Amor maternal</i>	Musgo.
<i>Amor occulto</i>	Clandestina.
<i>Amor platónico</i>	Acacia branca.
<i>Amor vivo e puro</i>	Cravo escarlata.
<i>Amor voluptuoso</i>	Rosa de musgo.
<i>Antipathia</i>	Cravo de Tunis.
<i>Appareça</i>	Ervilhas de fructo.
<i>Apresse-se</i>	Esporas brancas.
<i>Ardor de sentimento</i>	Hortelã pimenta.
<i>Arrojo</i>	Pinheiro bravo.
<i>Artes</i>	Acantho.
<i>Artificio</i>	Clematite.
<i>Aspereza</i>	Amor de hortelão.
<i>Asylo</i>	Zimbro.
<i>Atrevimento</i>	Veja-se — Arrojo.
<i>Attractivos</i>	Botão de cravo encarnado.
<i>Audacia</i>	Veja-se — ARROJO.
<i>Ausencia</i>	Losna.

Austeridade
Aviso
Azedume

Cardo penteador.
 Malva-pimenta.
 Berberis.



Baixa condição
Baixaça
Banquete
Beijo
Belleza
Belleza caprichosa
Belleza duravel
Belleza enganadora
Belleza sem bondade
Belleza sempre nova
Bello espirito
Beneficencia
Benevolencia
Boa educação
Boa intelligencia
Boa nova
Bom character
Bondade
Bondade perfeita
Bons costumes

Zambujeiro.
 Almeirão branco.
 Salsa.
 Veja-se — AFAGO.
 Rosa rainha.
 Rosa almiscarada.
 Goivo dobrado dos jardins.
 Datura.
 Arrebenta-boi.
 Rosa de todo o anno.
 Heleboro.
 Batata.
 Veja-se — AGRADO
 Cerejeira.
 Romã.
 Viburno.
 Verbasco.
 Espinafre silvestre.
 Morangãos.
 Arruda.

*Brevidade**Brilho**Brinquedo**Bruxaria*

Maravilhas.

Cacto especialissimo ou de
flores escarlates.

Aquilegia.

Circêa.

*Cadeia de amor**Calumnia**Candura**Capricho**Caridade**Castidade**Cautela**Chamma**Chôro**Cilada**Ciume**Concordia**Confiança**Conforto**Consolação**Constancia**Constancia eterna*

Grinalda de flores.

Ruiva.

Violeta branca.

Geranio-limão.

Veja-se — BENEFICENCIA.

Flor de laranja.

Malmequer da Secia.

Lyrio-flamma.

Helenio.

Dionea-muscipula.

Malmequer do campo ama-
rello singelo.

Palha inteira.

Hepatica.

Veja-se — ADOÇAMENTO.

Veja-se — ALLIVIO.

Pyramides azues.

Perpetua.

Coração que não conhece

o amor

Coragem

Costumes

Crença

Creancice

Crítica

Crueis tormentos

Crueldade

Cumprir vossas promessas

Cura

Curta duração

Botão de rosa branca.

Alamo negro.

Veja-se — BONS COSTUMES.

Martyrio.

Cravina.

Momordica.

Malmequer no seio.

Urtiga.

Ameixieira.

Balsamo de Judéa.

Ephemerina bicolor.



Decencia

Declaração de amor

Declaração de guerra

Defeito

Defeza

Delicadeza

Delirio

Desassocego

Desavença

Desconfiança

Descortezia

Veja-se — ACEIO.

Tulipa.

Valverde.

Meimendro.

Alfeneiro.

Escovinha.

Feto-real.

Esponjeira.

Palha quebrada.

Alfazema.

Borragem

<i>Descredito</i>	Dragoeiro.
<i>Desdem</i>	Cravo amarello.
<i>Desejo</i>	Junquillo.
<i>Desejo de agradar</i>	Mesereão.
<i>Desejo de ser correspondido</i>	Limoeiro.
<i>Desespero</i>	Malmequer e cypreste.
<i>Desgosto</i>	Veja-se — AMARGURA.
<i>Desprezo</i>	Veja-se — DESDEM.
<i>Destreza</i>	Ophris-aranha.
<i>Desvario</i>	Veja-se — DELIRIO.
<i>Devoção</i>	Rosmaninho.
<i>Difficuldade</i>	Espinhos negros.
<i>Difficuldade vencida</i>	Nicociana.
<i>Dignidade</i>	Cravo da India.
<i>Discrição</i>	Avenca.
<i>Disfarce</i>	Estramonía.
<i>Divertimento</i>	Flores do campo.
<i>Doce pena de amor</i>	Malmequer e rosa.
<i>Doces lembranças</i>	Congossa.
<i>Docilidade</i>	Junco.
<i>Doçura</i>	Ervilhas de cheiro encarnadas.
<i>Doença</i>	Anemona dos prados.
<i>Dolorosas lembranças</i>	Adonida.
<i>Dolorosas recordações</i>	Veja-se — DOLOROSAS LEMBRANÇAS.
<i>Dor</i>	Cidreira.
<i>Duração</i>	Coronilha.



<i>Educação</i>	Veja-se — BOA EDUCAÇÃO.
<i>Egoismo</i>	Narciso.
<i>Elegancia</i>	Acacia rosa.
<i>Elevação</i>	Pinheiro manso.
<i>Eloquencia</i>	Golfão branco.
<i>Embriaguez</i>	Videira.
<i>Embriaguez amorosa</i>	Heliotropio.
<i>Emmoção</i>	Betonica.
<i>Encantamento</i>	Verbena.
<i>Encantos enganosos</i>	Veja-se — BELLEZA ENGANA- DORA.
<i>Enfeites</i>	Carpinos.
<i>Engano</i>	Veja-se — CILADA.
<i>Entrevista</i>	Murrião.
<i>Ermitagem</i>	Polygala.
<i>Ermo</i>	Veja-se — ERMITAGEM.
<i>Erro</i>	Ophris de tres folhas.
<i>Esmorecimento</i>	Alface.
<i>Esperança</i>	Espinheiro-alvar ou pilritei- ro.
<i>Esperança enganosa</i>	Giesta menor.
<i>Esperança perdida</i>	Parras.
<i>Esperança receiosa</i>	Botão de rosa de musgo.

<i>Espero resposta</i>	Botão de cravo branco.
<i>Espirito melancolico</i>	Geranio triste.
<i>Esquecimento</i>	Lunaria.
<i>Esquivança</i>	Veja-se — ABANDONO.
<i>Estima</i>	Salva.
<i>Estoicismo</i>	Buxo.
<i>Eu acalmo vossas penas</i>	Malmequer e papoula.
<i>Eu jámais sou importuno</i>	Uma folha de rosa.
<i>Eu me abraso</i>	Malagueta.
<i>Eu me ligo a vós</i>	Jasmim vermelho da India.
<i>Eu morro se me desprezas</i>	Viorno.
<i>Eu não tenho pretenções ou não sou pretenciosa.</i>	Pusatilla.
<i>Eu não vos sobreviverei</i>	Amoreira preta.
<i>Eu partilho vossos senti- mentos</i>	Margarida dobrada.
<i>Eu pensarei n'isso</i>	Malmequer branco do cam- po.
<i>Eu penso em vós</i>	Amor perfeito.
<i>Eu reconheço vossos bene- fícios</i>	Linho.
<i>Eu espero e venço tudo</i>	Visco.
<i>Eu vos amo</i>	Veja-se — EMBRIAGUEZ AMO- ROSA.
<i>Excellencia</i>	Cedro.
<i>Existo para ti só</i>	Veja-se — EU PENSO EM VÓS.
<i>Expressão de amor</i>	Ervilha azul de cheiro.
<i>Extasis</i>	Angelica.



<i>Facilidade</i>	Valeriana encarnada.
<i>Falsas riquezas</i>	Girasol.
<i>Falsidade</i>	Mancenilheira.
<i>Far-se-vos-ha justiça</i>	Tussilagem cheirosa.
<i>Fatuidade</i>	Romeira de flor.
<i>Fazei-me justiça</i>	Castanheiro.
<i>Fé</i>	Veja-se — CRENÇA.
<i>Fecundidade</i>	Rosa hanqueciana.
<i>Fel</i>	Fel da terra.
<i>Felicidade suprema</i>	Centaurea.
<i>Felicidade de um instante</i>	Veja-se — CURTA DURAÇÃO.
<i>Feliz encontro</i>	Papoula côr de rosa.
<i>Fereza</i>	Veja-se — ALTIVEZ.
<i>Festim</i>	Veja-se — BANQUETE.
<i>Fidelidade</i>	Veronica.
<i>Fiel na desgraça</i>	Goivo das muralhas.
<i>Filha querida</i>	Quinquifolio.
<i>Fineza</i>	Cravo de poeta.
<i>Fingimento</i>	Veja-se — ARTIFÍCIO.
<i>Flamma</i>	Veja-se — CHAMMA.
<i>Fogo</i>	Fraxinella.
<i>Fogo do coração</i>	Rosa branca e rosa verme- lha.

*Força**Franqueza**Fraqueza**Frieza**Fricolidade**Frugalidade**Furor*

Funcho.

Vime.

Adoxa.

Agno-casto.

Veja-se — FATUIDADE.

Chicoria.

Mostarda.

*Galanteio**Galanteria**Garrida**Garridice**Gemido**Generosidade**Genio**Gentileza**Gloria**Gloria do mundo**Gordura**Graças**Gracejo**Grandeza**Gratidão*Veja-se — DESEJO DE AGRA-
DAR.

Ramalhete.

Bons-dias.

Veja-se — GARRIDA.

Faia preta.

Laranjeira.

Platano.

Rosa de toucar.

Loureiro.

Feno.

Aboboreira.

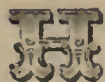
Rosa de cem folhas.

Herva cidreira.

Freixo.

Agrimonia.

<i>Gravidez</i>	Veja-se — GORDURA.
<i>Grosseria</i>	Veja-se — DESCORTEZIA.
<i>Grossura</i>	Veja-se — GORDURA.
<i>Guerra</i>	Aquilêa.



<i>Habilidade</i>	Veja-se — DESTREZA.
<i>Harmonia</i>	Lodão.
<i>Ha tudo a ganhar n'uma boa companhia</i>	Roseira no meio da relva.
<i>Honras</i>	Cruz de Malta.
<i>Horror</i>	Serpentaria.
<i>Hospitalidade</i>	Carvalho.
<i>Humildade</i>	Campainha trepadeira.



<i>Igreja</i>	Veja se — DEVOÇÃO.
<i>Igualdade</i>	Assembléas.
<i>Imagem fiel</i>	Veja-se — FIDELIDADE.
<i>Immortalidade</i>	Amarantho.

Impaciencia
Impassibilidade
Importunidade
Imprudencia
Inconstancia
Incorruptibilidade
Independencia
Indifferença
Indigencia
Indiscrição
Infancia
Ingratidão

Injustiça
Innocencia
Inspiração
Intriga
Inutilidade
Inveja
Irrisão

Balsamina.
 Carnuta cereosa.
 Bardana.
 Amendoeira.
 Onagra.
 Veja-se — EXCELLENCIA.
 Ameixieira silvestre.
 Bolsa de pastor.
 Mangericão.
 Caniço espanador.
 Veja-se — CREANCICE.
 Rainunculo amarello do campo.
 Lupulo.
 Margarida pequena singela.
 Veja-se — EXTASIS.
 Folhas de limoeiro.
 Ulmeira (herva).
 Silva.
 Botão de oiro.



Já não posso mais
Jogo
Joven

Rachel.
 Jacintho.
 Botão de rosa do toucar.

Juramento
Justiça
Juventude

Não-me-deixes côr de rosa.
 Espadinha cheirosa.
 Lilás branco.



Laços
Laços de amor
Lágrimas
Languidez
Lealdade

Veja-se — ABRAÇO.
 Madresilva.
 Veja-se — CHORO.
 Codeço dos Alpes.
 Veja-se — CONSTANCIA ETER-
 NA.

Lembrae-vos de mim
Leviandade
Ligeireza
Lisonja
Loucura
Luto
Luxo

Myosotis.
 Veja-se — IMPRUDENCIA.
 Esporas azues.
 Espelho de Venus.
 Veja-se — BRINQUEDO.
 Cypreste.
 Castanheiro da India.



<i>Magestade.</i>	Lis.
<i>Magnificencia</i>	Veja-se — BRILHO.
<i>Magua</i>	Veja-se — DOR.
<i>Maldição</i>	Cominhos.
<i>Martyrio</i>	Espinheiro.
<i>Mascara</i>	Veja-se — DISFARCE.
<i>Melancolia</i>	Chorão.
<i>Melindre</i>	Melindres.
<i>Meninice</i>	Veja-se — INFANCIA.
<i>Mensageiro discreto</i>	Cravo rosa almiscarado.
<i>Mensagem</i>	Lirio.
<i>Merito occulto</i>	Coentro.
<i>Meu reconhecimento excede vossos cuidados</i>	Dahlia.
<i>Meus dias de ventura são passados</i>	Colchico.
<i>Mexericos</i>	Veja-se — INTRIGA.
<i>Minhas saudades vos segui- rão ao tumulo</i>	Abrothea.
<i>Misantropia</i>	Parietaria.
<i>Mocidade</i>	Veja-se — JUVENTUDE.
<i>Modestia</i>	Violeta roxa.
<i>Molleza</i>	Veja-se — LANGUIDEZ.

<i>Morte</i>	Folhas seccas.
<i>Mudança</i>	Herva doce.
<i>Multidão</i>	Milho.
<i>Murmuração</i>	Veja-se — CALUMNIA.
<i>Musica</i>	Cannas.
<i>Mysterio</i>	Raizes.

N

<i>Namoro</i>	Junquillo dobrado.
<i>Namoradeira</i>	Veja-se — GARRIDA.
<i>Não abuseis</i>	Açafrão.
<i>Não digo o que sinto</i>	Malmequer na hôca.
<i>Não duvideis</i>	Papoula raiada.
<i>Não me esqueçaes</i>	Veja-se — LEMBRAE-VOS DE MIM.
<i>Não posso</i>	Botão de rosa de Jericó.
<i>Não quero</i>	Folhas de tomateiro.
<i>Não vou lá</i>	Chagas vermelhas.
<i>Nascimento</i>	Dictamo de Creta.
<i>Nascimento humilde</i>	Veja-se — BAIXA CONDIÇÃO.
<i>Negridão</i>	Ebano.
<i>Nobreza</i>	Nogueira.
<i>Noite</i>	Covovulo da noite.
<i>Nós</i>	Veja-se — LAÇOS.

Nós morreremos unidos Um montão de flôres ou fructos.

Nossos prazeres e gosos excederão nossos sofrimentos Tuberosa.



<i>Obstaculo</i>	Resta-boi.
<i>Obstinação</i>	Gramma.
<i>Odio</i>	Veja-se — ANTIPATHIA.
<i>Offensa</i>	Pimentão.
<i>Oraculo</i>	Dente de leão.
<i>Orgulho</i>	Veja-se — ALTIVEZ.
<i>Ornatos</i>	Veja-se — ENFEITES.
<i>Ousadia</i>	Veja-se — ATREVIMENTO.



<i>Paciencia</i>	Labança.
<i>Paixão</i>	Veja-se — ARDOR DE SENTIMENTO.

<i>Palavras</i>	Folhas.
<i>Passatempo frivolo</i>	Colutea.
<i>Paz</i>	Oliveira.
<i>Pejo</i>	Peonia.
<i>Pena</i>	Veja-se — AFFLIÇÃO.
<i>Pena de alma</i>	Malmequer no cabelo.
<i>Pena de amor</i>	Malmequer no coração.
<i>Pensae em mim</i>	Veja-se — EU PENSO EM VÓS.
<i>Perfidia</i>	Loureiro amendoeira.
<i>Perigos imaginarios</i>	Celestina.
<i>Perseverança</i>	Veja-se — OBSTINAÇÃO.
<i>Pezar</i>	Veja-se — AFFLIÇÃO.
<i>Pobreza</i>	Veja-se — INDIGENCIA.
<i>Poder</i>	Imperial.
<i>Poesia</i>	Roseira brava.
<i>Porfia</i>	Veja-se — OBSTINAÇÃO.
<i>Pragas</i>	Veja-se — MALDIÇÃO.
<i>Pranto</i>	Veja-se — CHORO.
<i>Prazer amoroso</i>	Flor de pecegueiro.
<i>Prazer tardio</i>	Azareiro.
<i>Preferencia</i>	Geranio rosa.
<i>Presagio</i>	Malmequer pluvial.
<i>Presumpção</i>	Herva bezerra.
<i>Pretensão</i>	Salicaria.
<i>Pretenciosa</i>	Veja-se — GARRIDA.
<i>Preversidade</i>	Crista de gallo.
<i>Providência</i>	Azevinho.
<i>Primazia</i>	Flor de maceira.
<i>Primeira emoção de amor</i>	Lilás.
<i>Prisões</i>	Veja-se — LAÇOS.

Privação
Prognostico
Proibição
Promptidão
Prosperidade
Proveito
Prudencia
Puberdade
Pudor
Puerilidade
Pureza

Myrobolano.
 Veja-se — PRESAGIO.
 Veja-se — DEFESA.
 Goivo de Mahon.
 Faia.
 Couve.
 Sorveira.
 Primavera.
 Sensitiva.
 Veja-se — MENINICE.
 Leite de gallinha.



Quero fallar-te

Alecrim.



Raiva
Raridade
Rasão
Realeza

Veja-se — odio.
 Mandragora.
 Gallega.
 Corôa de rei.

<i>Reciprocidade</i>	Botão de rosa de Alexandria.
<i>Recompensa da virtude</i>	Uma corôa de rosas.
<i>Reconciliação</i>	Aveleira.
<i>Reconhecimento</i>	Veja-se — GRATIDÃO
<i>Recordação dolorosa</i>	Veja-se — DOLOROSAS LEM- BRANÇAS.
<i>Regresso da ventura</i>	Lirio dos valles.
<i>Religião</i>	Veja-se — FÉ.
<i>Repouso</i>	Golfão pequeno.
<i>Reserva</i>	Bordo.
<i>Resfriamento</i>	Veja-se — ESMORECIMENTO.
<i>Resistencia</i>	Nostoc.
<i>Restabelecimento</i>	Veja-se — CURA.
<i>Rigor</i>	Camara do Brazil.
<i>Riqueza</i>	Trigo.
<i>Rubor</i>	Veja-se — PEJO.
<i>Rudeza</i>	Veja-se — ASPEREZA.
<i>Ruptura</i>	Veja-se — DESAVENÇA.



<i>Sabedoria</i>	Amoreira branca.
<i>Sabedoria (a) deve moderar o enthusiasmo</i>	Ramo de amoreira branca e de amendoeira.
<i>Saudade</i>	Saudade.

Sede bemfazeja

Segredo

Segurança

Sem merecimento

Sempre feliz

Sensualidade

Sentimento

Separação

Separação forçada

Serenidade

Serviço

Silencio

Simplicidade

Sinceridade

Singeleza

Socorro

Socego

Sofrimento de amor

Solidão

Somno do coração

Sortilegio

Suavidade

Submissão

Suicidio

Supplicio

Surpresa

Suspeita

Sympathia

Ramalhete de rosas abertas.

Veja-se — MYSTERIO.

Esteva.

Veja-se — BAIXA CONDIÇÃO.

Mangerona.

Veja-se — NOSSOS PRAZERES
E GOSOS EXCEDERÃO NOS-
SOS SOFRIMENTOS.

Cravo roxo.

Jasmim da Virginia.

Folhas de cypreste.

Veja-se — IMPASSIBILIDADE.

Macella.

Rosa branca.

Rosa singela.

Feto.

Veja-se — SIMPLICIDADE.

Veja-se — ASYLO.

Veja-se — REPOUSO.

Veja-se — FOGO DO CORAÇÃO.

Urze.

Papoula branca.

Veja-se — BRUXARIA.

Veja-se — DOÇURA.

Veja-se — SERVIÇO.

Consolida real.

Esponja (uma flor).

Tubera da terra.

Cogumello.

Statica maritima.

Sympathia irresistivel

Lichnis.

*Teima*

Veja-se — OBSTINAÇÃO.

Tempo

Alamo branco.

Tende valor

Alfinete côr de rosa.

Ternura maternal

Malva.

Timidez

Veja-se — ACANHAMENTO.

Tolice

Bico de grou.

Tomára eu já

Maracujá.

Trabalho

Dedaleira.

Traição

Myrtillo.

Tranquilidade

Veja-se — REPOUSO.

Transporte amoroso

Veja-se — EU VOS AMO.

Travessura

Veja-se — IMPRUDENCIA.

Tristeza

Teixo.

Tyrania

Aristolochia.

*Ultima lembrança*

Aster de flor grande.

União

Veja-se — CONCORDIA.

União de dois corações

Veja-se — BOA INTELLIGENCIA.

Utilidade

Gazon. — Relva.



Valor
Variedade
Veiu tarde
Velocidade
Veneno
Ventura
Verdade
Verdadeira amizade
Vergonha
Vício
Victima do ciúme
Victoria
Vida
Vingança
Virgindade
Virtude
Visão
Viuvez
Viver sem amar
Volte logo
Volubilidade
Voluptuosidade
Vós não me interessaes

Veja-se — CORAGEM.
 Margarida.
 Cravo branco raiado.
 Veja-se — LIGEIREZA.
 Cicuta.
 Artemisa.
 Dulcamára.
 Veja-se — LEALDADE.
 Veja-se — PEJO.
 Joio.
 Flor de limoeiro.
 Palma.
 Luzerna.
 Aconito.
 Botão de rosa de cem folhas.
 Veja-se — SIMPLICIDADE.
 Veja-se — DELIRIO.
 Saudade.
 Veja-se — FRIEZA.
 Cravo amarello raiado.
 Veja-se — NAMORADEIRA.
 Veja-se — SENSUALIDADE.
 Hortense.

<i>Vossa amisade me é doce e</i>	
<i>agradavel</i>	Glycina.
<i>Vossa presença me reanima</i>	Alecrim do norte.
<i>Vossas qualidades exceedem</i>	
<i>vossos encantos</i>	Resedá.
<i>Vosso olhar e vossa presen-</i>	
<i>ça gela-me</i>	Ficoide glacial.
<i>Vós sois bella</i>	Malva rosa.
<i>Vós sois brilhante de attra-</i>	
<i>ctivos</i>	Rainunculo asiatico.
<i>Vós sois perfeita</i>	Ananás.
<i>Vossos encantos estão gra-</i>	
<i>vados no meu coração</i>	Evonymo.



Zombaria

Veja-se — IRRISÃO.



ALMA E SENTIMENTO DAS FLORES

Os philosophos da antiguidade e principalmente Plão, Aristoteles e outros academicos, admittiam uma materia prima e agente, movendo-se por si mesma, tendo a sensação de seus movimentos, e podendo consequentemente apreciar-lhes o alcance.

Estes philosophos pretendiam que esta materia, fazendo mover e obrar tudo quanto tem movimento e acção, era não só um agente, mas ainda uma especie de alma universal do mundo.

Os animaes obrando em virtude d'esta especie de alma mobil que possuiam, e actuados por uma maior porção d'esta materia sensivel que os movia, tornam-se sensiveis elles mesmos para regular suas acções.

As plantas movidas por uma menor porção da mesma materia sensivel obravam segundo a sua composição, nu-

triam-se e cresciam como os animaes, e ainda como estes escolhiam seus alimentos, os digiriam e transformavam em sua propria essencia. Ainda mais, ellas respiravam e transpiravam como elles, o que se evidenciava pelos perfumes de suas flôres e emanações de suas folhas novas, como se pôde observar nos bosques no começo da primavera. Estes perfumes, estas emanações, provinham de uma elaboração de substancia, como entre os animaes, o que denotava uma virtude expulsiva e outras propriedades, que são as da alma.

Tudo isto tinha persuadido os antigos da existencia na natureza de uma especie de alma universal, differente da do homem, em serem suas faculdades limitadas ás operações puramente materiaes.

Pesto isto, e tendo as plantas tambem uma porção d'esta alma que se move, que tem sentimento e conhecimento, do seu movimento não será um raciocinio illogico attribuir-lhes algum conhecimento do seu estado.

Á primeira vista parece todavia que as diversas sensações da vista, do ouvido, etc., dependendo dos órgãos do animal, que pôde existir sem ver e sem ouvir, se os órgãos da vista e da audição vem a faltar-lhe; parece, dizemos, que as plantas, carecendo de todos os órgãos exteriores, não podem nem ver nem ouvir, nem articular som algum. Isto é uma verdade.

O sentimento das plantas reduz-se a sensações internas semelhantes ás dos animaes. Se ellas sentem necessidade de alimento, experimentam certo pesar se elle lhes falta: ellas definham e desfallecem como o animal. Se certas partes do seus ramos são arrancados, ellas

sentem pena e dôr. Faltando-lhes o orgão do som, ellas não podem, como os animaes, soltar queixumes contra o ferro que as fere e derruba; mas tambem a ostra não grita quando avidos dentes a mastigam. Os peixes mesmos, quando tirados da agua e cortados ainda vivos em pedaços, não manifestam a dôr que soffrem, senão por seus movimentos e convulsões. As plantas, que são privadas de movimento proprio, não têm mesmo essas convulsões, como signal de suas sensações; e a julgarmos pela vista dos sentidos, seríamos levados, como Descartes, a negar-lhes todo o sentimento. Mas entretanto se, quando á planta falta a nutrição, ella murcha e desfallece como o animal; se, quando um logar lhe desconvem, ella o manifesta por sua languidez; se, quando a ferem, similhaute ao animal que derrama o seu sangue, ella verte o pouco licor que têm as suas veias; se, como a vinha e o freixo, algumas continuam por muito tempo a destillar a seiva por suas feridas, somos forçados a confessar, que são sensações internas, as que n'ellas constituem o verdadeiro sentimento.

Poder-se-ha objectar que n'este caso a póda das plantas seria inutil e mesmo prejudicial; mas podem muito bem ser nas plantas certas partes privadas de sentimentos, como são no corpo humano as unhas e os cabellos, que apenas têm um sentimento muito vivo no logar por onde prendem as carnes. Para dar a este raciocinio a auctoridade do exemplo, citaremos alguns factos que terão o duplo merito de excitar a curiosidade, e de provar sentimento nas plantas.

Todos conhecem a *sensitiva* que, logo que é tocada,

fecha suas folhas e reúne seus pequenos ramos em mó-lho, procurando, tanto quanto lhe é possível, escapar ao toque doloroso que parece receiar. E o *heliotropio* que se volta sempre para o sol! E a *arvore triste* da India, assim chamada porque de dia fecha suas flôres e folhas, não espalhando cheiro algum, e á noite abrindo umas e outras exhala suaves perfumes! E o *tnasor* de Abyssinia de que falla o padre Kirker ¹, que, ao contrario da *arvore triste*, se eleva com o sol, cresce radioso até ao meio dia, descrece depois até ao pôr do sol, e entra na terra para apparecer novamente no dia seguinte! E tantas outras plantas dotadas de tão curiosas particularidades, não manifestam ellas todos os caracteres de sensibilidade?

As plantas de que acabâmos de fallar não são as únicas que denotam sensibilidade; o sabio Ray diz a este respeito ²:

«Em certos logares do continente africano acham-se em quantidade plantas d'essas, que os antigos chamavam *eschinomenas*, e que os modernos denominam *vivaces* e *glutinosas*, as quaes dão signaes evidentes de sentimento. Se suas folhas são tocadas com a mão ou apenas com uma vara, mesmo em pleno meio dia, ellas logo as retiram e comprimem. Ha mesmo certas especies dotadas de um sentimento mais vivo, e que ao simples contacto deixam cair suas folhas ou seccam, como se fossem geladas pelo ar frio, etc.»

¹ Magnetic. natur. regnum, p. 94.

² Flore africaine, livre III.

O *Jornal dos Sabios* de Londres corrobora este facto, citando no isthmo de Dariano ou Panamá a descoberta de um bosque, cujas arvores são todas sensitivas. Thomás Ab-Horto ¹ cita muitas plantas, uma que murcha e secca immediatamente pelo contacto; outra que o vento só é bastante para a fazer fechar; uma terceira que, ao simples toque se abate contra a terra e ahi desaparece de tal fôrma, que se torna difficil descobri-la.

O sabio Rhedi ², que é auctoridade em materia de experiencias, conta que indo para Livorno tinha encontrado sobre uma arvore um pomo selvagem da grandeza de uma laranja e da côr do cogumello, chamado *cogumello marinho*.

Querendo ver a sua fôrma, diz elle: «Apenas lhe approximei o ferro para o fender e abrir, que este pomo a cada picada e golpe que eu lhe fazia, enrugava sua pelle, a contrahia e me dava signaes evidentes de sentimento e de movimento. No seu interior todavia não continha senão um liquido salgado e limpido, e filetes em grande numero, estendendo-se de um a outro lado sem ordem alguma.»

O gentil-homem Colonne ³, sabio naturalista, diz:

«Observei muitos vegetaes abrindo suas flôres quando o sol apparece e o tempo está bom e sereno. Sempre que deve chover, ellas se fecham, e esta indicação era muito mais certa que a do meu barometro.»

E n'outro logar:

¹ Relatien do Pérou, B. xv.

² Rhedi, Experimenta, lib. II, p. 258.

³ Hist. naturelle de l'univers, liv. III. p. 219.

«Sobre uma de minhas janellas, exposta ao sul, eu tinha plantado alguns junquinhos em dois vasos de faiança. Até 15 de janeiro de 1723 o ar, tendo estado muito suave, elles tinham lançado folhas como ordinariamente. N'este dia o tempo tornou-se subitamente frio, e folhas e hastes desappareceram quasi repentinamente, como se a planta se houvera fechado ou cuberto de terra para se garantir do frio. Renovei nos annos seguintes muitas vezes esta experiencia, tendo cuidado de deixar a haste enterrada até quasi tres quartos e de todas as vezes, em circumstancias identicas, se deu o mesmo facto. Atribui esta sensibilidade á materia subtil de Descartes, e lembrei-me que esta mesma materia podia produzir o mesmo effeito sobre os Siberios e Lapões que vivem sobre a terra quando faz calor, e se enterram quando o ar está frio; o que, quanto a mim, diminuiria muito a distancia que o nosso orgulho põe entre a planta e o homem.»

Pedro Martyr⁴ diz: que nas terras dos Carios ha arvores que, no equinoxio da primavera, mergulham por si proprias suas pontas no mar, as retiram e deixam cair na terra para ali produzirem e formarem novas raizes, a fim de conservarem eternamente a propagação da especie.

O sabio Gassendi dá tambem o seu testemunho em favor da opinião do sentimento das plantas e do conhecimento de sua existencia. Mathiolo, o celebre botanico do seculo xvii, disse:

⁴ Decad. 3, liv. vi.

«As plantas têm uma alma, o que manifestam por muitos movimentos semelhantes aos dos animaes: como, por exemplo, de ver pelas raizes, que também lhes servem de bôca, de tirar a nutrição da terra, de a digerir em pouco tempo, e de a distribuir promptamente pelos ramos, hastes, flores, fructos, etc.¹

Commentando esta passagem, Gassendi tinha feito observar que as plantas alongam suas raizes para o lugar aonde podem achar uma nutrição conveniente á sua natureza; que ellas as desviam dos logares que lhes são contrarios, passando mesmo atravez de buracos e de pedras para attingir aquelles logares onde podem achar um alimento de seu gosto, fugindo dos que lhe desagradam, como, por exemplo, a couve, a abobora e outras plantas, junto ás quaes se põe o azeite, e que vão germinar mais longe e de um outro lado, porque este liquido lhe é desagradavel e nocivo. A vinha também plantada proximo de uma couve estende suas vides para o lado opposto, como se o cheiro d'esta lhe desagradasse; e o sabio philosopho concluiu d'aqui, que as plantas têm um sentimento interno, que lhes dá um conhecimento relativo do seu ser²

E mr. de Buffon, depois de Gassendi, diz:

«Se se attender á organização e á acção das raizes e das folhas, reconhecer-se-ha logo que ellas são os órgãos exteriores de que os vegetaes se servem para absorverem a nutrição; ver-se-ha que as raizes se afastam

¹ Mathiole, Déd. á la grande duchesse de Florence, 1650. liv. iv.

² Gassendi, Ep. et traités, Lion, 1658, c. xxxi

de um obstaculo, ou de um veio de mau terreno para ir procurar a boa terra; que mesmo as raizes se dividem, se multiplicam e mudam até de fôrma para procurarem a nutrição da planta. Ainda mais, os vegetaes têm a mesma faculdade de se reproduzir que os animaes, e o que é mais singular, é que ha brutos que se reproduzem como as plantas e pelo mesmo meio. A multiplicação da lagarta e do pulgão é absolutamente semelhante á das plantas por semente; a dos polypos, que se faz cortando-os, assimilha-se á das arvores por estaca. Em resumo, as plantas nutrem-se, multiplicam-se, são sujeitas a doenças e á morte: logo ellas vivem. Ellas se approximam do que lhes é proveitoso, afastam-se do que lhes é nocivo; ellas buscam certo terreno, affectam certa fôrma, escolhem seu alimento, digerem-o, fazem circular a seiva, sobretudo do lado das partes doentes ou alteradas, para as reparar: logo ellas sentem. Tudo isto dá bastante que pensar, e a alma universal de que os antigos tinham dotado o mundo poderia bem não ser uma chimera ¹.»

Este ultimo facto adquirirá um forte grau de probabilidade, se pozermos patentes as particularidades curiosas de algumas plantas, cuja organização parece ser uma transicção entre o reino vegetal e o reino animal.

Citaremos agora o *boromet* ou *plange-agneau*, de que falla o P. Nuremberg ².

«Esta planta, diz elle, muito rara, cresce junto de As-

¹ Hist. nat., liv. II.

² Hist. nat., liv. XV.

tracan, entre a Moscovia e a Tartaria. Esta planta tem a figura precisa de um pequeno cordeiro posto sobre uma haste presa ao embigo do animal, e por onde elle recebe a nutrição; esta haste eleva-se da terra promiscuamente dois pés. Diz-se que o pequeno cordeiro se apascenta da herva que cresce em volta da planta, e que quando esta falta, a planta secca e morre por falta de nutrição, posto que a haste, sobre a qual pousa, pareça dever fornecer-lh'a. Affirma-se que esta planta animal tem uma carne do gosto da do carangueijo, e que ferindo-a com um canivete verte sangue; diz-se ainda, que os lobos são muito golosos d'este cordeiro.»

O erudito Scaliger, que não acredita n'esta planta, ajunta, referindo o facto: «*Se esta herva é tal como dizem, e ella tem carne com o gosto da do carangueijo, eu não acho maravilhoso que o lobo a prefira a qualquer outra herva*¹.»

Seja como fôr, e apesar da auctoridade do sabio critico, o cavalheiro Colone diz ter possuido no seu gabinete, um dos mais ricos do seu tempo em curiosidades naturaes, uma haste d'esta planta que, diz elle: «*era precisamente como a pelle de um pequeno cordeiro que acaba de nascer, com pello misturado de branco e pardo e muito encaracolado*².»

O facto seguinte parece mais averiguado; eis aqui como o refere Wheler³:

¹ De emendatione temporum, liv. I. c.

² Hist. nat. de l'univers., tom. I, pag. 231.

³ Wheler et Kirker, Magnet. nat. reg.

«Na maior parte das ilhas do Archipelago, diz elle, cultiva-se uma especie de figueira selvagem que se chama *Ornos* e em latim *Caprificus*. Os figos que chamam *Fornitis* amadurecem uns no mez de agosto, outros em novembro. Durante o mez de outubro e de novembro, geram-se n'estes ultimos certos pequenos vermes, d'on-de saem em seguida pequenos mosquitos, que não esvoaçam senão em torno d'estas arvores. Estes insectos picam elles mesmos o segundo fructo do mesmo pé das figueiras e o amadurecem. Este segundo fructo chama-se *Gratitires*, e os primeiros figos, os *Fornites*, caem pouco depois da saída dos seus mosquitos, Os *Gratitires* ficam sobre a arvore até março, e conservam os ovos, que os mosquitos n'elles depozeram, picando-os. No mez de maio uma terceira especie de figos começa a apparecer sobre o mesmo pé das figueiras selvagens, e quando ella tem engrossado, é picada a seu turno pelos mosquitos dos *Gratitires*, que os fazem fermentar e amadurecer.»

Um facto mais convincente para a natureza animal das plantas é o consignado em uma recente compilação scientifica, e que é o seguinte ¹:

«Ha em Lenarte, nas Molucas, uma especie de arvore chamada *Catope*, cujas folhas caindo se transformam em borboletas. Estas folhas têm dois pontos negros como os olhos de uma borboleta, e vistos ao microscopio parecem como dois verdadeiros olhos. As folhas têm quatro pontos como as pernas de uma aranha, e logo que

¹ Jornal dos sabios de Londres, Suppl., setembro 1835.

cáem da arvore, ellas caminham para se juntarem á arvore d'onde provéem. Rasgando estas folhas, ellas apresentam filamentos glutinosos em quantidade prodigiosa, mas tão finos e delicados, que apenas se pôdem descobrir a olho nu.»

Um facto da mesma natureza, mais extraordinario ainda, é o que menciona uma outra collecção scientifica ¹:

«Os habitantes de Santa Lucia, lê-se alli, têm feito determinadamente a descoberta de uma planta muito singular. Ha em uma caverna d'essa ilha junto do mar uma larga bacia de 12 a 25 pés de profundidade, cuja agua é muito salobra. O fundo é formado de rochedos, sobre os quaes em todos os tempos crescem certas substancias, que á primeira vista apresentam o aspecto de bellas flores de uma côr muito brilhante, e se assimilham muito aos nossos malmequeres, excepto na côr que é mais viva. Á approximação da mão ou de um instrumento, estas flores apparentes se escondem á vista, e entram em si mesmas como um caracol que se retira e recolhe na sua casca. Examinando-as ao microscopio, vê-se no meio do seu disco quatro filamentos de côr escura, semelhantes a pernas de aranha, e agitando-se em torno de uma especie de petala com um movimento brusco e simultaneo. Estas pernas são munidas de pinças para se assegurarem da sua presa, e logo que d'ella se apoderam, as petalas se fecham para não a deixarem escapar. Esta flôr apparente tem uma haste es-

¹ Jornal de horticultura de Amsterdam, janeiro, 1840.

cura da grandesa de uma penna de corvo, e que parece ser o corpo de um estranho ser, fazendo parte a um tempo do reino animal e vegetal, nutrindo-se pelas raizes de uma substancia arenosa ou granitica, e pela haste dos insectos que o mar arroja á bacia.»

Todos estes factos parecem provar que ha nas plantas um indicio de sentimento, [de conhecimento da sua existencia, e por consequencia uma parcella d'essa alma universal do mundo dos antigos philosophos. Aquelles que não acreditam senão nos sentidos, não verão mais que movimentos semelhantes aos de um relógio que se move para mostrar as horas sem sentir e conhecer o que faz. Attribuirão logo esses movimentos combinados das plantas aos vapores de corpos, excitando outros a tal acto ; mas o homem não obra muito differentemente, e tal vapor de certos corpos lhe inspira acções bem loucas e cheias de vaidade. Parece, é verdade, conhecer o que faz, emquanto que as plantas parecem ignoral-o; mas a precisão do julgamento dos sentidos é fallivel e incompleta. Effectivamente quando um tartaro ou um china falla a quem o não entende, poder-se-ia dizer que ali não ha mais do que sons e movimentos produzidos pelo movimento do ar.

Mais vale acreditar na immensidade da Providencia, que animando tudo o que vive sobre a terra, desde a planta até ao homem, tem dado a tudo um sentimento relativo, uma alma relativa. Ás necessidades da haste ou da herba mais insignificante, que morre inapercebida sob o pé do homem, satisfazem o sol, o clima, a estação, a terra, os corpos celestes ; e porque nós não po-

demos conhecer nem o todo nem os detalhes d'esta mysteriosa harmonia, devemos desherdar de sentimento e alma todo o reino vegetal, e sobretudo, como diz tão espirituosamente Clemencia Roberta: *«As flores que, por uma excepção unica, não têm tomado das cousas do mundo senão o lado favoravel, e nunca o lado desfavoravel, tão vasto na natureza humana...»*

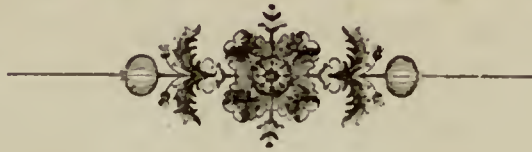
Que bello e novo attractivo para o homem, se esses entes assim privilegiados fossem mais que pura materia? Essas bellas flores que admirâmos seriam então seres animados como nós; seria tudo um mundo resuscitado e vivendo a nosso lado. Quando ellas nos encantassem pelo brilho de suas cores, quando embalsamassem o nosso olphato pelo aroma de seus perfumes, isto não seriam, é bem verdade, phrases pronunciadas e combinadas a nosso modo, mas ellas se tornariam igualmente intelligiveis.

E depois, com uma imaginação um pouco romantica, e alguma crença no systema da metempsychose, que vasto campo a sensações novas seriam as flores se, dotadas de sentimento e alma, as plantas fossem um dos graus de transição entre a materia pura e o homem immortal!

Que doce objecto de distracção para uma joven que, colhendo uma rosa, poderia dizer comsigo: «Esta rosa foi talvez uma joven como eu: houve um tempo em que teria podido ser para mim uma companheira, uma confidente, uma amiga. Quem póde narrar o drama que occultam suas folhas? Sob uma outra fôrma cheia de vida, ella foi a rosa do mundo: morta, ella é a rosa do

campo ; sempre bella, sempre admirada ; é a immortalidade da belleza!...

Em todos os casos seria uma distracção poderosa para as preocupações materialistas da epocha.



INDICE

Do que contem este volume

Prefacio dos editores.....	4
Prefacio	6
Linguagem das flores	9
Relogio de Flora.....	208
Propriedade das côres.....	209
Linguagem allegorica.....	212
Diccionario do symbolo das flores	215
Alma e sentimento das flores.....	239





9610 B



VENDE-SE

por 1:000 R.^s

nas livrarias seguintes:

Silva & C. ^a	Praça de D. Pedro	24-25
Lopes,	Rua do Ouro	132-134
Central,	"	142-144
Bordalo,	Rua Augusta	20 e 22
Lavado,	"	31 e 33
Pereira,	"	50 e 52
Campos J. ^{or}	"	77 a 81
Marques,	"	98 e 100
Zeferino,	Rua dos Fanqueiros,	87

Qualquer correspondencia poderá ser dirigida franca de porte para casa do editor J.M.B. de A. Lima, Rua de S. Filippe Nery, n.º 110 - Lisboa.





